

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE EDUCAÇÃO E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

PRESENCAS INCÔMODAS NO PORTO DE SANTOS
Uma etnografia das relações entre humanos, pombos, grãos e outros sujeitos

Sarah Faria Moreno

Orientador: Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden

São Carlos

2019

Sarah Faria Moreno

PRESENCAS INCÔMODAS NO PORTO DE SANTOS

Uma etnografia das relações entre humanos, pombos, grãos e outros sujeitos

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de São Carlos como requisito parcial para o título de mestra em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden.

São Carlos

2019

Moreno, Sarah Faria

Presenças incômodas no Porto de Santos: uma etnografia das relações entre humanos, pombos, grãos e outros sujeitos / Sarah Faria Moreno. -- 2019. 151 f. : 30 cm.

Dissertação (mestrado)-Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos

Orientador: Felipe Ferreira Vander Velden

Banca examinadora: Luiz Henrique de Toledo; Jean Segata

Bibliografia

1. Antropologia. 2. Humanos e animais. 3. Pombos. I. Orientador. II. Universidade Federal de São Carlos. III. Título.


Ficha catalográfica elaborada pelo Programa de Geração Automática da Secretaria Geral de Informática (SIn).

DADOS FORNECIDOS PELO(A) AUTOR(A)

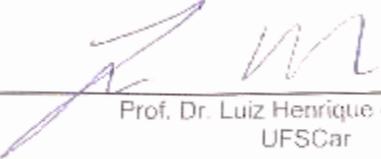
Bibliotecário(a) Responsável: Ronildo Santos Prado – CRB/8 7325

FOLHA DE APROVAÇÃO

Assinaturas dos membros da comissão examinadora que avaliou e aprovou a Defesa de Dissertação de Mestrado da candidata Sarah Faria Moreno, realizada em 27/02/2019.



Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden
UFSCar



Prof. Dr. Luiz Henrique de Toledo
UFSCar

Prof. Dr. Jean Segata
UFRGS

Certifico que a defesa realizou-se com a participação à distância do membro Jean Segata e, depois das arguições e deliberações realizadas, o participante à distância está de acordo com o conteúdo do parecer da banca examinadora redigido neste relatório de defesa.



Prof. Dr. Felipe Ferreira Vander Velden

RESUMO

Pombos são aves que convivem intensamente com os humanos em muitas partes do globo, servindo como seus mensageiros, como símbolo da paz ou como ícone religioso. Nas últimas décadas, no entanto, pombos parecem ter sido reduzidos, simplesmente, a uma praga urbana. Diante desta ambivalência dos pombos, propus-me a etnografar as relações entre pessoas e pombos no Porto de Santos, no litoral sul do estado de São Paulo, onde os pombos se fazem presentes em demasia, de forma incômoda, devido à grande movimentação de grãos no local. A partir de minha pesquisa etnográfica evidencio como os pombos são, simultaneamente, signos e agentes; como as classificações biológicas não bastam para compreender as relações entre pessoas e pombos, e como estas relações têm muito a dizer não apenas das classificações que são (im)postas aos pombos, mas ainda das disputas pelo espaço urbano e portuário e dos conflitos institucionais e políticos que ali se desenrolam. Deste modo, e a partir da antropologia, penso que esta pesquisa constitui um passo a mais para nossa imaginação de modos diferentes de conviver, em que humanos e não humanos possam viver juntos.

Palavras-chave: pombos; relações humano-animais; etnografias multiespécies; Porto de Santos; Antropologia.

ABSTRACT

Pigeons are birds that coexist intensely with humans all over the globe, serving as their messengers, as a sign of peace, or a religious icon. In the last decades, however, pigeons seem to have been simply reduced to an urban plague. Before such ambivalence of the pigeons, I set out to ethnography the relations between people and pigeons at the Port of Santos, on the south coast of São Paulo state, where the pigeons are too many and present in an annoying way, due to the large load handling of grains there. From my ethnographic research I show how the pigeons are simultaneously signs and agents; also that biological classifications are not enough to understand the relations between people and pigeons, and how these relations have much to say not only about imposed classifications to pigeons, but also about disputes over urban and portuary spaces, also, institutional and political conflicts. In this way, as of anthropological approach, I think that this research constitutes one more step to our thinking of some sort of different way of living with, on what humans and no humans can live together.

Key words: pigeons; human-animal relationships; multispecies ethnographies; Port of Santos; Anthropology

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
Ponto de partida.....	18
Metodologia e estrutura da dissertação.....	23
1. Capítulo I: Pombos no Porto de Santos I: presenças e vestígios.....	29
1.1 Aportando no campo etnográfico.....	33
1.2 A ausente presença dos pombos e seus vestígios.....	43
1.3 O programa de controle de FSN.....	53
1.4 As inspeções.....	64
2. Capítulo II – Pombos no Porto de Santos II: presenças incômodas.....	74
2.1 <i>Cagadas</i> de pombos: o incômodo com a sujeira visível e as doenças que ninguém vê.....	76
2.2 Breves apontamentos dos incômodos causados pela soja.....	86
2.3 Incômodos institucionais: como a FSN mobiliza terminais portuários, CODESP e ANTAQ.....	89
2.4 Seria o próprio porto uma presença incômoda?.....	97
3. Capítulo III – Para além do Porto de Santos: o que pode um (bando de) pombo(s)?.....	103
3.1 De pragas e aves.....	106
3.2 Outros afetos.....	112
3.3 O instante decisivo da conexão entre o céu e a terra: os pombos, o invisível e o agora.....	117
3.4 Permanecendo com a encrenca: agentes, signos e classificações.....	124
Considerações Finais.....	129
REFERÊNCIAS.....	137
APÊNDICE.....	145

LISTA DE FIGURAS

Figura 01 – Esboço autoral da vista frontal do pombal, baseado nas fotos de Dona Paloma.....	14
Figura 02 – Esquema de uma carta portulano: trama de linhas de rumo.....	24
Figura 03 – Mapa do município de Santos – SP, destacando as áreas referentes à margem direita do porto. Da esquerda para a direita: Alemoa, Saboó, Valongo, Paquetá, Outeirinhos, Macuco, Ponta da Praia.....	34
Figura 04 – Folheto informativo sobre o programa de controle de fauna sinantrópica nociva da CODESP.....	36
Figura 05 – Dependências do Porto de Santos.....	40
Figura 06 – Mapa do município de Santos, cedido pelo chefe de serviço da GESET, onde se destacam as áreas portuárias de atuação do programa de controle de pombos.....	43
Figura 07 – Bando de pombos na área primária do porto.....	47
Figura 08 – Bebedouro de mulas utilizado pelos tropeiros e viajantes no século XIX. Parte do acervo do Museu do Porto de Santos.....	49
Figura 09 – Pombos camuflados em silo (à esq.).....	50
Figura 10 – Terminal portuário da Marinha. Ao centro da imagem, pombos empoleirados numa estrutura; abaixo, vestígios de pipoca, penas e fezes de pombos.....	52
Figura 11 – Dispositivo eletromagnético.....	54
Figuras 12 e 13 – Pombos driblando barreiras.....	57
Figura 14 – Gate 12 ilustrando a presença de grãos de soja no solo e a instalação de telas em seu teto. O “xis” preto próximo às luminárias são os zíperes costurados na tela.....	61
Figura 15 – Cais portuário em paralelepípedo com trechos corroídos.....	67
Figura 16 – Poça d’água turva com grãos de soja no cais portuário.....	68
Figuras 17 e 18 – Acima, fronteira entre terminais de açúcar e soja, com sacas de açúcar e poças d’água turvas; abaixo, montes de açúcar espalhados no cais portuário.....	69
Figura 19 – Descarregamento de grãos via caminhão.....	71
Figuras 20 e 21 – Acima, vista aérea da localização dos gates em relação à GESET com indicadores de acesso ao porto. Abaixo, vista do acesso ao Gate 12, a partir da Avenida Perimetral.....	77
Figura 22 – Fezes de pombos amontoadas num armazém em obra.....	86
Figura 23 – Vista aérea do terminal de contêineres.....	92
Figura 24 – Parte da área inspecionada do terminal ferroviário.....	96
Figura 25 – Parte do Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos da PRCEU – USP.....	109
Figuras 26 e 27 – Pombos coloridos artificialmente em Veneza pelos artistas Julius Von Bismarck e Julian Charriere.....	114
Figuras 28 e 29 – Fotografias de Andrew Garn.....	116
Figura 30 – Fotografia de um pombo, tirada por Alyson Montrezol e extraída de sua conta no Instagram.....	124
Figuras 31, 32 e 33 – Fotos do senhor José nos jornais.....	131

LISTA DE SIGLAS

ANTAQ – Agência Nacional de Transportes Aquaviários
ANVISA – Agência Nacional de Vigilância Sanitária
CODESP – Companhia Docas do Estado de São Paulo
CDS – Companhia Docas de Santos
CETRE – Centro de Treinamentos
CFBio – Conselho Federal de Biologia
DOU – Diário Oficial da União
EPI – Equipamento de Proteção Individual
FSN – Fauna Sinantrópica Nociva
GECAM – Gerência de Controle Ambiental
GEMAM – Gerência de Meio Ambiente
GESET – Gerência de Segurança do Trabalho
IBAMA – Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis
IN – Instrução Normativa
NDCC – Navio de Desembarque de Carros de Combate
PRCEU – Pró Reitoria de Cultura e Extensão Universitária
SEMAM – Secretaria Municipal do Meio Ambiente
SEVICOZ – Seção de Vigilância e Controle de Zoonoses
UFSCar – Universidade Federal de São Carlos
UNIFESP – Universidade Federal de São Paulo
UNIP – Universidade Paulista
USP – Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

O Brasil tem vivido tempos sombrios. Tempos de golpe, de cortes e retrocessos. Diante deste cenário, cada dia mais preocupante, gostaria de exaltar a importância do incentivo à pesquisa científica no país. Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), que tornou a presente pesquisa possível.

Também gostaria de enfatizar, em meio a um cenário cada vez mais caótico no que diz respeito à saúde, sobretudo mental, de estudantes de pós-graduação, a importância das pessoas que compõem o meio acadêmico, mas em especial a do orientador. Realizar uma pesquisa de mestrado não é uma tarefa das mais simples e fáceis. Também não acredito que assim deva ser. Mas angústias e momentos difíceis são recorrentes durante este trajeto, especialmente quando nos vemos, pela primeira vez, sozinhos em campo. Diante de tanta arduidade presente no meio deste trajeto, sou muito grata ao Professor Felipe Vander Velden, não apenas por sua orientação cabal e ímpar nestes quase três anos, mas por todo o apoio que me concedeu, sobretudo nas situações mais adversas e inusitadas, essencial para que eu garantisse compasso e harmonia entre mente e pesquisa. Sem esse apoio e sua orientação, essa pesquisa também não poderia ter se concretizado.

Às demais pessoas que compõem o meio acadêmico, sou grata a todos os ensinamentos que tive o prazer de absorver dos docentes do PPGAS/UFSCar, tanto na graduação quanto no mestrado, em especial à Professora Catarina Morawska Vianna que muito me incentivou academicamente, ao Professor Piero Leirner e ao Professor Danilo Souza Pinto, da UESB, por suas leituras, avaliações e participação em meu exame de qualificação. Além dos ensinamentos dos professores, também sou grata a toda a equipe administrativa do PPGAS: o secretário Fábio Urban e os estagiários Letícia da Silva, Aldrey de Oliveira e Matheus Mello.

Aos colegas e amigos de pós-graduação, sou grata pelas conversas, leituras e compartilhamento de ideias, sobretudo aos colegas do grupo Humanimalia: Ariane Vasques, Bruno Guillard, Bruno Silva, Gabriel Sanchez, Izadora Acypreste, Luisa Fanaro e Miriam Stefanuto. Também às companheiras de sala de aula Adriana Werneck e Sofia Scartezini pelos diálogos e auxílio mútuo. Um agradecimento especial aos queridos, também do Humanimalia, Ana Luisa Nardin e Tullio Maia, pela amizade que construímos para além da sala de aula e de nosso grupo de pesquisa, pelo carinho recíproco que nutrimos e pelas ideias antropológicas, biológicas e filosóficas inspiradoras que trocamos.

Ainda no âmbito acadêmico, sou grata aos demais antropólogos e sociólogos que puderam me auxiliar em minha pesquisa de diversas formas, seja pela leitura cuidadosa de meus escritos, pelas ideias e sugestões e pelas conversas antropológicas sobre os humanos e não humanos: Andrea Osório, Caetano Sordi, Ciméa Bevilaqua, Igor Scaramuzzi, Izabel Missagia de Mattos, Natacha Leal e Senilde Guanaes.

A todas as pessoas que me acolheram em Santos, sou grata às antropólogas Íris Morais Araújo e Mariana Martinez e ao sociólogo Luciano Freitas Oliveira, pelo ombro amigo e pelas conversas regadas por café e cerveja; e às companheiras de moradia, Beatriz Kovacs, Cristhina Siegle, Rafaela Kudrik, Sandrelle Maria, Stéphanie Magalhães e Thaina Torres. Um agradecimento mais que especial e sincero ao pessoal do Porto de Santos e da GESET, pela confiança e solicitude que tiveram para comigo: Daniel Ragoneti de Moraes, Edson Lima Vasconcelos, Marcela Cristina Mendes Ribeiro, Natália de Oliveira Simonetti Signer, Noéle Guimarães Renó Ribeiro Florindo, Walter Curvelo de Mendonça Judice e a todos os que se dispuseram a conversar comigo e me fazer entender o ambiente portuário. Agradeço à disponibilidade de Leonardo Casadei e Sandra Pivelli pelas conversas e oportunidade de participar de um encontro de observação de aves na cidade e, ainda, ao professor e fotógrafo Alyson Montrezol e seu assistente Paulo Correa, por me concederem uma entrevista, já na reta final desta dissertação, a respeito da *#pomboterapia*, que muito enriqueceu minha pesquisa, trazendo novas percepções e olhares sobre os pombos.

Aos amigos de curta e longa data, sou grata pelo apoio, carinho e parceria de sempre: Bruno Stein, Erika Ribeiro, Felipe Sousa, Fernando Guimarães, Jennyfer Jurgensen, Karine Imroth, Magê Lopez, Manoela D'Andréa, Mayara Suni, Nathália Zapparoli, Rafael Magossi, Selma Ramos e Thalles Breda. Vocês alegram a vida e dão um sentido a mais ao mundo.

Por fim, sou grata aos meus familiares, consanguíneos e afins, por sempre acreditarem e me incentivarem em minhas escolhas e decisões, e pelo apoio em todo e qualquer momento. Aos meus irmãos Ágata e Boris, à Helena Bortolotto e especialmente aos meus pais, Bel e Reinaldo Moreno, que desde muito cedo me ensinaram e incentivaram a ler e a escrever, e talvez sequer imaginem que, ao me deixarem brincar com uma máquina de escrever quando criança, seriam responsáveis pelo desenvolvimento de meu gosto pela escrita.



A antropologia nos mostra que o que nos parece eterno, este presente no qual estamos agora trancafiados, é apenas uma entre milhares de outras maneiras já descritas de se viver a condição humana. Assim, mesmo que a solução que queremos para o futuro – algum modo diferente de conviver entre humanos, bem como entre humanos e não humanos – ainda não exista, resta-nos ao menos a esperança de inventar maneiras originais de habitar a terra, uma vez que outras civilizações e outras sociedades já o fizeram antes de nós. A antropologia nos oferece o testemunho das múltiplas soluções encontradas para o problema da existência em comum. Uma vez que todas essas soluções foram imaginadas por homens, não é proibido pensar que nós também podemos imaginar formas novas, quem sabe até melhores, de viver juntos.

Philippe Descola (2016:26-27)

Assim, como a planta cresce a partir de sua semente, a linha cresce a partir de um ponto que foi posto em movimento.

Tim Ingold (2012:26)

INTRODUÇÃO

Sexta-feira, 02 de junho de 2017. Eu e Alonso¹ tínhamos acabado de voltar de uma inspeção na área primária do cais portuário santista. Estávamos no corredor da gerência, tomando café e conversando sobre a inspeção e minha pesquisa – como de costume – quando Virgílio juntou-se a nós imitando o arrulhar dos pombos. Ele e Alonso me perguntaram se eu já havia conhecido Dona Paloma, precursora no controle de pombos no porto. Não a conhecia e, segundo eles, precisava conhecer. Alonso prontamente me levou até sua sala para que a conhecesse e pudéssemos conversar sobre os pombos no porto.

Dona Paloma é bióloga, mas não trabalha mais nessa função na gerência. Ela me contou que, no ano de 2004, desenvolveu o projeto de um pombal que foi instalado no porto, onde ainda hoje opera um terminal de grãos (Figura 01). Ela disse que não poderia me passar nada da pesquisa que fizera na época, por se tratarem de dados internos da estatal responsável pelo porto, mas me mostrou algumas fotos desse pombal. A ideia de se ter um pombal dentro do porto era fazer com que os pombos se aninhassem ali para que, quando pusessem os ovos, estes fossem substituídos por ovos falsos de plástico. A utilização de ovos falsos, no caso dos pombos, funciona como uma medida de controle de natalidade destas aves, isto é, ao substituir os ovos verdadeiros por ovos falsos, não há nascimento de pombos – diferentemente, por exemplo, da técnica utilizada por criadores de canários (SANCHEZ, no prelo), em que os ovos falsos servem para permitir um rodízio dos ovos chocados e, portanto, fazer também com que de todos os ovos (verdadeiros) nasçam (e sobrevivam) canários². Paloma explicou-me que o pombal era bem alto, feito de zinco e que não poderia ser pintado, pois o cheiro da tinta espantava os pombos. Os ninhos, por sua vez, eram feitos com cascas de coco.

Entretanto, este “piloto”, como Dona Paloma o chamou, não deu certo. A seu ver, devido à ignorância das pessoas e a algumas circunstâncias. O que ela me contou foi que não existia uma pessoa responsável pela limpeza do local, que ficava cheio de fezes de pombos e que, deste modo, as pessoas preferiam reclamar da sujeira. Além disso, para fazer a limpeza adequada do local, era necessária a utilização de água; contudo, pela proximidade do cais, essa água não poderia ser despejada no mar, mas em caixas de contenção – as quais também não existiam. Por fim, Dona Paloma contou-me um episódio que ocorreu duas vezes. Como o

¹ Todos os nomes de meus interlocutores no Porto de Santos aqui descritos são pseudônimos.

² Para mais informações sobre a utilização de ovos plásticos na carnicultura, bem como sobre a relação de convivência entre canários e criadores, ver G. Sanchez (no prelo).

pombal era alto, havia uma escada ali para que fossem feitas as manutenções necessárias, como a retirada de ovos. No entanto, essa escada foi roubada duas vezes. Na opinião de Dona Paloma, o próprio pessoal que trabalhava naquela região a teria roubado, propositalmente, para acabar com o pombal. Inclusive, esse mesmo pessoal falava sobre acionar a ANVISA – por conta das fezes de pombos acumuladas no local – para acabar com o pombal.

Depois de me contar toda essa história, Dona Paloma perguntou se eu gostaria de ir até o local para vermos se o pombal ainda existia, afinal, era bem perto de onde estávamos. Fiquei muito empolgada e, certamente, aceitei o convite. Atravessamos duas avenidas, a linha férrea, e logo estávamos no terminal de grãos – onde outrora havia o pombal de Dona Paloma. Começamos a sondar o território em busca da estrutura. Chegamos num limite: uma cerca que fazia fronteira com o cais. E tudo o que encontramos ali foi um pombo morto e uma poça d’água na terra, turva, com grãos de soja e de aspecto pantanoso. Tive certeza de que estávamos no local correto, pois, ao lembrar-me das fotos que Paloma me mostrara, identifiquei os silos que apareciam ao fundo – mas nenhum pombal permanecera.

Enquanto sondávamos o território, sem saber, também estávamos sendo sondadas. Um funcionário do terminal chegou até nós cumprimentando-nos e querendo saber o que fazíamos ali. Sem demora, Dona Paloma passou a contar-lhe a história do pombal com entusiasmo, mas ele não podia nos confirmar o que havia acontecido, pois era novo no terminal. Ele então nos perguntou se gostaríamos de conversar com Patrícia, enfermeira e responsável pelo programa de controle de pombos deste terminal de grãos, ao que respondemos positivamente. Fomos para debaixo de um dos silos, onde ele tocou o interfone e a chamou.

Quando Patrícia chegou, Dona Paloma logo começou, mais uma vez, a história do pombal. Talvez Patrícia tenha entendido que o pombal fosse algo para criar pombos ou os manter ali, pois ela respondeu, num tom de alívio, que “*graças a Deus*” não sabia de nenhum pombal. Paloma lhe explicou que era uma maneira de fazer o controle das aves no porto, e passamos a conversar sobre as medidas adotadas atualmente, inclusive pelo terminal de grãos. Patrícia conversou conosco muito brevemente, indicando algumas dessas medidas de controle: a espícula, o fio tensor, barreiras físicas e um painel hipnótico³. No entanto, ela sugeriu que, se eu tivesse mais interesse nisso, eu poderia olhar o site de uma empresa especializada em controle de pombos, pois eles se basearam nas medidas dessa empresa. Ela não nos deu muita atenção e explicou que era seu último dia antes de entrar de férias e

³ Explicarei no que consiste e como funciona cada uma destas medidas na seção 1.3 do Capítulo I.

precisava organizar muitas coisas. Durante essa nossa conversa, permanecemos abaixo do silo – e tanto Patrícia, quanto o outro funcionário, demonstrava preocupação quanto a isso, sempre garantindo que nos mantivéssemos abaixo da parte coberta –, pois a todo o tempo caíam grãos de soja em seu entorno.

Como eu e Paloma havíamos nos interessado pelo painel hipnótico – uma medida de controle que, até então, nunca tínhamos visto ou ouvido a respeito –, saímos a sua procura, seguindo adiante no terminal, onde disseram que poderíamos encontrá-lo. Mais uma vez não obtivemos resultado em nossa busca: não encontramos nada similar a um alvo – como eles o haviam descrito. No entanto, pudemos observar uma grande revoada de pombos sobre os silos do terminal de grãos. Fotografei-a rapidamente e Dona Paloma me advertiu para que eu fosse breve e que não me deixasse ser vista fotografando, pois poderiam entender que se tratava de alguma fiscalização ou algo que pudesse comprometer o terminal. Logo em seguida, avistamos um rapaz que estava de passagem, a quem perguntamos se sabia algo sobre o painel hipnótico. O rapaz nos disse que o painel existe, mas que não é um método tão eficiente contra os pombos – embora cause uma confusão no voo dos mesmos – pois desbota muito rápido. E era justamente por isso que não o encontramos ali: o painel havia sido retirado para manutenção (retoque da pintura). Conversamos mais um pouco, a fim de contextualizar o rapaz sobre o que fazíamos ali e, esgotada nossa expedição em busca do pombal, eu e Paloma retornamos à gerência – visto, ainda, que o horário de almoço se aproximava.

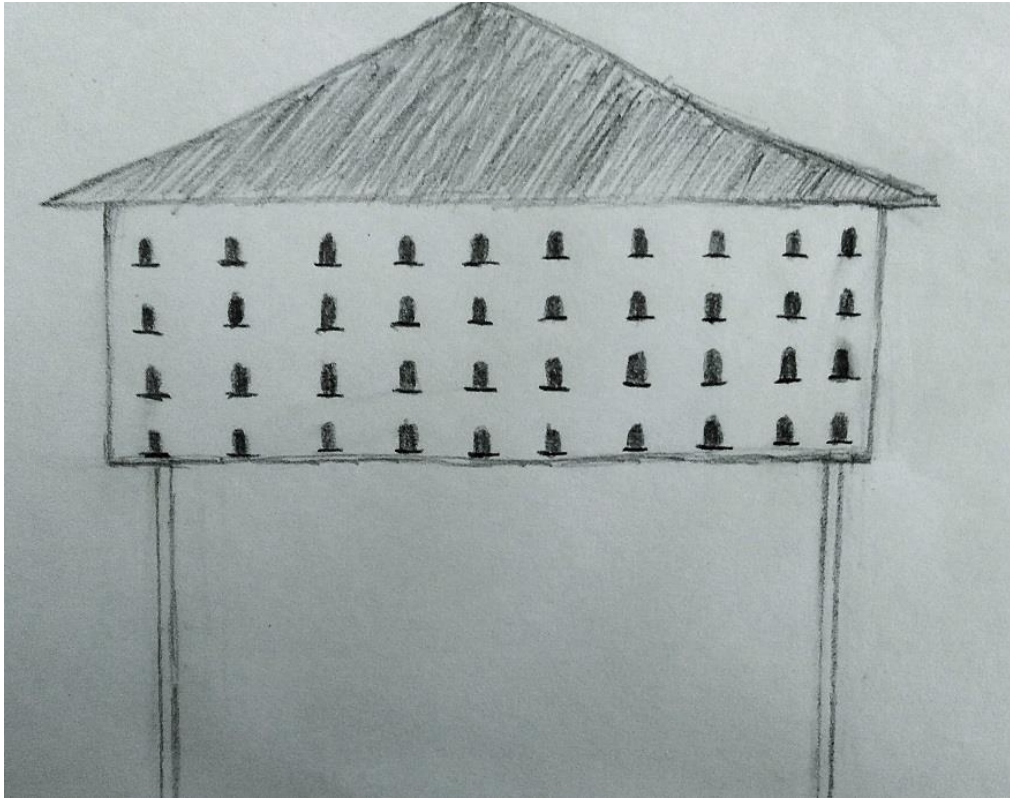


Figura 01 – Esboço autoral da vista frontal do pombal, baseado nas fotos de Dona Paloma. Fonte: Diário de campo, 05 de junho de 2017.

A presente dissertação é fruto de minha pesquisa de mestrado em Antropologia Social, que teve por objetivo investigar as relações entretecidas entre humanos (*Homo sapiens*) e pombos urbanos (*Columba livia*) na cidade de Santos – SP, em especial no porto e seus arredores. As principais questões envolvidas nestas relações são de grande interesse antropológico para se pensar, sobretudo, nos debates sobre natureza e cultura, nas relações entre humanos e animais, nos próprios animais, nas disputas por territórios – no que concerne à sujeira e doenças causadas pelos animais, nas políticas e práticas de controle de animais e outros sujeitos indesejados nos espaços em que, supostamente, não devem habitar. Assim, este primeiro relato etnográfico ilustra boa parte dos assuntos que compõem esta dissertação: a presença incômoda dos pombos (que ora se faziam fisicamente ausentes) e de suas fezes no porto, os programas e medidas ali utilizados para a realização do controle das aves e de outros animais considerados sinantrópicos nocivos, os conflitos institucionais envolvendo autoridades dentro do porto, e a presença de outros sujeitos que podem vir a ser incômodos – como a soja, por exemplo. A partir de minha pesquisa sobre as relações entre humanos e pombos no Porto de Santos, estes assuntos emergem como possibilidades de se pensar os espaços portuário e urbano, as políticas instituídas nesses espaços e suas autoridades e hierarquias, as classificações em que os animais são colocados – seja nas conversas informais

com as pessoas, seja juridicamente –, e no que essas classificações implicam, bem como as disputas em torno da posição simbólica dos pombos (símbolo de paz, amor, pureza, ou de doença, degradação e sujeira).

Meu principal objetivo, portanto, é entender o que é e o que pode um pombo em sua condição simultânea de “animal-agente” e “animal-signo”. Estas são duas perspectivas que têm sido utilizadas por antropólogos para se pensar (com) os animais. Entendê-los como agentes significa que são seres ativos, sujeitos, que agem no, e com o, mundo; ao passo que pensá-los como signos (símbolos, metáforas, representações) sugere que sejam bons para se pensar as sociedades humanas, nos animais como portadores ou veículos de sentidos e questões humanas. Ao tomar estas duas perspectivas, sigo a proposição de Felipe Vander Velden (2015) de que os animais podem ser, e são, agentes e signos ao mesmo tempo, e que não é preciso escolher entre uma das duas perspectivas antropológicas. Foi exatamente isso que verifiquei em relação aos pombos no contexto específico do Porto de Santos e para além dele, na própria cidade de Santos – SP, bem como em cidades mundo afora, onde outros tipos de relação são constituídos.

Santos é uma cidade portuária do litoral sul do estado de São Paulo, e se mostrou como um rico lócus de pesquisa por ser, concomitantemente, uma cidade histórica, turística e de grande importância econômica, justamente por conta de seu porto, o maior do Brasil e da América Latina. Sua proximidade com a capital paulista (77 km de distância) e, principalmente, suas praias, atraem muitos turistas paulistanos aos finais de semana e feriados. Além disso, Santos é considerada uma boa cidade para se envelhecer, por apresentar ótima qualidade de vida, sobretudo para pessoas acima de 60 anos – conforme o Índice de Desenvolvimento Urbano para Longevidade (IDL) de 2017⁴. De fato, no período em que estive em Santos (março a julho de 2017), o qual coincidiu com a baixa temporada (outono e inverno), percebi que boa parte da população da cidade era, aparentemente, idosa. De acordo com o censo de 2010 do IBGE⁵, as faixas etárias de 30 a 39 anos, 40 a 49, 50 a 59 e acima de 70 anos, apresentam uma população acima de 40 mil habitantes – ao passo que, as demais faixas etárias apresentam números inferiores. Além disso, também era notória a dinâmica aos finais de semana, sobretudo nas praias que, durante a semana, eram calmas e vazias – apenas com a presença de alguns comerciantes, de algumas pessoas que faziam atividades físicas e, claro, dos pombos.

⁴ <https://idl.institutomongeralaeon.org/santos>.

⁵ <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/santos/pesquisa/23/25888?detalhes=true>.

Minha escolha por realizar pesquisa etnográfica no Porto de Santos se deve por este ser considerado o grande responsável pelo aumento da população de pombos na cidade de Santos. Em função da grande movimentação – a cada ano maior – de grãos de soja e milho, principalmente, e devido ainda à arquitetura portuária, os pombos encontrariam alimento e abrigo em abundância na região, o que levaria ao aumento significativo de sua população. Além disso, o porto também se apresentava como uma presença ambígua para a cidade, praias e habitantes santistas, ora como de crucial importância econômica, ora como responsável por sujar as praias e por ser considerado como uma das regiões mais perigosas da cidade. É válido destacar que o Porto de Santos ocupa áreas tanto em Santos quanto do Guarujá – SP (cidade e ilha vizinha); no entanto, os ganhos econômicos com a movimentação de cargas no porto parecem ser mais atribuídos a Santos – que dá nome ao porto – do que ao Guarujá – onde também operam atividades portuárias, por exemplo. Por outro lado, as praias de Guarujá, diferentemente das de Santos, são consideradas mais belas e limpas – o que pode sugerir, mesmo que de uma maneira genérica, a associação de que, quanto maiores e mais lucrativas as atividades portuárias, mais elas se refletem de forma negativa nas praias; isto é: Santos, que mais se beneficia economicamente do porto, possui as praias mais feias e sujas, conforme me foi apontado por alguns interlocutores habitantes da cidade.

Embora essa posição ambígua do porto muito me interessasse, sobretudo para pensar em algumas questões referentes aos espaços urbanos, fronteiriços e dos animais, o que mais me interessava era saber sobre os pombos da cidade e do porto – que eram vistos também como diferentes, conforme me sugeriu uma técnica portuária ao dizer que “*os pombos aqui do porto são mais bonitos, mais gordinhos, porque se alimentam melhor*”. A princípio, pesquisei por notícias para tentar entender essa relação entre os pombos e o porto, isto é, porque os pombos estavam sendo um problema e porque se noticiava tanto sobre o assunto. Encontrei alguns dados divulgados em diversas notícias do jornal local *A Tribuna* a respeito de uma pesquisa realizada por Eduardo Filetti, médico veterinário e docente na UNISANTA, e seus alunos. Pelo que pude entender a partir das notícias – pois não encontrei nenhum outro tipo de publicação dessa pesquisa, muito menos consegui contatar Filetti – a pesquisa tinha dois propósitos: contabilizar o aumento da população de pombos na cidade e analisar a presença de patógenos em suas fezes. Nas edições da *Tribuna* de 22 de março de 2007 e de 25 de junho de 2015 é possível encontrar as notícias que registram um aumento considerável de pombos na cidade: 80 mil pombos em 1995, 160 mil no ano de 2005, e 250 mil em 2012. As notícias apenas divulgam que o método utilizado por Filetti, para contabilizar as aves, foi a bioestatística, sem maiores detalhes. Já o segundo procedimento, para verificar a existência de

patógenos nas fezes dos pombos, é mais detalhado, explicando que os alunos de Filetti saíam às ruas pela madrugada (para não ter influências do sol) e forravam o chão com plástico para coletar as fezes dos pombos no momento em que eram expelidas. Estas notícias, mesmo que não apresentassem grandes detalhes e informações sobre os pombos e as pesquisas que estavam sendo feitas, permitiram-me concluir que, de algum modo, havia pessoas preocupadas e interessadas na relação entre pombos-cidade-porto. Continuei minha busca por mais dados a respeito e também pude encontrar informação de que a Prefeitura Municipal de Santos, no ano de 2016, realizava um programa de conscientização da população a respeito dos possíveis riscos que os pombos podem trazer e quais medidas se deviam tomar para afastá-los. Este programa consistia em vários pontos de informação instalados pela cidade, em locais estratégicos, como praças e nas praias.

Essas informações já haviam me despertado interesse suficiente para averiguar essa relação pombos-cidade-porto de perto. Ademais, cerca de cinco meses antes de eu ir, de fato, para Santos iniciar meus trabalhos de campos, quando procurava algum meio de entrar em contato com o Porto de Santos, encontrei o contato de um médico veterinário responsável por um programa de controle de pombos dentro do porto. Tive a certeza de que esta seria minha porta de entrada em campo e no porto – e, de fato, foi. Assim, minha inserção em campo se deu a partir da CODESP (Companhia Docas do Estado de São Paulo), autoridade portuária, e seus programas de controle de pombos e outros animais considerados sinantrópicos nocivos. Uma vez inserida, pude acompanhar os técnicos portuários em suas inspeções de controle por todas as áreas da CODESP; noutros momentos também tive liberdade para acessar algumas áreas específicas, sozinha, a fim de conversar com funcionários da CODESP. Ao longo dessas atividades, pude entender o funcionamento do porto e perceber a presença dos pombos ali, majoritariamente como uma presença incômoda, mas, por vezes, como uma presença ausente, indiferente, ou já habitual no ambiente. Além disso, eram muito raras as pessoas que afirmavam ter algum tipo de simpatia por estas aves. As que o tinham, o demonstravam em falas que apresentavam certa indiferença quanto a sua presença no porto, complementando com algum sentimento de pena, dó, ou compaixão pelas aves, por serem vistas geralmente como uma praga.

Deste incômodo e desta indiferença para com os pombos, diversas questões emergiram fazendo com que eu percebesse o campo etnográfico de maneira sensorial – para além do que somente o diálogo com as pessoas –, inspirada pelas orientações fenomenológicas de Tim Ingold (2000; 2010). Isto é, utilizei como ferramenta metodológica de pesquisa, além do trivial nas etnografias, a percepção e experimentação sensorial do porto,

atendo-me às sonoridades, aos odores, aos agentes e fluxos em relação no ambiente, o que funcionou de maneira estratégica para uma etnografia das relações entre humanos e animais. Como em determinados momentos os pombos se faziam ausentes fisicamente, ou eu mesmo sentia dificuldade em visualizá-los, notei que, ao me ater a outras percepções sensoriais eu poderia, assim, percebê-los, tanto em sua presença física, quanto na forma de seus rastros e vestígios: seus corpos mortos, suas penas, suas fezes no solo, ou mesmo uma revoada de pombos após algum alto e inesperado barulho, por exemplo. Além disso, também pude entender que, além destas percepções auxiliarem, ou mesmo possibilitarem, minha percepção do animal, sobretudo por meio de seus rastros, estes rastros parecem ser justamente a parte que se torna um problema às pessoas e a que querem combater – tema que será discutido ao longo desta dissertação. Antes de avançar nestas discussões e iniciar o primeiro capítulo, gostaria de explicar como se deu o processo de meu interesse por uma pesquisa sobre as relações entre humanos e pombos e como esta dissertação está estruturada.

Ponto de partida

Estudar a relação entre humanos e pombos na antropologia pareceu-me uma ideia promissora em minha trajetória de estudos sobre humanos e não humanos. Com especial foco no que dizia respeito às emoções e efeitos estéticos provocados ou produzidos por seres não humanos, especificamente os chamados monstros⁶, desenvolvi minha monografia⁷ de graduação em Ciências Sociais na UFSCar sob orientação do professor Jorge Leite Jr. Nessa mesma época, tive um primeiro contato com o campo das relações entre humanos e animais, na antropologia, a partir de uma disciplina oferecida, para a graduação, pelo professor Felipe Vander Velden, o que me despertou o interesse, a princípio, pelos sentimentos que animais instigam aos humanos. Por estar trabalhando, na época, com aspectos referentes à estética, comecei a pensar como esta poderia ser um critério, talvez determinante, para os sentimentos – ou ao menos um tipo de (não) apreço – dos humanos por certos animais.

Essa ideia tomou forma depois de ouvir, pela primeira vez em aula, sobre um dossiê organizado por Deborah Bird Rose e Thom van Dooren (2011:01) a respeito dos chamados “outros não amados” (*unloved others*). Na definição dos autores, estes outros não amados são

⁶ Monstros são aqui compreendidos, sumariamente, como sujeitos não humanos que dominam o imaginário ocidental, como criaturas fantásticas, por exemplo, bem como sujeitos transgressores daquilo que é considerado humano – seja por sua estética física, seja por seu comportamento (COHEN, 2000; GIL, 2000).

⁷ MORENO, Sarah F. *O que os monstros nos ensinam sobre o amor: uma análise de A Bela e a Fera*. 2015. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, São Carlos.

animais e outros sujeitos não humanos – em sua maioria, não mamíferos – que não são tão bem quistos e/ou apreciados pelas pessoas. Isso se deve por não capturarem a atenção e afeição humanas e por não serem tidos como belos, como são grandes animais mamíferos que são encontrados, sobretudo, em zoológicos e que cativam os humanos (tigres, baleias, pandas gigantes, entre vários outros). Além disso, os outros não amados são negligenciados e, por vezes, tidos ainda como “alvo de morte”, como é o caso dos urubus (VAN DOOREN, 2011), dos carrapatos (HATLEY, 2011), dos morcegos, ou raposas voadoras (ROSE, 2011), entre outros que figuram nos artigos que compõem o referido dossiê.

Neste instante – após concluir minha monografia sobre os monstros e tomar ciência sobre estes outros não amados – passei a pensar que alguns animais poderiam se assemelhar aos monstros, partindo, a princípio, apenas de um pressuposto estético do animal. Logo me ocorreu a ideia de pesquisar a relação entre humanos e pombos, uma vez que, num primeiro momento, entendia que a estética desses animais era determinante para o tipo de relação que se constituía: ora simbolizam a paz, o amor romântico, a pureza (quando na cor branca), ora significam uma praga urbana (nas suas demais cores, sobretudo, cinza e marrom). No entanto – e aqui já adianto algumas de minhas constatações em campo – percebi que a estética física do pombo dizia menos respeito a esta aproximação com os monstros do que, por exemplo, seus hábitos e ações. Isto é: em certa medida, os pombos se assemelham demasiadamente com os humanos, uma vez que se adaptaram à vida urbana habitando as cidades, são onívoros e monogâmicos, e estão presentes no mundo todo – ao que parece, com uma população cada vez maior. Todavia, embora se assemelhem, isso não faz dos pombos humanos, mas pode colocá-los num limiar: o monstro. Esta discussão será desenvolvida ao longo do Capítulo I desta dissertação.

Ao pesquisar o que se noticiava a respeito das relações entre humanos e pombos percebi que a apreciação, e distinção, estética das aves (pombos brancos, cinzas ou, ainda, coloridos⁸) era, de certo modo, determinante para as relações. Contudo, essas relações entre humanos e pombos não são permeadas apenas pela estética física das aves, mas também por uma série de outros fatores como a quantidade numérica de aves em determinados contextos, os espaços ocupados e habitados pelas aves, sua capacidade de localização e deslocamento

⁸ Em 2012, em Veneza, dois artistas realizaram um projeto que consistia em colorir, de maneira artificial, alguns pombos da cidade a fim de chamar a atenção das pessoas para uma ideia de individualidade das aves. A proposta dos artistas era de que, se as pessoas vissem as aves como indivíduos, essas últimas passariam a ser mais bem aceitas pelas primeiras. O projeto em questão, intitulado “*Some pigeons are more equal than others*” será melhor explorado no capítulo 3 desta dissertação. Para mais informações, ver <http://juliusvonbismarck.com/bank/index.php/projects/some-pigeons-are-more-equal-than-others/> e <https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/italy/9501773/Venices-pigeons-dyed-red-blue-and-green.html>.

geográfico, entre outros. Uma vez olhando para toda essa vastidão de questões que estão implicadas nas interações entre pombos e humanos, com pombos podendo ser símbolos de paz, de pureza, de amor, transmissores de doenças, responsáveis por ameaçar a saúde pública, por sujar praças e cidades, podendo ser atletas de columbofilia, heróis de guerras, companheiros de crianças, idosos e outros humanos que veem nestas aves uma atração turística ou uma companhia para alimentar como forma de lazer, mesmo obras de arte (como veremos), e toda uma infinidade de outras relações que existem entre pessoas e pombos, fica claro que essas aves são, simultaneamente, signos/símbolos/representações e agentes/atores/actantes – dois olhares muito frequentes aos animais pela Antropologia. Antes de adentrar a essa discussão, todavia, é necessário pautar alguns exemplos desse olhar aos pombos como signos e atores.

É de amplo conhecimento que pombos brancos⁹ representam a paz, ou um mensageiro da paz, o amor romântico, a pureza, o Espírito Santo cristão. O historiador Tiago Bruinelli (2009) faz uma comparação entre a simbologia do pombo (branco) e do corvo (preto) na Era Medieval – época em que os animais e outras figuras animaiscaas estavam muito presentes no imaginário, nas histórias, na arquitetura da sociedade ocidental, cristã e europeia (BRUINELLI, 2009; DEL PRIORE, 2000; PARÉ, 2000) –, sendo que os principais atributos para a simbologia do pombo branco são, sobretudo, provenientes da Bíblia Sagrada em que, num primeiro momento, um pombo branco anuncia o fim do dilúvio a Noé e, noutro momento, após Jesus Cristo ser batizado, um pombo branco desce do céu sobre sua cabeça, como manifestação do Espírito Santo. Além da simbologia proveniente do cristianismo, Bruinelli (2009) ressalta que a pomba branca já foi associada à deusa grega Afrodite, representando a sensualidade. Pombos também são símbolos do amor romântico, o que pode ser sugerido a partir do fato de as aves serem monogâmicas. A ideia do pombo mensageiro, além de ser sugerida pela história bíblica de Noé, também se deve à prática que é hoje chamada de columbofilia, isto é, o treinamento e uso de pombos-correios. Por apresentarem uma capacidade extraordinária de retornar ao seu local de origem, os pombos foram, por muito tempo, utilizados para o envio de mensagens entre as pessoas¹⁰. Durante a Primeira Guerra Mundial, o pombo-correio que ficou conhecido por Cher Ami foi condecorado como herói, por levar uma mensagem que salvaria alguns soldados na guerra¹¹. Na ocasião, soldados norte-americanos estavam atacando seu próprio exército sem saber que não se

⁹ Na maioria das vezes “pomba branca”, no feminino, talvez por implicar, ainda, uma questão de gênero.

¹⁰ <https://novaescola.org.br/conteudo/1093/como-o-pombo-correio-sabe-para-onde-ele-deve-levar-a-mensagem>.

¹¹ <http://www.theverge.com/2015/12/13/9878736/pigeon-review-animals>.

tratava de inimigos. Os soldados americanos que estavam sendo atacados tentaram, em vão, mandar dois pombos-correios para avisá-los do engano – mas os pombos foram mortos. Na terceira tentativa de mandar um pombo correio, Cher Ami, a ave foi atingida (perdendo uma perna), mas pôde concluir sua missão de levar a mensagem “pelo amor de Deus, parem!”¹² que salvou a tropa de soldados norte-americanos.

Afora a simbologia e as representações figuradas pelos pombos, existe uma variedade de outras relações entre pessoas e pombos, das quais gostaria de destacar as questões – certamente articuladas entre si – de saúde pública e do nojo, as competições de pombos-correios e as aves como atrações turísticas. Nas primeiras, que, à primeira vista, podemos chamá-las de relações negativas – pelo fato de as pessoas quererem o distanciamento em relação aos pombos –, estas aves são odiadas, potenciais transmissores de doenças, pragas urbanas, causadoras de sujeiras nas cidades, e, por fim, chamadas mesmo de “ratos-com-asas”. Já as últimas, que podem ser denominadas, também genericamente, de positivas por pressupor a aproximação entre pessoas e pombos, implicam nos pombos como atletas alados, por exemplo, no caso das práticas de columbofilia; ou, no caso de pombos como uma atração turística, o apreço das pessoas pelas aves, a vontade de fotografar-se com elas – seja alimentando-as, deixando-as se empoleirarem ou em meio a elas – e de interagir. Neste sentido, percebendo que as relações entre pessoas e pombos são das mais diversas possíveis é que se percebe que pombos, para além de representações e simbologias religiosas, de paz, amor e pureza, são também atores agindo com/nos humanos, com/nos outros seres, com/no o mundo.

Algumas dessas relações entre as pessoas e os pombos parecem depender do número das aves, por exemplo, tanto na questão de saúde pública – quando os pombos passam a ser considerados uma praga e um risco à saúde dos humanos –, quanto no turismo – como os pombos que são uma atração turística na Praça de São Marco, em Veneza, e em outros lugares –, estas situações parecem existir apenas porque as aves ocupam os espaços em abundância. Além do número, o espaço em si também parece determinar qual será o tipo de relação, se praga ou atração turística. De todo modo, a agência do pombo não pode ser desconsiderada em ambas as situações: as aves ocupam os espaços, defecam, sujam, podem transmitir doenças ou, empoleiram nos corpos humanos, posam para fotografias, interagem.

Na antropologia, as pesquisas que tratam das relações entre humanos e animais, embora tenham ganhado maior atenção com a assim chamada virada animalista, não são tão

¹² *For Heaven's sake, stop it.*

recentes assim, sendo assunto de etnografias de antropólogos clássicos e renomados que já se preocupavam com essas relações, como o gado entre os Nuer (EVANS-PRITCHARD, 1978), as questões dos tabus alimentares (SAHLINS, 1979) e verbais (LEACH, 1983), dos animais “bons para pensar” (LÉVI-STRAUSS, 1975), e das grandes dicotomias envolvendo o debate clássico entre natureza e cultura (LÉVI-STRAUSS, 1989). O que é diferente hoje, contudo, é que animais, outrora, eram tomados tão somente como signos, símbolos e representações feitas pelos humanos, a partir dos humanos – como apenas bons para pensar questões e dilemas humanos – e, assim, sendo desconsiderada a agência do animal. Atualmente são vários os antropólogos e as antropologias que pensam não apenas os animais, mas tantos outros não humanos, como sujeitos dotados de agência. Nesse sentido, as teorias do ator rede (ANT), de Bruno Latour (2005), do animismo, de Philippe Descola (2013), e do perspectivismo ameríndio de Viveiros de Castro (2002) destacaram-se nas últimas décadas.

Tomando, então, as duas abordagens antropológicas dos animais como agentes e como signos, conforme é a proposta de Vander Velden (2015), já mencionada, de que os animais assim podem simultaneamente ser que, o que proponho aqui, como fazer antropológico, é pensar *a partir* das relações entre humanos e animais num determinado cenário: a cidade e o porto de Santos. Neste contexto, minha pesquisa se insere no que vimos chamando de uma antropologia multiespécie, baseando-se na antropologia da vida (KOHN, 2007; 2013) e nas etnografias multiespecíficas (KIRKSEY & HELMREICH, 2010). Muitas podem ser as maneiras de se referir a essa antropologia que trata das relações entre humanos, animais e outros sujeitos não humanos. Em síntese, sigo este “novo gênero de escrita antropológica” de que tratam Kirksey & Helmreich (2010:546, tradução minha), em que “os etnógrafos do multiespécie estão estudando zonas de contato onde as linhas que separam natureza e cultura foram rompidas, onde encontros entre o *Homo sapiens* e outros seres geram ecologias mútuas e nichos coproduzidos”. Nesse sentido, o Porto de Santos se mostra como uma dessas zonas de contato e encontros entre humanos, pombos, ratos, cães, gatos, mosquitos, abelhas, soja, açúcar, poças d’água, navios, trens, contêineres, silos, autoridades estaduais e federais. São desses encontros multiespecíficos – alguns deles conflituosos – que se trata minha etnografia. A seguir, exponho a metodologia utilizada em minha pesquisa, bem como a estrutura da dissertação que se segue.

Metodologia e estrutura da dissertação

Minha pesquisa de campo teve uma duração total de aproximadamente 120 dias (março a julho de 2017), tempo suficiente para que eu explorasse bastante a relação problemática¹³ entre os pombos, o porto e a cidade de Santos. A princípio, imaginava que meu acesso ao porto seria muito mais difícil do que à prefeitura – pois pretendia explorar as medidas de controle de pombos na cidade por meio desta última. Enganei-me. Enquanto fui muito bem recebida no porto, contando com vários facilitadores, referentes tanto a minha inserção nas áreas portuárias, como de contatos, inclusive na Secretaria Municipal de Saúde, não obtive sucesso na prefeitura, pois sempre me encaminhavam para setores e pessoas diferentes até que não obtivesse mais respostas. Deste modo, não consegui acompanhar nenhuma medida de controle de pombos por parte da prefeitura, mas busquei explorar pontos da cidade – alguns turísticos (centro histórico), outros nos meus percursos corriqueiros (trajetos até o porto, mercados, pontos de ônibus, orla da praia) – a fim de observar de que maneira os pombos ocupavam e agiam nesses espaços, e como isso configurava um problema para a cidade e o porto. Além destes pontos, também dediquei um tempo, nos dois últimos meses em campo, para conhecer os acervos e bibliotecas da cidade e pesquisar registros sobre o porto e os pombos, onde pude descobrir como se deu a evolução do aumento da população das aves, bem como quando a cidade e o porto passaram efetivamente a se preocupar com esse aumento: ou seja, quando os pombos se tornam um problema – sugerindo, assim, que este problema tem uma historicidade¹⁴.

Durante toda minha estadia em Santos, procurei inteirar-me de todos os tipos de eventos que ocorriam na cidade e locais que pudessem ser interessantes a mim e à minha pesquisa, para além do Porto de Santos. Um desses eventos foi um ciclo de palestras que compôs a Semana do Meio Ambiente, uma semana de atividades promovidas pela prefeitura de Santos, entre os dias 05 e 09 de junho de 2017, em que, além de palestras com a temática do “meio-ambiente”, também aconteciam atividades pela cidade, como mutirões de limpeza da praia e atividades voltadas ao público infantil no Aquário Municipal. Outro evento que também tive a oportunidade de participar foi uma observação de aves e árvores, também

¹³ A relação se configura como problemática do ponto de vista da cidade e do porto, uma vez que a presença dos pombos é numerosa e vista como potencial ameaça à saúde pública e à economia municipais, majoritariamente dependente das atividades portuárias.

¹⁴ Nesse sentido, ainda, o sociólogo Colin Jerolmak (2008) fez uma pesquisa de notícias publicadas em periódicos estadunidenses a fim de entender quando os pombos começaram a ser chamados de “ratos de asas”, ao que percebeu que este termo ganhou certa popularidade após um comissário do Parque Bryant, em Nova Iorque, referir-se às aves desta forma. Este foi o registro mais antigo encontrado por Jerolmak, datado de 22 de junho 1966.

promovida pela prefeitura de Santos em parceria com a USP. Ao longo dos quatro meses que passei na cidade, residi com seis estudantes da UNIFESP e mantive contato regular com uma antropóloga e um sociólogo, ex-discentes da UFSCar – pessoas que já conheciam a cidade há algum tempo e puderam me indicar locais e contatos que pudessem complementar as informações que obtinha no Porto de Santos, foco de meu campo etnográfico.

A presente dissertação se configura em três capítulos, seguindo um formato similar ao de uma antiga carta portulano de navegação (Figura 02). Embora essas cartas não servissem para determinar a posição exata da nave num plano cartográfico de coordenadas geográficas, nem a distância precisa entre um ponto e outro, elas serviam para orientar o piloto apresentando todas as linhas de rumos possíveis, desde seu ponto inicial até seu destino. Não se trata de localizar onde se está, mas para onde se vai. Estas linhas eram traçadas a partir de várias rosas dos ventos – sendo uma delas a principal –, as quais tinham suas linhas esticadas até um ponto fantasia, estimado (RIBEIRO, 2011). Este movimento de escrita também se assemelha às *linhas* propostas por Tim Ingold (2007; 2011; 2012), entendendo que essas linhas não compõem uma rede de conexões entre agentes, mas uma malha de possibilidades tecidas ao longo dessas mesmas linhas.

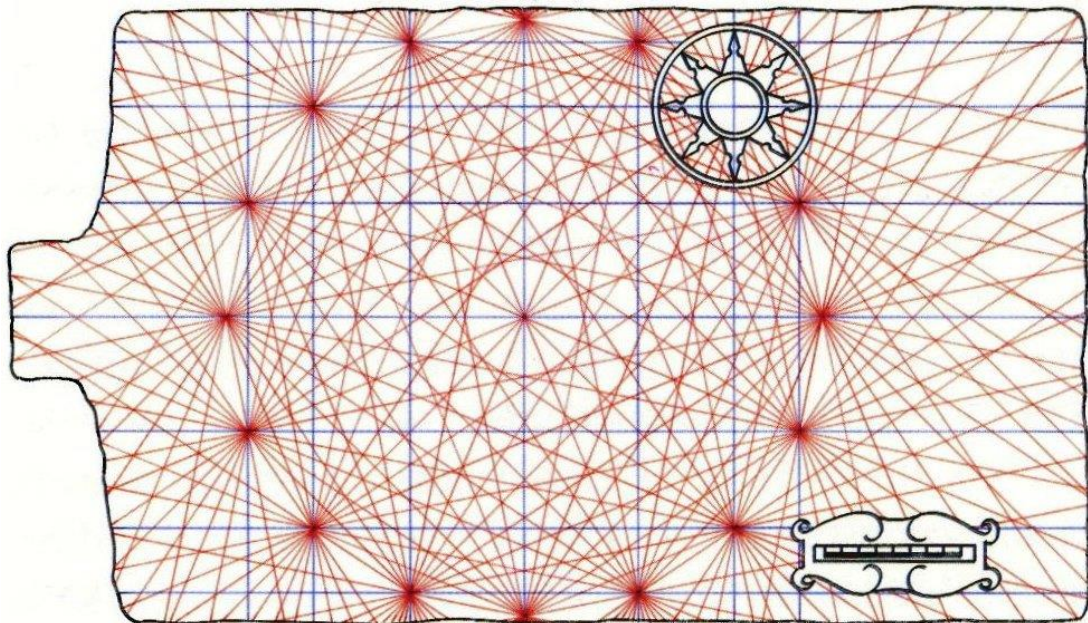


Figura 02 – Esquema de uma carta portulano: trama de linhas de rumo. Fonte: MARTÍNEZ, 1994:37; RIBEIRO, 2011.

A similaridade de minha dissertação com a carta portulano – além de ambas terem um porto como destino – e com as linhas de Ingold é que, tendo os pombos como ponto inicial traço vários rumos ao longo dos quais eles podem nos levar. Esses rumos constituem uma malha e são, por sua vez, apresentados nos capítulos desta dissertação. Os capítulos I e II tratam de uma mesma linha de rumo, esticada até certo limite, a qual me levou ao Porto de Santos – meu campo etnográfico. O maior porto da América Latina estava sendo alvo do incômodo causado por pombos, aos bandos, que se alimentam da enorme oferta de alimento encontrada nos percursos cargueiros entre caminhões, trens e navios que transportam toneladas de grãos. Ao passo que, o Capítulo III, ao questionar o que é e o que pode um pombo, traça várias outras linhas de rumos possíveis de serem percorridos seguindo-se os pombos.

No primeiro capítulo, descrevo meu campo etnográfico com detalhes, seguindo as ideias de uma *descrição densa* e de *ter estado lá* (GEERTZ, 2008; 2009), buscando situar o leitor e transportá-lo ao meu campo com segurança, para que seja possível compreender como eu cheguei até lá e pude adentrar em campo, bem como o que é um porto, quais os agentes que atuam, ocupam e habitam ali, e em quais lugares e situações certos desses agentes, os pombos, se encontram. Neste primeiro capítulo, preocupo-me em descrever com precisão todo o cenário etnográfico: os locais que pertencem ao porto, as instituições e autoridades que exercem poder sobre tal e, claro, as relações entre os humanos, os animais, as cargas movimentadas, os veículos e o ambiente como um todo. Entendo que, deste modo, minha escrita dialoga com a fenomenologia, no sentido em que me ative à percepção veiculada por outros sentidos para além da visão, como aos odores e sonoridades, os quais foram essenciais para uma etnografia que trata sobre animais, uma vez que, em determinadas situações os pombos não estavam presentes visualmente, como se verá ao longo do primeiro capítulo. Por vezes, foi a partir dessa estratégia, de perceber o ambiente sensorial, que a própria presença dos pombos pôde fazer-se visível. Numa primeira dificuldade que tive em encontrá-los, passei a atentar para todo o ambiente que existia “por detrás” da figura “central” dos pombos: a enormidade dos locais em que podiam se empoleirar, a demasia de grãos que atraíam as aves a se alimentarem, as sonoridades de maquinários, trens e navios que os espantavam, entre outras situações que afetavam diretamente sua presença, permanência e ausência ali. Conforme se verá adiante, não se tratava de uma figura e um fundo, mas de tantos sujeitos agindo conjuntamente. Além disso, muitas vezes a presença dos pombos estava mais atrelada a seus vestígios e ao que representavam do que à presença física das aves no presente

imediatamente. Este assunto deverá ser mais bem desenvolvido ao longo do capítulo a partir de uma ideia de “presença ausente” das aves.

O segundo capítulo tratará, especificamente, das presenças incômodas no Porto de Santos, que não se limitam aos pombos – mas que, note-se, apareceram para mim enquanto seguia os pombos, o que é importante. Em princípio, veremos o que meus interlocutores estão apontando a respeito dos problemas e incômodos que os pombos estão causando a eles, sendo as fezes o grande problema, enquanto sujeira e enquanto risco iminente de doenças. É neste capítulo que surgem reflexões acerca da sujeira concreta e das doenças que se diz que os pombos podem vir a causar, dos pombos como seres monstruosos, como multidão, como animais fora de lugar, em sua semelhança com tantos outros sujeitos não amados, indesejados. Estendendo esta linha de rumo, ou, para dizer de outro modo, seguindo os pombos, tantas outras presenças incômodas se fizeram notáveis. É o caso da soja, que pode causar acidentes em dias chuvosos, ou mesmo ser responsável pelo adoecimento de alguns pombos; ou das instituições e autoridades que atuam dentro do porto, quando vistos enquanto agentes de fiscalização; e até mesmo do próprio porto que, quando pensado em relação à cidade, é tido como um lugar liminar, responsável pela circulação de múltiplos sujeitos indesejáveis. Esses diversos incômodos, para além dos pombos, só puderam ser visíveis e compreensíveis a partir da presença incômoda dos pombos no Porto de Santos. É por esse motivo que considero que este segundo capítulo faz o movimento de esticar a linha que tece o Capítulo I, pois foi preciso seguir os rumos dos pombos para se chegar a essas tantas outras questões.

Por fim, o terceiro capítulo mostra outras linhas de rumo que são possíveis de serem tecidas a partir dos pombos. Essas linhas nos levarão, primeiramente, apenas para fora do Porto de Santos, e mostrarão outras relações com os pombos na cidade de Santos: um evento de observação de aves, já mencionado, realizado pela Prefeitura Municipal de Santos em parceria com a Universidade de São Paulo, e uma entrevista com o professor e fotógrafo Alyson Montrezol, que começou a fotografar pombos e divulgar essas fotos em seu Instagram¹⁵ sob a *hashtag*¹⁶ “pomboterapia”. Ambas as situações têm os pombos como protagonistas, no entanto, para além de uma ideia de praga urbana passível de controle – como foi no porto. Além dessas práticas realizadas na cidade de Santos, outras linhas de rumo possíveis podem nos levar a Teresina, Belo Horizonte, Guarulhos, Londrina, Caxias do Sul ou Veneza (Itália), por exemplo. Podem nos fazer perceber os pombos como um problema de

¹⁵ Rede social destinada à publicação e divulgação de fotos.

¹⁶ Palavra-chave utilizada como legenda nas redes sociais e que permite um link com todas as publicações que também utilizem essa mesma “marca”.

saúde pública, mas também como uma atração turística, uma prática esportiva ou intervenção artística. Meu objetivo em desenrolar estas outras linhas de rumo vem com a proposta de compreendermos o que pode um pombo, seguindo a ideia dos afetos de Gilles Deleuze (2002) inspirado por Espinosa, e refletirmos acerca destes afetos do animal enquanto agente e enquanto signo. A partir destes afetos outros – como complemento à minha etnografia no Porto de Santos – evidencio como os pombos são, simultaneamente, signos e agentes; como as classificações biológicas não bastam para falar das relações entre pessoas e pombos, mas as relações e práticas material-semióticas, nos termos de Lien & Law (2011), têm muito a dizer não apenas das classificações que são (im)postas aos pombos e outros sujeitos, mas ainda às disputas pelo espaço urbano e portuário e aos conflitos institucionais e políticos. É o que proponho ao término desta dissertação, conforme se verá que, além de pensarmos sobre os pombos, sobre como eles estão agindo no contexto portuário, como estão em ressonância e devindo conjuntamente de tantos outros agentes, sobre como acionam poderes e dizem respeito a autoridades, hierarquias e práticas, os pombos também são bons para se pensar, especialmente, em disputas territoriais. Ver-se-á que as arquiteturas cidadinas, não projetadas para abrigar os pombos – pois são projetadas por humanos, para humanos –, nos fazem pensar em outras formas de exclusão de sujeitos, de outros não amados. E que, por fim, a sugestão de Donna Haraway (2016), de que devemos permanecer com a encrenca (*stay with the trouble*), nos possibilite o aprendizado de formas de se viver e morrer no presente.

Ressalto, deste modo, a importância de minha pesquisa e desta dissertação, primeiramente, no que se refere à Antropologia. Em princípio, pelo quase ineditismo dos pombos na antropologia das relações entre humanos e animais – salvo por Donna Haraway (2016) e seu *Staying with the Trouble*, onde dedica um capítulo às relações entre humanos e pombos. Pombos fazem parte do cotidiano das pessoas e das cidades, o que pode fazê-los despercebidos por muitas pessoas, inclusive pelos antropólogos que muito se fascinam pelas novidades, pelos grandes animais predadores, pelo que é considerado exótico (OVERING, 1999). A condição de praga dos pombos – condição esta, primeira e majoritariamente, atribuída a estas aves – também parece não despertar tanto interesse nos antropólogos dos humanos e animais, tendo em vista o contraste de etnografias existentes sobre “animais de companhia”, “animais de abate”, e estes “outros não amados” (ROSE & VAN DOOREN, 2011). Além de agregar um animal para o qual pouco tem se olhado academicamente – embora muito tenha se visto pelas ruas – à antropologia das relações entre humanos e animais, as discussões que aqui trago contribuem para um pensar sobre, e com, os animais na antropologia, isto é, pensar sobre os pombos em suas tantas formas (de agente, símbolo,

incômodo, sujeira, fezes, doenças, paz, atração turística, intervenção artística, atleta alado, herói de guerra, mensageiro, ave, praga, monstro, animal) e pensar com os pombos nos conflitos e embates políticos, não apenas no que diz respeito ao contexto específico do Porto de Santos e seu programa de controle de fauna sinantrópica nociva, mas os tantos conflitos que, no limite, envolvem uma disputa territorial entre humanos e “outros indesejados” – (alguns) pombos, (alguns) ratos e (alguns) humanos, sobretudo.

Para além da antropologia, mas por meio desta, é que penso que esta pesquisa deva ser um passo a mais para se pensar em algum modo diferente de, como diz Philippe Descola (2016:27), viver juntos (conviver). Humanos, pombos, e tantas outras presenças incômodas, se ainda não são capazes de viverem juntos neste tempo presente – como é a ideia de Donna Haraway (2016) de se permanecer com (ess)a encrenca –, que ao menos seja possível encontrar uma maneira de se morrer bem¹⁷ – seja sob uma tutela institucional, seja na luta por um espaço.

¹⁷ Em seu *Staying with the trouble*, Donna Haraway (2016) explica que, o que entende por “permanecer com a encrenca”, é que possamos aprender formas de se viver e morrer bem neste tempo presente, neste agora, sem que necessariamente estas formas sejam salvíficas ou apocalípticas, mas que possam ser “possibilidades de recuperações parciais e de ficar juntos” (HARAWAY, 2016:10).

1. Capítulo I – Pombos no Porto de Santos I: presenças e vestígios

*Nada do mar flutua nos portos/ a não ser
caixotes quebrados,/ chapéus desvalidos/ e fruta
falecida./ De cima/ as grandes aves negras/
imóveis, aguardam./ O mar se resignou/ à
imundície,/ as impressões digitais do óleo/
ficaram impressas na água/ como/ se alguém
tivesse andado/ sobre as ondas/ com pés
oleaginosos,/ a espuma/ se esqueceu de sua
origem:/ não é mais sopa de deusa/ nem sabão de
Afrodite,/ é a orla enlutada/ de um cozido/ com
flutuantes, escuros,/ derrotados repolhos./ As
altas aves negras/ de sutis/ asas como punhais/
esperam na altura,/ pausadas, sem voar,/
cravadas/ numa nuvem, independentes/ e
secretas/ como/ litúrgicas tesouras,/ e o mar se
esqueceu de sua marina,/ o espaço da água/ que
desertou/ e se fez/ porto,/ continua solenemente
examinado/ por um comitê frio/ de asas negras/
que voa sem voar,/ cravado no céu/ blindado,
indiferente,/ enquanto a água suja balança/ a
herança vil caída das naves.*

(Pablo Neruda)

Era o primeiro sábado do mês de março de 2017 quando embarquei viagem rumo a Santos, litoral sul do Estado de São Paulo. Só estivera na cidade uma vez, em outubro do ano anterior, a fim de tentar, em vão, um primeiro acesso ao Porto de Santos e um mapeamento prévio da cidade. Meu interesse na cidade e no porto era a grande população de pombos que há ali, a qual resultava em manchetes e notícias de que esta população de pombos trazia riscos à saúde pública, que a causa da mesma era o Porto de Santos, e que porto e prefeitura adotavam medidas de controle para conter a proliferação das aves. Este cenário me pareceu muito propício para pesquisar as relações que eram entretecidas entre as pessoas e os pombos na cidade. O que viria a descobrir, no entanto, é que as relações entre pessoas e pombos diziam muito mais respeito a uma relação de poderes, autoridades e hierarquias dentro do porto, envolvendo medidas de controle, não apenas de pombos, mas de outros animais considerados sinantrópicos nocivos. Se, a princípio, eu imaginava que veria pessoas que amassem ou odiassem aos pombos, que os alimentassem ou os espantasse, o que, todavia, pude perceber, é que os pombos se faziam presentes de outras maneiras para além de sua presença física, isto é, os pombos se apresentavam na forma de suas fezes, na forma de um risco iminente desconhecido, na forma de siglas e programas de controle, e na forma de disputas entre agentes, instituições e poderes públicos e privados.

Desde a primeira vez que estive em Santos, em outubro de 2016, até o início, de fato, de minha etnografia em março de 2017, a situação de minha pesquisa evoluiu consideravelmente quando descobri que existia um programa de controle de pombos no Porto de Santos e consegui contato com o médico veterinário responsável por este programa. Até chegar a isso, todavia, as informações que tinha sobre a cidade, o porto e os pombos era o que se noticiava na imprensa¹⁸: um aumento recorrente da população de pombos na cidade, justificado pela grande movimentação de grãos, como a soja e o milho, no Porto de Santos, e pela ausência de outras aves, ditas predadoras naturais dos pombos, como os gaviões:

O maior crescimento [da população de pombos] deu-se nos últimos cinco anos com a expansão das atividades portuárias, sobretudo com os recentes recordes na movimentação de toneladas de grãos. Ao cair de caminhões ou por falhas na estocagem nos armazéns do cais, milho, soja, trigo atraem revoadas de pombos para essa área da cidade. [...] "Não temos estatísticas precisas, mas, sem dúvida, o crescimento do Porto contribuiu para o

¹⁸ Em 1996, registrava-se uma estimativa de 100 mil pombos na cidade; já em 2006, esse mesmo número era estimado apenas na região do porto, enquanto que, no ano de 2011, o número de pombos é elevado a aproximadamente 200 mil em toda a cidade. Todos esses dados foram extraídos das respectivas edições do Jornal A Tribuna, de Santos – SP: 16 de janeiro de 1996; 10 de agosto de 2006; 07 de agosto de 2011.

aumento da população de pombos", diz a coordenadora de Vigilância em Saúde da Prefeitura, Ana Paula Valeiros.¹⁹

A princípio, este era o cenário que me levaria a Santos: a relação cidade-porto-grãos-pombos. O fato de eu ter tomado ciência da existência de um programa de controle de pombos no porto, facilitou em demasia meu acesso ao campo etnográfico²⁰, o qual teve início neste primeiro sábado de março de 2017, quando desembarquei em Santos. A percepção que tive da cidade era a de como se eu nunca tivera estado lá antes, talvez pelo fato de que, na primeira vez, embora já buscando portas de entrada para minha pesquisa, o turismo e minha condição de turista se sobressaíram; ao passo que, agora, era como se eu viesse a ser uma habitante – mesmo que temporária – da cidade.

Nos primeiros dias de março, em Santos, pude sentir vários estranhamentos quanto à dinâmica da cidade e, sobretudo, ao clima de temperaturas elevadas. A dinâmica de uma cidade portuária e praiana era diferente de tudo o que estava habituada em 23 anos residindo no interior paulista. Logo que cheguei a Santos, saí para explorar as ruas das proximidades de onde me instalei. Mantive uma rotina de sair às ruas todos os dias e, devido a curta distância, de apenas uma quadra, da praia, sempre acabava por caminhar pela orla, onde as relações entre humanos e o ambiente, e entre humanos e animais, me chamavam a atenção justamente por serem relações distantes do que me era comum no interior: uma infinidade de interações entre humanos possibilitadas pela interação primeira de seus cães que passeavam pela orla²¹; uma quantidade considerável de pessoas praticando esportes e atividades físicas, das mais diversas, na orla, na areia e no mar, e; uma grande quantidade, ainda, de pessoas que iam sozinhas à praia para caminhar ou qualquer outra razão; eu, inclusive, passei a fazer parte deste último grupo que ia para a orla caminhar, observar as rotinas, os pombos e escrever em meu diário de campo, sempre sozinha, o que me remetia ao que Evans-Pritchard (2006:79, tradução minha) dizia em seus escritos que “o que talvez seja mais importante para seu trabalho [do antropólogo] é o fato de que ele está completamente sozinho”²².

¹⁹ *A Tribuna* (2015). “Santos faz campanha para conter proliferação de pombos”, 06 de janeiro. <<http://www.atribuna.com.br/noticias/noticias-detalle/cidades/santos-faz-campanha-para-conter-proliferacao-de-pombos/>>. Acesso em 10 de outubro de 2015.

²⁰ Sendo este programa minha forma de entrada a campo, minha pesquisa foi direcionada a partir desta posição em que ocupava, participando de inspeções de controle e, por vezes, sendo identificada como parte do “pessoal da GESET” (Gerência de Segurança do Trabalho, responsável por este e outros programas de controle de animais).

²¹ Ao caminhar pela orla da praia era comum ver pessoas passeando com seus cães. O curioso é que, por vezes, os cães passavam a interagir entre si: cheirando, rosnando, latindo. A partir desta primeira interação entre os cães, seus respectivos donos humanos passavam a interagir também.

²² Este sentimento de solidão era muito frequente, tanto nos momentos em que meu forasteirismo era evidenciado a partir de meu sotaque – muito diferente do sotaque santista –, quanto nos momentos em que minha

Estes primeiros dias em campo foram destinados para o reconhecimento da cidade e em negociar uma visita ao Porto de Santos. Até então só havia andado pelas proximidades do porto na primeira vez em que fui a Santos, em outubro de 2016. Na ocasião, andei pela Avenida Perimetral até próximo um *gate* de entrada, e acreditava estar próxima de algum terminal de grãos, pois o cheiro se revelava como de grãos e cereais. Aliás, os odores foram os estranhamentos mais perceptíveis para mim, desde o cheiro da umidade do mar nas ruas e dentro de casa, até os cheiros dos *fast-foods* do shopping que existe bem em frente ao apartamento que residi e, claro, os peculiares odores no porto que variavam de acordo com o tipo de carga que se movimentava.

Tão logo tomei nota da existência do programa de controle de pombos, escrevi um e-mail para o médico veterinário responsável pelo mesmo, Vicente. Desde o início Vicente foi muito solícito e demonstrou interesse em minha pesquisa, bem como ressaltou que seria importante ter um profissional a mais ao lado deles. Ele me orientou quanto aos procedimentos que deveria seguir: contatar a Ouvidoria do porto, encaminhar meu projeto de pesquisa e aguardar uma autorização da Guarda Portuária para que pudesse adentrar e seguir com minha pesquisa. Até estes primeiros dias de março de 2017 meu projeto seguia aguardando uma autorização. A fim de otimizar meu tempo em campo, escrevi para Vicente dizendo-lhe que já estava em Santos e perguntando-lhe se havia alguma novidade quanto ao andamento destes trâmites burocráticos. Ele então me respondeu que ainda deveria aguardar a autorização, mas que poderíamos marcar uma conversa lá no porto para agilizarmos algumas questões e para que eu já conhecesse a equipe da GESET (Gerência de Segurança do Trabalho), responsável pelo programa de controle de pombos, conforme relatarei adiante.

Este primeiro capítulo tem por objetivo explicar e detalhar como se deu minha chegada a campo, como é um porto, de que forma fui inserida no campo etnográfico, quais as situações com que me deparei e como pude adotar estratégias para pesquisar as relações entre pombos e não apenas humanos, mas todos os outros agentes que estavam presentes em campo e que eu sequer imaginava encontrar ali. O porto apresentava uma infinidade de agentes (máquinas, trens, navios, esteiras, contêineres, cargas de soja, açúcar, sal, fertilizantes, celulose, combustíveis, suco de laranja) e uma fauna própria, a qual, a princípio, poderia dizer-se de uma mescla de animais que se espera encontrar em cidades e litorais – afinal, trata-se de uma cidade litorânea –, tais como cães, gatos, baratas, ratos, pombos, mosquitos,

posição de antropóloga pesquisando pombos era colocada à vista. Este parecia ser o maior estranhamento das pessoas em relação a mim: afinal, quem é que queria saber de pombos? Diante dessas situações de estranhamento e do sentimento de solidão quase que constante, o diário de campo tornava-se um refúgio, conforme constatei em um de meus registros em 14 de março de 2017.

quero-queros, gaivotas, garças, abelhas e as criaturas que habitam o mar. Além destes animais, que pude ver enquanto estive lá, ainda é possível mencionar uma série de outros seres vivos que são transportados pelos navios, seja no caso dos ratos que vêm pelos porões, seja no caso de algas, corais e demais seres marinhos que vêm a partir da água de lastro²³ dos navios, conforme um de meus interlocutores pôde me explicar. A seguir, descrevo como adentrei ao Porto de Santos e como pude entender o que era e significava o porto.

1.1 Aportando no campo etnográfico

Nesta seção gostaria de situar meu leitor ao ambiente em que estive durante os meses de março a julho de 2017: o Porto de Santos, localizado no litoral sul do Estado de São Paulo. Sua área tem uma extensão de aproximadamente 15 km de cais, abrangendo as margens direita e esquerda – que correspondem, respectivamente, aos municípios de Santos – SP e Guarujá – SP – e outros territórios, como a Ilha Barnabé e uma usina hidrelétrica no município de Bertioga – SP. Enquanto estive em campo, apenas conheci as áreas respectivas à margem direita do porto, que são subdivididas em bairros (Figura 03): Alemoa²⁴, Saboó, Valongo, Paquetá, Outeirinhos, Macuco e Ponta da Praia. Foi no bairro do Valongo que o porto iniciou suas atividades, sendo que, hoje, os armazéns dessa região estão desativados por risco de desabamento. Por toda a extensão do porto operam terminais e armazéns, que são responsáveis por toda a movimentação de cargas e passageiros. Paralelamente ao porto, por todo seu perímetro, também existem a Avenida Perimetral e as linhas férreas, que levam e trazem cargas aos armazéns e navios, bem como moinhos que já recebem os grãos que são descarregados dos navios, por meio de esteiras aéreas, a fim de produzir farinhas, farelos e demais derivados dos grãos. A configuração da cidade é muito bem definida por sua paisagem, isto é, os santistas costumam se referir à cidade em duas partes: antes, e depois, da “linha da máquina” – uma linha férrea que “corta” a cidade ao meio, paralelamente à praia e perpendicularmente ao porto. O lado “antes da linha da máquina”, isto é, mais próximo à praia, é tido como mais nobre, ao passo que o lado “depois da linha”, é visto como periférico e perigoso. O porto, desse ponto de vista, embora esteja de certo modo perpendicular a esta linha, pode ser considerado como pertencente à parte “depois da linha”. Ele se inicia exatamente onde a praia se finda – daí o nome do bairro Ponta da Praia – e se estende a todo o

²³ A água de lastro de navios, além de ter sido apontada por um de meus interlocutores como responsável pela introdução de espécies exóticas e/ou invasoras, é também tema de algumas pesquisas sobre o assunto (COLLYER, 2007), tendo em vista a preocupação com a ecologia e bioinvasão.

²⁴ Por vezes, também grafado Alamoá.

perímetro do lado oposto à praia, ficando atrás, também, de um dos principais morros da cidade, o Monte Serrat.

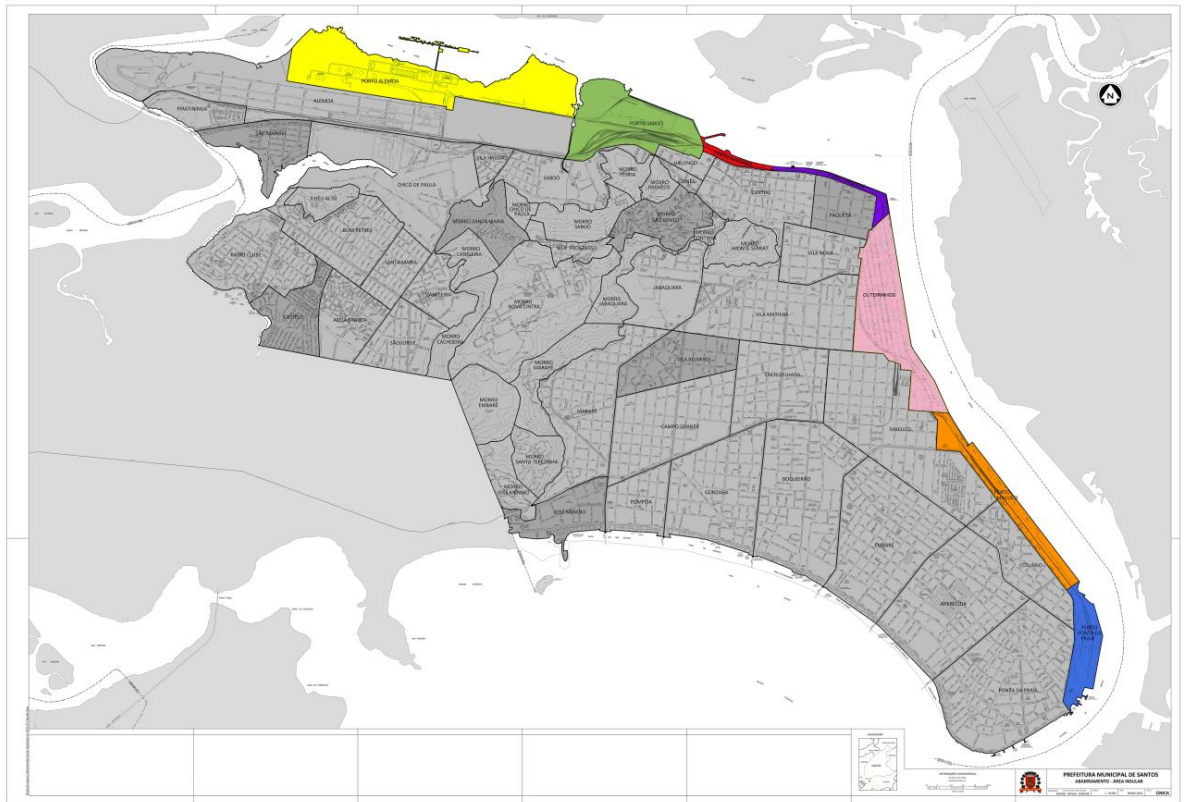


Figura 03 – Mapa do município de Santos – SP, destacando as áreas referentes à margem direita do porto. Da esquerda para a direita: Alemoa, Saboó, Valongo, Paquetá, Outeirinhos, Macuco, Ponta da Praia. Fonte: Prefeitura de Santos (<http://www.santos.sp.gov.br/static/files/conteudo/Anexo%20VIII%20-%20Mapa%20-%20-%20Abairramento.pdf>) – mapa editado pela autora.

Acessar o porto não é algo tão fácil, pois por todo o perímetro existem cercas e muros, e alguns *gates* – como são chamados os portões – de acesso, tanto de pedestres quanto de veículos. Nesses *gates* existem cancelas, catracas e os guardas portuários, responsáveis por controlar o acesso, sobretudo, ao cais – também chamado de área primária, onde os navios atracam. No entanto, existem algumas passagens para veículos e pedestres, que cruzam a linha férrea paralela ao porto e dão acesso a alguns terminais portuários – mas não ao cais. A arquitetura do porto mescla estilos novos e antigos: por exemplo, boa parte dos armazéns (mais antigos) possui um formato arredondado, ao passo que os mais novos são mais altos e angulados, projetados para armazenar maiores quantidades de grãos. Alguns contrastes entre terminais são muito notáveis, conforme evidenciarei ao longo deste capítulo; no entanto deve-se ter em mente que a paisagem e os odores variam de acordo com o tipo de carga operada e meio de armazenamento: por exemplo, algumas cargas são movimentadas por contêineres e outras, a granel, por meio de esteiras aéreas. De acordo com cada tipo de carga, também é

possível avistar outros sujeitos nos arredores: nos terminais que movimentam açúcar é possível avistar várias abelhas; nos terminais de grãos, pombos; e assim por diante.

A autoridade portuária, responsável pelas áreas que compõem o porto, é a CODESP (Companhia Docas do Estado de São Paulo)²⁵. Entretanto, existem as áreas que são arrendadas – pela CODESP – para os terminais, os quais são empresas privadas responsáveis pela movimentação de cargas diversas. Além dessas regiões, a CODESP também possui áreas não arrendadas na cidade de Santos (para além da encosta do cais), onde funcionam seus setores administrativos, gerências, diretorias, oficinas e outros.

Quando busquei uma porta de entrada para minha inserção no porto, esta não poderia ser mais certa: um programa de controle de pombos da CODESP. A presença, julgada excessiva, das aves passou a se tornar um problema ali, sendo necessária a adoção de medidas de controle, como é o caso do programa em questão. Este faz parte de um programa integrado de controle da *fauna sinantrópica nociva*, doravante FSN²⁶, no Porto de Santos – realizado por uma de suas gerências, a GESET (Gerência de Segurança do Trabalho) –, que também é responsável pelo controle de outros animais vetores e reservatórios: roedores, culicídeos, animais peçonhentos, e animais domésticos²⁷. Embora sejam todos animais muito distintos entre si, este único acrônimo reúne animais que, supostamente, não devem ocupar as dependências do território portuário (Figura 04).

²⁵ <http://www.portodesantos.com.br/>.

²⁶ Segundo um folheto informativo sobre o programa integrado da CODESP, entende-se por fauna sinantrópica nociva “aquela composta por espécies de animais que interagem de forma negativa com a população humana, causando-lhe riscos à saúde pública e transtornos significativos de ordem econômica ou ambiental”, a mesma definição da IN 141/16 do IBAMA. Como exemplo de fauna sinantrópica nociva, o folheto cita roedores, pombos, mosquitos, moscas, baratas, cães, gatos.

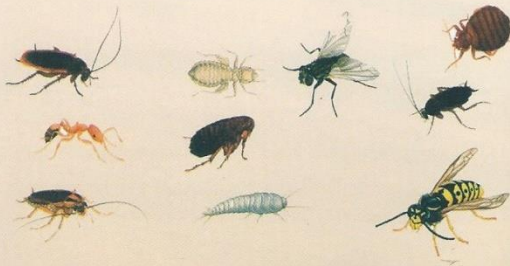
²⁷ Todas essas terminologias foram retiradas de um folheto informativo sobre o programa e do site do Porto de Santos <http://www.portodesantos.com.br/meioAmbiente.php#painel5>.

PROGRAMA INTEGRADO DE CONTROLE DA FAUNA SINANTRÓPICA NOCIVA DA CODESP

Entende-se por **Fauna Sinantrópica Nociva (FSN)** aquela composta por espécies de animais que interagem de forma negativa com a população humana, causando-lhe riscos à saúde pública e transtornos significativos de ordem econômica ou ambiental.

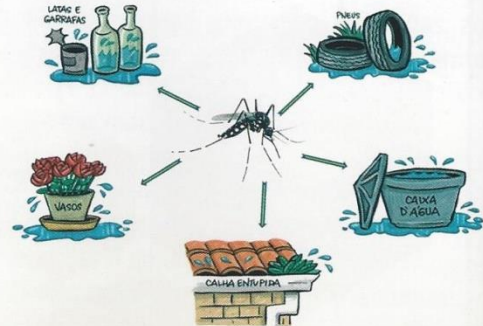
Sendo assim, o controle destas espécies tem como finalidade manter as instalações portuárias livres de quaisquer animais potencialmente transmissores de doenças.

São exemplos de FSN: roedores, pombos, mosquitos, moscas, baratas, cães, gatos, entre outros.



A Companhia Docas do Estado de São Paulo (Codesp) possui um **Programa Integrado de Controle da FSN** que envolve as seguintes atividades:

1 – Controle do mosquito *Aedes aegypti*, por meio de vistorias em áreas públicas e arrendadas, aplicação de larvicida, coleta de larvas para a análise microscópica, eliminação de criadouros, limpeza de calhas, coleta de pneus abandonados, recolhimento de inservíveis, campanhas educativas, etc.



2 – Controle de pombos (*Columba livia*) com a fiscalização periódica nos terminais, limpeza e varrição das áreas públicas e instalação de medidas físicas (tela e fio tensor), químicas (gel e tinta repelente) e eletromagnéticas. Além disso, as áreas mais críticas são monitoradas mensalmente para verificar a eficácia das ações adotadas.



3 – Controle de vetores e pragas urbanas por meio de serviços de desinsetização e desratização, instalação de telas mosquiteiras, medidas de infraestrutura predial, recolhimento de inservíveis e fiscalizações nos terminais arrendatários.



Figura 04 – Folheto informativo sobre o programa de controle de fauna sinantrópica nociva da CODESP.

Minha primeira visita à GESET aconteceu em 22 de março de 2017, uma quinta-feira. Nesse dia conheceria o Porto e acertaria todos os trâmites burocráticos para a realização

de minha pesquisa de campo. Ao menos, era o que eu esperava. Vários trâmites foram necessários até que eu pudesse efetivamente obter uma autorização. Além do contato com Vicente, foi preciso que eu contatasse a ouvidoria da CODESP, enviasse meu projeto de pesquisa e aguardasse uma autorização da diretoria da GESET²⁸. O combinado com Vicente foi que eu faria uma visita à GESET, nesta quinta-feira de março, para conhecer os projetos da gerência e a equipe. Rua José do Patrocínio, bairro do Macuco. Esse era o meu destino daquele dia. E pelos próximos quatro meses.

Subi a bordo do ônibus 42, a partir do bairro do Gonzaga, onde residi durante toda minha estadia em Santos. Este era um dos ônibus que chegava ao meu destino, passando por um ponto que ficava a quatro quadras do mesmo – Rua Senador Dantas. Ao descer do ônibus, já no bairro do Macuco, o contraste da paisagem em relação ao Gonzaga²⁹ era manifesto. As ruas dali eram vazias e demasiadamente silenciosas; com exceção do Bar do Cubano, na esquina da Rua José do Patrocínio, que apresentava algum movimento já àquela hora da manhã – e também noutras vezes em que andei naquela rua. Quanto mais eu me aproximava de meu destino, mais a paisagem parecia mudar; o chão, agora, era de paralelepípedo. Não se via mais pessoas, nem mesmo se ouvia seus sons; desta vez, o que eu via e ouvia predominantemente ao meu redor eram caminhões. Até que, por fim, cheguei à GESET. Já na porta de entrada me deparei com um homem, a quem me apresentei e lhe perguntei onde poderia encontrar Vicente, pois havia marcado uma conversa com ele. Prontamente, o homem me guiou até a sala de Vicente. Agradei-o e aguardei do lado de fora, numa espécie de hall, de onde era possível ver, através do vidro, que Vicente estava falando ao telefone. Enquanto aguardava, observava os arredores do hall, onde pude notar que, ao meu lado, havia um mural com alguns informes sobre febre amarela e chikungunya. Atrás de mim, dois banheiros, bebedouros de água e uma mesinha com uma garrafa de café. Outras salas, as quais eu ainda viria a conhecer, também compunham esse cenário.

²⁸ Foram de três a quatro meses até que eu obtivesse essa autorização em mãos, precisamente no dia 20 de abril de 2017 (embora as últimas assinaturas datem de 05 de abril), conforme registro em diário de campo.

²⁹ Atualmente, o bairro do Gonzaga pode ser considerado uma região central da cidade de Santos. Há, pelo menos, três shopping centers no bairro. O apartamento em que residi fica a meia quadra da Avenida Ana Costa, uma das principais da cidade, e a uma quadra da praia. A paisagem que eu via ali, frequentemente, era uma mistura de grande tráfego de ciclistas, pedestres e automóveis; vários vendedores ambulantes pelas largas calçadas da Avenida; banhistas e pessoas que iam praticar alguma atividade física na praia – principalmente idosos –, ou passear com seus cães; e pessoas com vestes que sugeriam que trabalhavam nos shopping centers e demais lojas das proximidades. Depois de algum tempo residindo ali, passei a perceber a fama e status que o bairro carrega, sendo considerado um bairro nobre e referência para a vida noturna da cidade. Em algumas conversas que tive com funcionários do porto, e que logo percebiam, pelo meu sotaque interiorano que eu não era da baixada santista, perguntavam-me onde eu estava morando. Ao responder que era no Gonzaga, eles sempre exclamavam que, então, eu estava muito bem.

Não tardou para que Vicente saísse de sua sala e viesse até mim. Apresentamo-nos e ele pediu-me que aguardasse em sua sala. Ao entrar, a primeira coisa que notei foi a mudança brusca de temperatura de um ambiente a outro, devido ao ar condicionado da sala – uma sensação de fato agradável, afinal, ainda era verão, e não estava acostumada às altas temperaturas santistas. Sentei-me no sofá, disposto perpendicularmente à mesa de Vicente, e aguardei seu retorno. Reparava timidamente em toda a mobília e disposição de sua pequena, porém alta, sala: além do sofá e de sua mesa, um móvel antigo de madeira com portas de vidro, onde se guardava documentos e fichas, uma pequena geladeira para vacinas e um armário embutido no alto da parede. Vicente regressou, sentou-se e começamos nossa conversa. Expliquei-lhe do que se tratava minha pesquisa e, enquanto falava-lhe, adentrou a sala uma mulher. Vicente nos apresentou; Felícia, também veterinária da CODESP. Retomei minha explicação, agora aos dois.

Minha impressão era a de que Felícia me compreendia melhor que Vicente³⁰, pois, a princípio, ele estranhava o método etnográfico aparentando demonstrar certa desconfiança e perguntava-me se eu proporia medidas de controle de pombos, ao que eu respondia negativamente, frisando: “não quero interferir no trabalho de ninguém”. Por fim, Vicente exclamou ser um método de pesquisa “diferente e legal”, ao passo que Felícia, desde o início, já dava indícios, um tanto empolgada, de pessoas com quem eu poderia conversar e lugares em que eu poderia ir; em alguns, sozinha; outros, que eram “mais perigosos”³¹, em que eu deveria ir acompanhada dos técnicos e equipada com os devidos EPIs: botas, colete e capacete. O único lugar em que me disseram poder ficar à vontade para ir sozinha era a Presidência – o prédio sede da CODESP e suas oficinas ao redor. Depois da conversa, Vicente apresentou-me as demais salas da gerência, bem como o restante do pessoal que trabalhava ali. Desses, tive mais contato com uma encarregada (Lívia), dois técnicos portuários (Alonso e Maitê) e um motorista³² (Benjamin) – além dos médicos veterinários (Vicente e Felícia).

³⁰ Ao longo da pesquisa de campo, pude notar o quão preocupado era Vicente, tanto em relação a minha pesquisa, quanto ao trabalho dos técnicos. Isso, talvez, pela sua condição de ocupar um cargo de chefia. O que, a princípio, me parecia ser um desentendimento de falas – isto é, ocorria-me a impressão de que Vicente não entendia o que eu falava – foi ficando-me claro que, na realidade, Vicente apenas se demonstrava preocupado em agir da forma mais correta possível, uma característica que correntemente era-me colocada pelos técnicos.

³¹ A princípio, não entendi ao certo o que significavam esses perigos, e, embora não tenha experienciado nenhuma situação, de fato, perigosa durante o período em campo, pude compreender, ao longo da pesquisa, que eu era uma mulher, forasteira e sozinha em meio a um ambiente majoritariamente masculino, com maquinarias colossais e extremamente ruidosas, isto é, o sentido de alerta tinha de ser constante. Contudo, acredito que minha experiência de ter estudado no SENAI – um ambiente tão masculino e industrial como o porto – nos já distantes anos de 2008 e 2009, tenha me ajudado nessa expedição.

³² No prédio da GESET também funcionam as gerências de Controle Ambiental (GECAM) e Meio Ambiente (GEMAM). Essas três Gerências dispõem de dois motoristas, Benjamin e Alfredo. Contudo, os técnicos explicaram-me que existe uma espécie de atrito entre a GESET e as duas outras gerências, por isso ficou, de

Em minhas visitas seguintes ao porto, sempre tratava com Vicente o que eu faria. Estabelecemos, então, que eu não utilizaria gravador, pois, isso poderia intimidar as pessoas ou fazer pensá-las que se tratava de imprensa. Além disso, como eu teria de conversar com elas durante seu expediente, as conversas seriam um tanto breves. Também definimos que eu poderia elaborar uma espécie de questionário para aplicar às pessoas (Apêndice I). Fui um tanto resistente quanto a isso, e insisti que o questionário serviria apenas como um guia para minhas conversas. A maioria dessas conversas eu poderia realizar sozinha, em setores específicos do porto, contudo, era necessário que, primeiro, eu viesse a conhecer, e ter dimensão do que era, o porto.

Definimos que eu acompanharia os técnicos da GESET em seu trabalho para conhecer, na prática, o porto. Entender o que era o porto foi um tanto difícil. Primeiro, porque o que eu entendia por porto era o que os trabalhadores da CODESP chamavam de área primária ou cais, isto é, a primeira faixa de “terra firme” depois do mar, onde os navios atracavam. Ao conversar com Vicente e Felícia, passei a perceber que o porto era mais do que somente o cais. Foi então que as falas deles passaram a fazer melhor sentido para mim, de que “o porto é CODESP”. Isto é, todas as áreas que pertencem à CODESP, incluindo as que são arrendadas aos terminais, são porto. Deste modo, se eu esperava ainda “entrar no porto”, tinha que começar a entender que já estava dentro do porto, pois estava na GESET que é dependência da CODESP. Diante disso, insisti para Vicente que não tinha ideia do que era isso tudo que se dizia “porto”, e ele então me apresentou toda a extensão portuária via Google Earth (Figura 05), explicando-me sobre as áreas da CODESP e as áreas arrendadas, os terminais. Além disso, ele também me levou para conhecer a Presidência da CODESP, uma das poucas áreas onde podíamos transitar sem os EPIs.

certo modo, estabelecido que Benjamin ficasse para a GESET e Alfredo para a GECAM e a GEMAM. Sempre que me contavam a respeito dessa divisão dos motoristas, também me explicavam que o veículo era uma caminhonete de acordo com um pedido de Felícia, para facilitar o resgate de animais domésticos que são abandonados no porto.

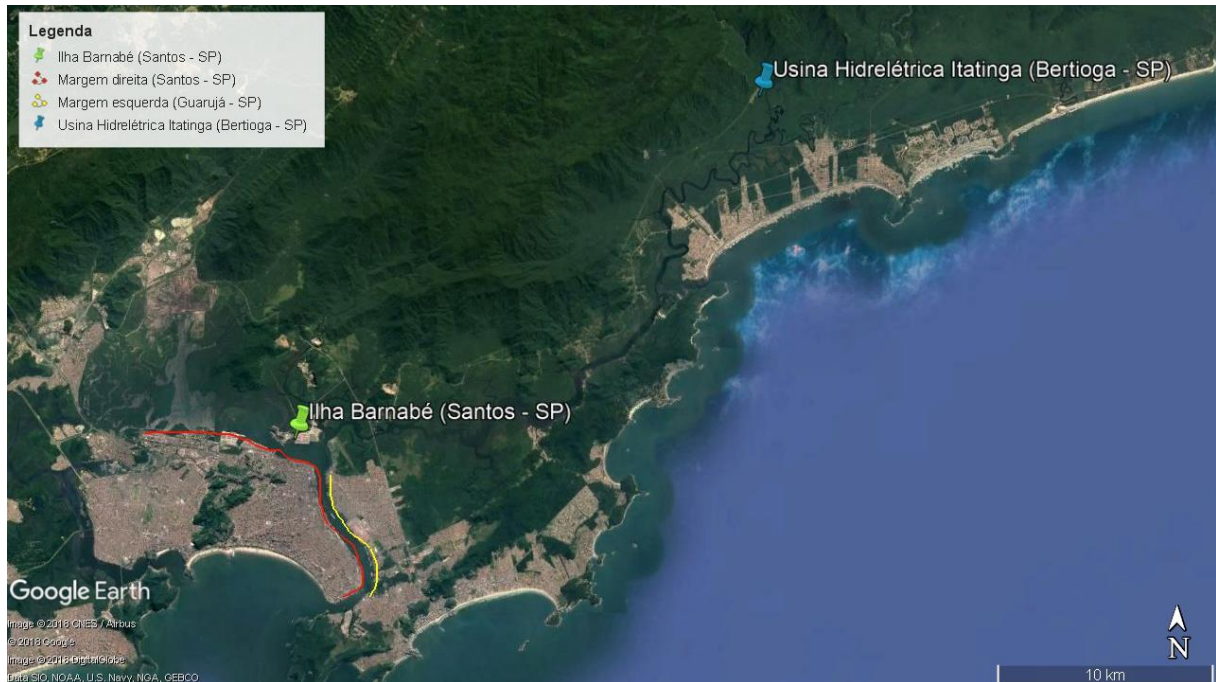


Figura 05 – Dependências do Porto de Santos. Fonte: Google Earth, 2018.

Ao leitor que, assim como eu à época, sequer tenha pisado num porto – um local que, acredito, só se venha a conhecer de fato se você trabalhe ali – gostaria de tentar situá-lo neste enorme lugar – embora também acredite que a experiência de estar no porto e se sentir tão pequena em meio à enormidade de navios, máquinas e barulhos seja ímpar. Conforme já mencionei, o Porto de Santos é o maior do Brasil e da América Latina, com 15 km de faixa de cais. Levando, então, em conta sua grande extensão, tinha de me concentrar em regiões específicas que interessassem mais à minha pesquisa, o que não me permitiu pisar, uma vez que fosse, em todas as áreas do porto. Procurei saber quais regiões seriam estas e, destas, à quais eu poderia ter acesso. Para determinar estas regiões foi que passei a acompanhar os técnicos da GESET em suas inspeções, que eram previstas por meio de uma escala realizada todas as sextas-feiras. Os primeiros lugares que conheci foram as gerências que funcionam no mesmo prédio da GESET e a Presidência. No entanto, posso considerar que o primeiro lugar do porto que conheci foi o Museu, em minha primeira expedição à cidade no ano de 2016 – afinal, se o porto é CODESP, e o Museu do Porto pertence à CODESP, logo o mesmo também é porto. A princípio, apenas a Presidência havia me chamado mais a atenção, talvez pelo complexo de prédios e oficinas que a compunham, talvez por ir na companhia de Vicente, que me explicava o que era e funcionava em cada prédio, bem como já ia me apontando algumas instalações de telas do programa de controle de pombos ou, ainda, por ter tido a sensação de que, de fato, estava “entrando” no porto. O curioso, ainda, é que eu queria

compreender o porto apenas como aquilo que era externo, a céu aberto, desconsiderando os prédios, as gerências, os terminais, e todos os ambientes fechados, por assim dizer. Por outro lado, era nessas áreas externas que eu encontraria os pombos, que veria a movimentação das cargas, os derramamentos de grãos, tudo o que eu viria a chamar, posteriormente, de ecologia do porto. Mas voltemos às áreas portuárias que pude conhecer, todas limitadas apenas ao município de Santos.

A princípio, Vicente me levou para conhecer todo o prédio da GESET, onde também funcionam a GEMAM e GECAM, e um canil e gatil que servem para abrigar os cães e gatos que são resgatados no porto. Estes animais ficam ali abrigados para que recebam os cuidados de Vicente e Felícia – médicos veterinários da GESET – e, se possível, posterior adoção. O canil é localizado numa área externa da GESET, logo em sua entrada. No tempo em que estive em Santos, este canil contava com três cães. Já o gatil, acessava-se também externamente à GESET, mas era um local fechado – e não era possível contabilizar os gatos à primeira vista, já que eram muitos. Noutros dias também pude conhecer a Presidência e os prédios administrativos que se localizam nos casarões ao lado do Museu do Porto. Todos estes prédios são localizados em meio à cidade de Santos, mas já quase na Avenida Perimetral, a avenida que, de certo modo, “corta” a cidade e as faixas de terminais e cais. Uma vez que se atravessa a Avenida Perimetral é possível sentir essa impressão de “sair da cidade” e “adentrar ao porto”. Isso porque já se começa a avistar a linha férrea, os enormes armazéns e silos, os *gates* de acesso ao cais, e se tiver alguma brecha de visão ao horizonte, o próprio cais – ou, no limite, alguma estrutura superior dos navios atracados. Isso, ao menos, na região do Macuco, onde foquei minha atenção, por funcionar um dos maiores terminais de grãos do porto.

Na prática, boa parte de minha pesquisa foi se consolidando já nesta primeira etapa de reconhecimento do território portuário, pois tive a oportunidade de conversar com trabalhadores do cais, observar a presença dos pombos e demais animais considerados sinantrópicos nocivos e passíveis de controle, e contar ainda com as explicações dos técnicos Alonso e Maitê. Ao acompanhá-los nas inspeções, pude constatar que, de fato, as regiões que mais contavam com a presença dos pombos eram as que mais possuíam movimentação e derramamento de grãos, bem como suas proximidades. As regiões da Alemoa e Saboó não se fizeram de grande interesse para mim, pois lá operam terminais de cargas de combustíveis e containeres. Este tipo de carga e o armazenamento de grânéis sólidos em containeres – que evita o derramamento de grãos pelo solo –, não atrai os pombos – diferentemente de outras regiões em que existe essa oferta de alimento. Ao longo o segundo capítulo descreverei duas

situações etnográficas em que acompanhei os técnicos Maitê e Alonso, cada qual em um terminal portuário em regiões distintas (Alemoa e Macuco), e na qual o contraste destas regiões poderá ser clarificado.

Para definir essas áreas de interesse contei com dois facilitadores: a possibilidade de verificar a presença de pombos na prática, a partir do acompanhamento dos técnicos da GESET realizando inspeções por toda a área do porto, e o acesso a uma tabela, cedida por Vicente, com o cronograma de execução de controle e monitoramento de pombos nas áreas não arrendadas do Porto de Santos. A partir desta tabela, Vicente também destacou os locais num mapa³³, por meio do Google Earth, o qual também me foi cedido para auxiliar em minha pesquisa. Esse cronograma de execução prevê as áreas portuárias que têm a instalação de barreiras para os pombos, sejam estas concluídas, em andamento e programadas. Explicarei no que consiste o programa de controle de pombos ao longo do capítulo, mas para que prossigamos agora, basta entender que essas barreiras se tratam, em sua maioria, de telas e fios tensores que impedem a entrada e o pouso dos pombos nos locais em que são instaladas. Assim sendo, além de ir numa única situação a um terminal na Alemoa, as áreas em que me centrei para a pesquisa localizam-se nos bairros do Paquetá, Outeirinhos, Macuco e Ponta da Praia. A escolha dos locais, pelos quais percorri em específico (Figura 06), se deu pela maior presença de pombos e maior facilidade de acesso.

³³ Desde meu primeiro contato com Vicente ele frisou que seria importante para eles a oportunidade de me receber para a realização de minha pesquisa, pois seria “um profissional a mais ajudando e melhorando os processos”. Percebi a concretização dessa importância quando Vicente fez essa transposição do cronograma de execução no mapa, ao ver, depois de pronto, um resultado bastante positivo e exclamando essa positividade ao completar que nunca tinham feito algo assim – talvez mais visível e palpável, em minha opinião, a partir da visualização no mapa.



Figura 06 – Mapa do município de Santos, cedido pelo chefe de serviço da GESET, onde se destacam as áreas portuárias de atuação do programa de controle de pombos. Fonte: Google Earth, 2017.

Ciente, então, da existência de perigos, da necessidade dos EPIs (alguns fornecidos pela CODESP, outros por minha conta), estava pronta para pisar no cais santista – que para mim, na época, significava pisar, de fato, no porto.

1.2 A ausente presença dos pombos e seus vestígios

Após transportar meu leitor ao maior porto da América Latina, meu interesse, agora, é o de explicitar o que os pombos vêm mobilizando ali. O movimento de minha escrita não seguirá a ordem cronológica das atividades que realizei, pois, primeiro, gostaria de apresentar os relatos das vezes em que fui sozinha ao porto, vezes estas em que pude realizar minhas próprias observações, no tempo em que eu julgasse necessário, fotografando e tomando notas em minha prancheta – as quais foram posteriores às minhas visitas em inspeções com os técnicos. Fui sozinha ao porto três vezes, e isso ocorreu nos meus últimos meses em campo, quando já conhecia a área um pouco melhor. Minha intenção era tomar um tempo de observação dos locais que defini para averiguar as presenças e interações dos pombos com as pessoas e a paisagem, além de também conversar mais livremente com trabalhadores dos

locais. Como meu ponto de partida era sempre a GESET³⁴, procurei lugares próximos para ir, os quais coincidiam com a proximidade de um dos maiores terminais de grãos do porto. O terminal em questão é responsável pela movimentação e armazenagem, sobretudo, de grãos de soja e milho, o que fazia com que a presença dos pombos ficasse concentrada nesta área. Deste modo, os locais que defini para meu percurso foram o Museu do Porto de Santos e a Presidência da CODESP. Embora eu também tenha definido os *Gates* (portões de acesso ao cais) 11 e 12³⁵ como locais de interesse, os relatos referentes a esses pontos só serão apresentados no capítulo seguinte, tendo em vista seu alinhamento com a questão de por que os pombos são um problema ao porto.

Opto por esta inversão cronológica porque, por meses, percebia que o alarde em torno dos pombos era maior do que sua presença de fato. Sentia dificuldade em vê-los durante as inspeções com os técnicos. Dificuldade também sentida pelos técnicos, que me diziam em tom de brincadeira: “*eles sabiam que você viria e não apareceram*”. Nalguns dias, atribuí essa ausência dos pombos ao tempo chuvoso; noutros, à eficiência do programa de controle de pombos instituído. Contudo, talvez o alarde tenha sido de fato maior. Ou os pombos soubessem mesmo que eu iria...

O que me ocorreu foi algo similar ao exemplo de Sartre (2007:50) sobre Pedro e o bar. Segundo o filósofo,

na percepção, ocorre sempre a constituição de uma forma sobre um fundo. Nenhum objeto, nenhum grupo de objetos está especificamente designado para organizar-se em fundo ou forma: tudo depende da direção da minha atenção. Quando entro nesse bar em busca de Pedro, todos os objetos assumem uma organização sintética de fundo sobre a qual Pedro é dado como "devendo aparecer". [...] Porque o fundo só é visto por acréscimo, objeto de atenção puramente marginal. Assim, essa primeira nadificação de todas as formas, que aparecem e submergem na total equivalência de um fundo, é condição necessária à aparição da forma principal, no caso a pessoa de Pedro.

Nesse sentido, entendo que os pombos sejam como Pedro ausente, isto é, os pombos “deviam” aparecer no porto, e foi quando essa forma – os pombos – se fez ausente que pude perceber o fundo – o ambiente do porto – como algo mais do que somente um fundo. Entretanto, ainda um tanto descontente com esses “pombos ausentes”, decidi que era hora de investigar melhor os lugares e não mais procurar por um bando extraordinário de pombos – tal como por vezes me era posto em importância por meus interlocutores – mas, até mesmo, por

³⁴ Costumava ir à GESET para acompanhar os técnicos nas inspeções. Quando saía sozinha a campo, ia primeiro na GESET para pegar um capacete, deixar minha mochila, e avisar Vicente para onde iria.

³⁵ Numa palestra sobre o programa de controle de pombos, que descreverei em outra seção deste capítulo, esses Gates foram apontados como os mais problemáticos em relação aos pombos, justamente por essa proximidade com o terminal de grãos.

aves solitárias. Isto é, por muitas vezes os pombos só pareciam ser notados quando em bando. O número das aves parecia ser um fator determinante de relações e na relevância desses animais para as pessoas, inclusive a mim mesma, na condição de antropóloga. Nesse momento passei a notá-los desde o parapeito da janela da sala em que dormia, passando pelo carrinho de churros na esquina da rua em que morava, até chegar ao porto. Ao recorrer aos meus relatos no diário de campo, me deparei com a seguinte transcrição:

“[...] onde estão os pombos? Eu quero buscá-los em praças, mas eles estão, por exemplo, na esquina, no carrinho de churros que tem ali. No emissário, em outro carrinho. Outro dia, presenciei uma mulher com uma criança, comendo churros, incentivando a criança a dar algo para os pombos. Comecei a notar, então, que talvez eu não precise ir tão longe assim”. (Diário de Campo, 03 de junho de 2017).

Foi neste momento que meu exercício em campo se alinhou à fenomenologia, buscando evidenciar um jogo de percepções produzidas em campo. Para tanto, elaborei um roteiro (Apêndice II) com alguns aspectos sensoriais (visuais, sonoros, olfativos e táteis) que me proporia a perceber durante um intervalo de tempo em determinados locais do porto, e de que forma estes aspectos estavam relacionados, ou não, aos pombos. O diálogo que aqui estabeleço é, sobretudo, com Tim Ingold (2000) e suas ideias de *taskscape* e *ressonância*, também influenciadas pela fenomenologia. Ao propor a ideia de *taskscape* em vez de *landscape*, o autor entende que, mais do que algo visual, a paisagem é uma atividade dos sujeitos que nela habitam. Em suas palavras, “isso significa que, ao habitar o mundo, nós não agimos *sobre* ele, ou fazemos coisas *para* ele; mas seguimos *com* ele. Nossas ações não transformam o mundo, elas são parte e parcela do próprio mundo em transformação”. (INGOLD, 2000:200, tradução minha). Isto é, se, a princípio, eu pensava nos pombos como uma forma devendo aparecer sobre um fundo (o porto) – tal como no exemplo de Sartre a respeito de Pedro no bar – e ficava à procura das aves, quando tive dificuldades em encontrá-las passei a entender que o ambiente portuário em que me situava se tratava muito mais de sujeitos em ressonância agindo com o mundo: pombos e porto são parte e parcela de um mesmo mundo, para falar nos termos de Ingold, em constante transformação; pombos, grãos de soja, poças d’águas, outros animais, cais, navios, esteiras, caminhões, silos, armazéns, telas que barram a entrada de pombos, e toda uma série de outros sujeitos e suas atividades que agem conjuntamente e estão em constante transformação.

Uma vez que os pombos se faziam ausentes visualmente, e todo o porto emergia diante de minha percepção, consegui entender que não se tratava de direcionar meu olhar para o pombo agindo sobre o porto, como se este último fosse um sujeito passivo, ou um pano de

fundo sobre o qual pombos e humanos atuam. O próprio porto está em ressonância com os pombos e com todos os agentes que o compõem; age com eles não como simples paisagem ou palco, mas como um ator, ou conjunto de atores, envolvendo outros animais, ou uma ecologia própria (ratos, cães, mosquitos, abelhas), grãos e cargas diversas, máquinas, trens, navios, autoridades, entre tantos outros. Além disso, percebi que os pombos significavam muito mais do que apenas sua presença visual e física: eles significavam, ainda, uma preocupação legislativa, uma série de medidas de controle instauradas, seus vestígios na forma de fezes – conforme se verá a seguir. Significados esses que só foram sendo perceptíveis quando a presença física do pombo se fez ausente e fui, de certo modo, obrigada a entender e perceber todo o ambiente e conjunto de atores no porto em ressonância, e não como figura e fundo, como percebia de início. Nesse sentido, entendi que, embora os pombos estivessem ausentes fisicamente em boa parte das vezes em que fui ao porto, eles sempre estavam presentes de alguma outra forma: nos vestígios de seus dejetos, nas barreiras instaladas no porto, nos resquícios de soja e demais grãos no chão que eram um potencial atrativo às aves, no programa de controle da CODESP ou, ainda, na minha presença como antropóloga estudando os pombos³⁶. Podemos pensar, assim, numa multiplicidade ontológica do pombo, assunto que desenvolverei no Capítulo II, que abrange as ideias de “animal-agente” e “animal-signo” simultaneamente em suas variadas formas de presença e em sua ausência.

De início, a questão numérica dos pombos foi muito problemática para mim. Meus interlocutores sugeriam, talvez não intencionalmente, que os pombos só tinham importância quando em bando, e em bandos relativamente grandes. Notei isso, primeiro, numa ocasião em que exclamei haver vários pombos no cais, e a técnica Maitê logo me respondeu que “*isso não é nada, costuma ter muito mais*”. Outra ocasião em que notei essa “não importância” dos pombos foi quando estava com Alonso, terminando uma inspeção, e fotografei alguns pombos se alimentando da soja no chão, ao que ele me respondeu que “*esse tantinho aí nem dá graça fotografar*” (Figura 07).

³⁶ Nos intervalos de socialização na GESET – geralmente antes e depois das inspeções – as pessoas que me conheciam, e com quem interagia, sempre vinham me contar algum fato sobre pombos. Benjamin, motorista da GESET, era uma das pessoas com quem mais conversava nestes momentos, já que ficávamos aguardando Maitê ou Alonso para sair às inspeções. Ele é formado em teologia, e algumas vezes me falava sobre os porquês das representações dos pombos na religião – como uma vez em que me contou que, no caso da Arca de Noé, poderia ter sido qualquer pássaro a ser solto por Noé e lhe trazer um ramo de árvore. Alonso também me contava sobre alguma inspeção que fizera e, ao ver pombos em determinados locais, lembrara-se de mim – uma dessas ocasiões ele observou que os pombos estavam pousados no telhado de um armazém, porém, todos os pombos se concentravam sobre uma das telhas que era mais nova (perceptível pela cor branca reluzente). A seu ver, elas se concentravam nesta telha justamente por ser nova e não conter limo, o que proporcionaria maior firmeza ao pouso.



Figura 07 – Bando de pombos na área primária do porto. Fonte: acervo pessoal, maio e junho de 2017.

Tentei, cada vez mais, entender qual era o problema que os pombos representavam, já que a quantidade das aves parecia ser determinante para que elas fossem entendidas, efetivamente, como um problema. Acredito que apenas uma vez pude presenciar uma grande revoada de pombos que, felizmente, consegui fotografar. Voltarei a isso no capítulo seguinte, onde trato especificamente dos problemas, com relação às aves, que me foram apontados, pois gostaria, antes, de apresentar minhas constatações das observações que realizei ao ir sozinha a campo. Meu intuito, no Museu e na Presidência, era buscar condições favoráveis ou não para a permanência dos pombos no porto. Na Presidência, o programa de controle de pombos tinha uma atuação parcial, sendo que no Museu ainda não havia se iniciado.

Não encontrei nenhum pombo ao redor do Museu – que se trata de um antigo casarão, outrora pertencente aos irmãos Gaffrée & Guinle, da burguesia do café. Embora eu tenha registrado uma série de aspectos arquitetônicos do casarão, que possibilitariam o empoleiramento de pombos, os fatos mais curiosos se deram a partir de minhas conversas com dois funcionários, o guarda da portaria e um funcionário de uma empreiteira. O guarda me contou que, há aproximadamente dez anos, havia muitos pombos ali, mas recentemente não mais. Ele, e outro funcionário que havia chegado enquanto conversávamos, atribuía essa ausência a um gavião que morava numa árvore, dizendo: *“tinha um gavião que morava aqui... é que agora [há aproximadamente uma semana] a árvore foi derrubada, mas ela era enorme! Os pombos nem rodeavam muito aqui, o gavião já espantava eles”*. Gaviões são conhecidos por serem predadores naturais dos pombos (SICK, 2001:251), sendo muito utilizados em

alguns locais³⁷, por meio da falcoaria, como método de controle de pombos. Neste trecho fica evidente que os trabalhadores reconhecem uma série de sujeitos – pombos, gavião, árvore, humanos – habitando e agindo com o ambiente, em transformação constante – tal como vimos anteriormente com as ideias de *taskscape* e ressonância de Ingold (2000).

Já o funcionário da empreiteira me contou algumas curiosidades sobre o museu, como a finalidade de suas janelas grandes e altas se deverem ao arejamento do casarão, evitando a presença de mosquitos num contexto epidêmico de febre amarela na cidade do século XIX. Além disso, quando eu fotografava um bebedouro de mulas³⁸ (Figura 08), na área externa do museu, ele me disse que aquela “fonte”³⁹ tinha sido um problema há algum tempo por não existir um escoamento de água, o que gerava um acúmulo da mesma, atraindo mosquitos que se proliferavam e pombos que se banhavam ali. Algumas vezes, esses pombos amanheciam mortos na fonte. Diante dessa situação é que foi instalado um sistema de escoamento, para que este item do acervo do museu não mais acumulasse água. Além de o funcionário resgatar uma característica arquitetônica do passado como alternativa a um contexto epidêmico⁴⁰ – isto é, as altas janelas do casarão que permitiam o arejamento que, por sua vez, amenizava a presença de mosquitos causadores da febre amarela no século XIX –, o caso do acervo do museu também ilustra uma necessidade de adaptação a fim de diminuir presenças incômodas – de mosquitos e pombos.

³⁷ Como no Porto de Imbituba, em Santa Catarina (<https://dnsul.com/2018/geral/porto-utiliza-falcoaria-para-controle-de-pombos/>), além de alguns dos aeroportos do Brasil.

³⁸ Parte do acervo do museu.

³⁹ O bebedouro de mulas se assemelha muito a uma fonte de água, o que gera confusão entre os nomes.

⁴⁰ Para mais informações sobre a epidemia de febre amarela em Santos entre os séculos XIX e XX, ver Lopes (1975).



Figura 08 – Bebedouro de mulas utilizado pelos tropeiros e viajantes no século XIX. Parte do acervo do Museu do Porto de Santos. Fonte: acervo pessoal, junho de 2017.

Um tanto sem sucesso em minhas observações em busca dos pombos, não desisti e fui à Presidência no dia seguinte. A Presidência é um enorme pátio, onde se localizam o prédio sede da CODESP, as oficinas de carpintaria, serralheria, extintores, mecânica, topografia e pintura, a garagem da diretoria e a garagem de autos (GEPAS), o *Gate 25* (acesso lateral à Presidência) e o “telhado entre as oficinas” – uma espécie de corredor externo, coberto por um telhado. A maioria dessas edificações já recebeu a atuação do programa de controle de pombos, possuindo, em sua maioria: telas na parte interna dos telhados – sobretudo das garagens – a fim de evitar que os pombos se aninhem nas vigas de sustentação; fios tensores nos parapeitos de janelas e áreas superiores dos telhados, evitando que os pombos pousem ali; grades e telas nas janelas e caixas de ar condicionado. Contudo, devido à proximidade com o terminal de grãos, a presença de pombos naquela zona é bem frequente. Pude, enfim, encontrá-los ali. Durante um momento em que fazia as anotações, observei dois fatores que espantavam os pombos dos silos e esteiras do terminal de grãos⁴¹: buzinas de trem e rajadas de vento. Quando da ocorrência desses, os pombos, camuflados nos silos acinzentados do terminal (Figura 09), saíam em revoada em direção à Presidência, buscando um ponto de pouso e descanso.



Figura 09 – Pombos camuflados em silo (à esq.). Fonte: acervo pessoal, junho de 2017.

É válido mencionar que nem todos os locais possuíam instalações de barreiras, pois precisavam passar por manutenções (sobretudo reparo de telhados) anteriores às instalações –

⁴¹ Embora eu estivesse na Presidência, os enormes silos e esteiras do terminal de grãos eram muito próximos e visíveis dali, o que atraía os pombos para toda a proximidade do terminal – como a Presidência.

como era o caso da área de uma das oficinas em que era preciso reformar o telhado, e que, no entanto, tratava-se de uma área de risco para se realizar a obra. Nesse sentido, o “telhado entre as oficinas” era a zona de maior gravidade no que dizia respeito aos pombos – pelo menos, segundo alguns de meus interlocutores. Conforme eu fazia anotações em minha prancheta, e notava os trabalhadores estranhando-me ali, prontamente ia conversar com eles, explicando que estava fazendo uma pesquisa sobre os pombos e perguntando como estava a situação do programa de controle. Eles já logo elogiavam o serviço e faziam algum apontamento sobre lugares que precisavam ser revistos.

Isso me recordou a primeira vez em que fui à Presidência, na companhia de Vicente, para conhecer um pouco do porto. Esse parecia ser o único lugar do porto em que as pessoas não estranhavam tanto quando eu falava que estava lá por conta dos pombos. Acredito que isso se deva ao programa de controle, pois, naquela primeira visita à Presidência, enquanto Vicente me explicava o que era cada edificação e oficina, vários funcionários cruzavam conosco e cumprimentavam Vicente, fazendo elogios ao programa e apontando detalhes que poderiam ser melhorados. Percebi que ele era muito querido por esses funcionários, e que, possivelmente, eles associavam a melhoria, isto é, a redução do número de pombos no local, a Vicente, por ser o responsável pelo programa.

Além dessa presença, ora fisicamente ausente, dos pombos, também acabei por observar seus vestígios numa situação um tanto atípica de minha rotina no porto. Essa situação se deu num domingo em que a Marinha abriu à visitação um navio de desembarque de carros de combate (NDCC), o Garcia D’Ávila. Neste domingo, eu não estava na cidade, chegando ao fim da tarde, em tempo de ir à Marinha. Ao chegar lá, percebi que esse tipo de evento atraía muitas famílias, sobretudo com crianças, para que conhecessem um NDCC por dentro. Talvez devido a isso, muitos vendedores ambulantes de milho e pipoca se posicionavam na entrada do terminal. Como cheguei ao fim da tarde, no último horário de visitação, o cenário com que me deparei era o de um chão coberto por restos de pipoca, penas e fezes de pombos. Ao olhar ao redor mais atentamente, percebia, por fim, a presença de alguns pombos empoleirados e camuflados numa estrutura de um barco da Marinha (Figura 10).



Figura 10 – Terminal portuário da Marinha. Ao centro da imagem, pombos empoleirados numa estrutura; abaixo, vestígios de pipoca, penas e fezes de pombos. Fonte: acervo pessoal, junho de 2017.

Registrei esta cena que ilustra perfeitamente a questão da presença e dos vestígios dos pombos, que dá título a este capítulo. É só quando percebemos todo o ambiente, sem uma ideia de figura e fundo, que entendemos e assumimos que os pombos estão ali, de fato. Afinal, seus vestígios estão presentes, e de forma mais visível que os próprios pombos que, por vezes, estão camuflados nas cinzentas estruturas portuárias, ou escondidos em lugares que nossa visão humana não é capaz de alcançar. Mas, além de estarem camuflados ou escondidos – o que chamei de uma presença ausente –, os pombos estão presentes de outras formas, como nas políticas de controle e nas inspeções. Nesse sentido é que gostaria, agora, de situar o leitor ao programa de controle de FSN do Porto de Santos, relatando meu primeiro contato com o mesmo, bem como sua aplicação na prática. Na seção que se segue busco demonstrar como os pombos se manifestam na forma deste programa, nas classificações, sobretudo jurídicas que movem este programa, e nas medidas adotadas pelo programa.

1.3 O programa de controle de FSN

Neste tópico meu interesse reside em descrever como funcionam os programas de controle de FSN para, em seguida, adentrar na maneira com que são conduzidas as inspeções realizadas pelos técnicos da GESET. Os programas de controle de FSN funcionam, basicamente, a partir das inspeções dos técnicos da GESET. O programa de controle de pombos, em específico, conta com uma empresa terceirizada responsável pela instalação de barreiras físicas, químicas e eletromagnéticas que têm por objetivo não deixar os pombos se aninharem nestes locais. As barreiras físicas são telas e fios tensores; as químicas, gel e tinta repelente, e; as eletromagnéticas se tratam de um dispositivo que emite essas ondas, as quais geram um incômodo aos pombos⁴² (Figura 11). Antes de eu obter minha autorização de acesso ao cais, tive a oportunidade de acompanhar uma palestra oferecida por essa empresa

⁴² A respeito das medidas adotadas, as barreiras físicas funcionam, simplesmente, como uma limitação dos espaços que podem ser ocupados pelos pombos, isto é, as telas barram a entrada de pombos e, os fios tensores, causam desequilíbrio nas aves quando pousam. O gel químico e tinta repelente funcionam como uma medida de causar incômodo aos pombos que, ao pousarem em superfícies que os contenham, por dar a sensação de uma superfície pegajosa, o pombo ficará incomodado e não quererá mais pousar nestes locais. Por fim, a eletromagnética, ao pesquisar em sites de empresas que prestam serviços de controle (ou manejo) de pombos, encontrei que o funcionamento desta medida se dá da seguinte maneira: são emitidos pulsos eletromagnéticos que, criando uma redoma, impedem que os pombos adentrem a esse raio eletromagnético, causando-lhes incômodo e desorientação. Além disso, é garantido que este incômodo seja sentido apenas pelos pombos, e não pelos humanos e/ou outros animais. <<https://termitek.com.br/servicos/manejo-de-pombos-tappa/>>.

sobre o programa de controle de pombos. Foi uma ocasião que se mostrou muito interessante para pensar, inicialmente, as relações das pessoas com os pombos no Porto de Santos.



Figura 11 – Dispositivo eletromagnético. Fonte: acervo pessoal, junho de 2017.

Era uma quarta-feira chuvosa. Como de costume, peguei o mesmo ônibus para ir à GESET. A palestra, no entanto, não seria na GESET, mas no CETRE (Centro de Treinamentos da CODESP), que fica a algumas quadras de distância, ao lado da Presidência. Neste local existem três casarões e o prédio do CETRE, o qual eu ainda não conhecia. Conforme andava pela avenida sob a chuva, vi um grupo de homens com crachás da CODESP se dirigindo para um dos casarões. Fui até eles e perguntei se iriam à palestra da GESET, e que não sabia qual era o prédio exato. Eles me disseram que não sabiam da palestra, mas que deveria ser no CETRE, indicando-me. Entrei no prédio, e este estava completamente vazio. Ouvi algumas vozes e tentei segui-las sem saber muito bem para onde, quando vi, no final do corredor, uma copa. Fui até a porta e perguntei para uma mulher onde seria a palestra, já que havia várias salas ali. Ela me disse que seria na sala 01, a primeira ao lado da copa. Agradei e fui para lá: vazia, apesar de aberta, acesa e com uma mesinha de café. Voltei para a entrada do prédio e entrei no banheiro para lavar o rosto e esperar um tempo na expectativa da chegada de mais pessoas. Ao sair, voltei imediatamente para a sala 01, na esperança de já ter aparecido alguém ali: apenas um homem tomando café. Entrei e iniciei uma conversa tímida, perguntando-lhe se já podia esperar na sala e onde poderia colocar meu guarda-chuva. De certa forma, o imitei: pendurei meu guarda-chuva no braço de uma cadeira, tal como ele o fizera, e peguei um café. Outras pessoas começaram a chegar, e logo também Vicente e Felícia, o que me aliviou, por finalmente reconhecer algum rosto.

Iniciada a palestra, passei a me sentir mais à vontade depois que Vicente cedeu a palavra para a equipe palestrante da empresa contratada, pois temia que ele pudesse direcionar sua fala a mim, que me sentia despreparada para dizer qualquer coisa sobre o tema⁴³. A equipe palestrante consistia de um biólogo, uma engenheira agrônoma e um médico veterinário. O palestrante principal foi o biólogo, Mário, iniciando sua fala com algumas características biológicas, comportamentais e históricas dos pombos, tais como hábitos de alimentação, frequência de reprodução, época em que foram introduzidos no Brasil, entre outras. Segundo o biólogo, “é preciso conhecer a biologia do pombo para poder manejar”. Ele também explicou algumas situações específicas do porto, como, por exemplo, um dos fatores que contribui para a presença dos pombos, além da oferta de alimento, são as poças d’água geradas pelo gotejamento de ar condicionado. Nesse sentido, o porto se faz um local ideal para os pombos por oferecer alimento, água e abrigo nas estruturas de oficinas, prédios, armazéns, silos, esteiras e demais edificações portuárias.

Mário deixou claro que o objetivo do programa “não é eliminar, não é fazer o controle, é fazer o manejo”⁴⁴, já que os pombos “podem proporcionar risco de saúde pública e econômica”. Em relação à economia, ele ainda mencionou a possibilidade de contaminação de cereais e silos, danos a estruturas, superfícies e equipamentos, bem como obstrução de calhas e dutos – o que também pode, segundo ele, desencadear na proliferação do *Aedes aegypti* nessas calhas. Já em relação à saúde pública, o médico veterinário da equipe, Roger, explicou as principais zoonoses⁴⁵ que podem ser transmitidas pelos pombos aos humanos, dentre as quais criptococose, clamidiose, salmonelose, alergias, enterites, febre tifoide, pneumonia, meningite, esterilidade masculina e feminina e mais de quarenta tipos de viroses – a maioria delas transmitidas a partir do contato com as fezes. No capítulo seguinte adentrarei a essa questão dos riscos que os pombos podem proporcionar a partir de seus dejetos, em diálogo com outros antropólogos que tratam sobre zoonoses, bem como com questões referentes à biossegurança e a alguns dados de pesquisa de um veterinário da cidade de Santos.

⁴³ Em nossa primeira reunião, Vicente e Felícia falaram da possibilidade de eu fazer uma fala sobre os pombos no porto algum dia.

⁴⁴ Não ficou clara para mim a distinção entre controle e manejo, tendo em vista que os próprios meios oficiais da CODESP utilizam a palavra “controle” de FSN. No entanto, pela definição da IN 141/06 do IBAMA, o controle pode implicar na eliminação direta de espécimes animais, ao passo que o manejo não permite manuseio, remoção ou eliminação direta dos espécimes. Deste modo, entendo que o biólogo opta pelo termo “manejo” porque o programa de controle de pombos prevê instalações de barreiras físicas, químicas, eletromagnética, isto é, alterações no ambiente, e não a remoção e/ou eliminação direta dos pombos.

⁴⁵ Roger definiu zoonoses como doenças transmitidas entre animais e humanos. Dentro das zoonoses ele ainda classificou três tipos: anfixenose (transmitida de humanos para animais e vice-versa), antropozoonose (transmitida aos humanos acidentalmente) e zooantropnose (em que o humano é o hospedeiro).

No mais, ao longo da palestra, foram explicados os procedimentos para instalação das barreiras físicas, a eficiência dos tipos – barreiras físicas, químicas e eletromagnéticas – e, ainda, trazidos os resultados obtidos nos locais em que já ocorreram essas instalações, para que fosse mostrada a eficácia na redução do número de pombos no local. Quanto aos tipos de barreiras, as físicas – também chamadas “arcaicas” – compreendem na instalação de telas e fios tensores e são consideradas melhores que as eletromagnéticas, apresentando eficiência de 100%, segundo os palestrantes. Já as barreiras químicas consistem em tintas e gel, porém apresentam alguns problemas: a tinta quase não é utilizada por desbotar muito rapidamente, mas sua eficácia foi apontada no sentido de refletir muita luz e gerar incômodo aos pombos; já o gel repelente pode ser problemático, e é considerado um mau trato animal, tendo em vista que pode atrapalhar o voo do pombo. O gel é geralmente utilizado em câmeras e demais locais em que não se pode perfurar para a instalação de barreiras físicas.

Os palestrantes explicaram que a maneira adequada de realizar a limpeza de fezes de pombos é umedecendo-as, sem que seja por meio de jato d’água, e a utilização de cloro. Também explicaram que o procedimento adotado pela empresa é o seguinte: limpeza prévia do local, retirada de ninhos, ovos, carcaças e aves e, por fim, a instalação das barreiras físicas e químicas. A respeito da retirada de ovos e aves, eles mencionaram que se fazia importante um médico veterinário na equipe, para que não se cometesse crime ambiental. Uma das falas de Mário que mais me chamou a atenção foi que “não é só colocar tela, é saber colocar” porque, ao explicar que o programa é constante devido à característica de adaptação da fauna (Figuras 12 e 13), “o pombo não é tão besta assim, você colocou uma coisa, ele vai ficar estudando”. E mais, “o pombo pode conviver no mesmo local que eu, desde que não contamine meu alimento, água e local de trabalho”. Ou seja, o incômodo, por parte do biólogo, se mostrou totalmente em relação às possibilidades de contaminação, que ocorrem a partir das fezes, e não ao pombo em si. Deste modo, nesse primeiro momento da palestra o que me pareceu foi que, por muitas vezes, o pombo acaba sendo reduzido a suas fezes, e somente quando ocorre a instalação de uma barreira – seja física ou química – é que a agência do pombo é acionada. Parece que, menos do que um animal ou uma ave, o pombo é sinônimo de fezes, sujeira e doença.





Figuras 12 e 13 – Pombos driblando barreiras. Fonte: acervo pessoal, junho de 2017.

O mesmo incômodo foi constatado, ao longo de minha pesquisa, por meus interlocutores. A partir das inspeções com os técnicos pude conversar com trabalhadores da CODESP⁴⁶, como técnicos portuários de fiscalização, coordenadores e guardas portuários. Essas conversas foram guiadas a partir de algumas questões que elaborei⁴⁷, com o objetivo de entender a percepção dos trabalhadores em relação aos pombos: de quais formas os pombos podem afetar o trabalho específico dessas pessoas e a rotina portuária em geral, que tipo de interação existe entre esses trabalhadores e os pombos, e sua percepção em relação ao programa de controle da CODESP. Avançarei nessas conversas e nos incômodos com os pombos no Capítulo II.

Retomando a descrição do funcionamento dos programas de controle de FSN, expliquei no que consiste o programa específico de controle de pombos, bem como a atuação da empresa contratada pela CODESP para a realização deste serviço. Acrescento, nesse sentido, algumas informações do que pude constatar dessa atuação na prática, numa ocasião em que fui ao *Gate 15* com Benjamin⁴⁸ (sem os técnicos da GESET), para ver como era a instalação das barreiras para pombos. O *gate* se trata de um portão de acesso, tanto de pedestres quanto de veículos, ao cais portuário. Basicamente, são compostos de uma guarita – onde os guardas portuários fazem o controle de acesso –, cancelas para a passagem de veículos e portões de pedestres, acionados por uma captura de impressão digital a partir do posicionamento integral de uma das mãos dos funcionários da CODESP⁴⁹. Toda essa composição é coberta por um telhado – principal local de pouso e repouso dos pombos.

Quando chegamos ao *Gate 15*, Benjamin abordou o pessoal da empresa contratada que realizava a instalação de telas, apresentando-nos e dizendo-lhes que estávamos ali para ver como era o serviço de instalação. O líder da equipe, Lucas, veio conversar conosco, sugerindo que eu também marcasse uma conversa com Roger, o veterinário da empresa, para saber de mais detalhes. Deixei claro que eu não estava inspecionando o trabalho de ninguém,

⁴⁶ Uma vez que minha porta de entrada foi a CODESP, meus contatos se restringiam a funcionários da mesma. Embora em algumas situações eu tenha conversado com funcionários de terminais, não consegui desenvolver conversas mais específicas de minha pesquisa com eles. Vicente enfatizou-me diversas vezes a distinção entre CODESP e terminais; assim, eu deveria tentar o contato específico diretamente com os responsáveis pelos mesmos. Nesse sentido, Vicente facilitou-me esse contato, endereçando-me a tais responsáveis. Entretanto, só obtive resposta de um terminal, que me pediu para entrar em contato com outro responsável, semanas depois. Só consegui um contato, de fato, na prática, uma vez que andava com uma funcionária da CODESP, Paloma, pelos arredores do terminal quando um funcionário nos abordou. Na ocasião, pude falar-lhe de minha pesquisa, aproveitando também de Paloma que explicava-nos que há alguns anos tinha desenvolvido um projeto de um pombal para o porto, conforme apresentei na introdução deste texto.

⁴⁷ Conforme sugestão de Vicente.

⁴⁸ Motorista da GESET.

⁴⁹ Quando eu tinha de acessar o cais junto dos técnicos da GESET, minha entrada era liberada pelas cancelas de veículos, já que eu não possuía o cadastro de digital.

e que apenas queria saber como era a instalação na prática. Lucas me explicou que primeiro é necessário que eles limpem as sujeiras para realizar a instalação das telas, que são calculadas a partir da medida da área do local multiplicado por 1,3. Esse cálculo é necessário para que gere uma “folga” de tela, pois, do contrário, o comprimento não seria suficiente. Nos locais em que existem luminárias, eles colocam um zíper na tela, para que o pessoal da manutenção elétrica consiga acessar essas luminárias (Figura 14). Além disso, ele explicou que o gel repelente – que perdura no local aplicado por aproximadamente seis meses – é utilizado nessas luminárias. Uma vez que o pombo pousa nas luminárias que tenham tido a aplicação do gel, este último causa um incômodo às aves por tornar seu ponto de descanso pegajoso e, deste modo, as aves passam a não querer mais pousar nestes locais.



Figura 14 – Gate 12 ilustrando a presença de grãos de soja no solo e a instalação de telas em seu teto. O “xis” preto próximo às luminárias são os zíperes costurados na tela. Fonte: acervo pessoal, junho de 2017.

Depois de nos explicar esses procedimentos, Lucas nos falou da função e necessidade de se ter um veterinário na equipe. Quando eles realizam a limpeza prévia do local, havendo ninhos com filhotes, eles os retiram e levam para o veterinário que, segundo ele, aplica-lhes uma injeção letal. Esse procedimento também é adotado para os pombos muito machucados. Neste momento, Benjamin disse, em tom de brincadeira, se não poderia jogá-los no mar para ver se virariam patos e nadariam. Lucas respondeu seriamente que não, e que o único procedimento é a injeção. Nesse sentido, gostaria de fazer algumas considerações legislativas.

Os Artigos 104 e 105 da Resolução 72/2009 da ANVISA estabelecem que seja de responsabilidade da administração portuária, consignatários, locatários ou arrendatários manter suas áreas livres de animais transmissores, ou reservatórios de doenças, bem como implantar um programa integrado de controle e monitoramento da FSN. No contexto portuário santista, pombos são considerados FSN, sob o mesmo entendimento desta Resolução e da IN 141/06 do IBAMA – que regulamenta o controle e o manejo ambiental da FSN. Segundo o Art. 2º desta IN, cabem algumas definições:

I - controle da fauna: captura de espécimes animais seguida de soltura, com intervenções de marcação, esterilização ou administração farmacológica; captura seguida de remoção; captura seguida de eliminação; ou eliminação direta de espécimes animais.

II - espécies domésticas: espécies que, por meio de processos tradicionais e sistematizados de manejo ou melhoramento zootécnico, tornaram-se dependentes do homem apresentando características biológicas e comportamentais em estreita relação com ele, podendo apresentar fenótipo variável, diferente da espécie silvestre que as originaram;

III - fauna exótica invasora: animais introduzidos a um ecossistema do qual não fazem parte originalmente, mas onde se adaptam e passam a exercer dominância, prejudicando processos naturais e espécies nativas, além de causar prejuízos de ordem econômica e social;

IV - fauna sinantrópica: populações animais de espécies silvestres nativas ou exóticas, que utilizam recursos de áreas antrópicas, de forma transitória em seu deslocamento, como via de passagem ou local de descanso; ou permanente, utilizando-as como área de vida;

V - fauna sinantrópica nociva: fauna sinantrópica que interage de forma negativa com a população humana, causando-lhe transtornos significativos de ordem econômica ou ambiental, ou que represente riscos à saúde pública;

VI - manejo ambiental para controle da fauna sinantrópica nociva: eliminação ou alteração de recursos utilizados pela fauna sinantrópica, com intenção de alterar sua estrutura e composição, e que não inclua manuseio, remoção ou eliminação direta dos espécimes;

De modo geral, além de serem considerados FSN no contexto portuário, pombos também poderiam ser entendidos como exóticos invasores, se levarmos em consideração sua introdução no Brasil pelos portugueses⁵⁰ (SICK, 2001:135). No entanto, parece que 500 anos é tempo suficiente para desconsiderar este aspecto “exótico invasor” dos pombos, quase como se tivessem sido “naturalizados”, ao mesmo tempo em que já habitam todo o globo, tal como os humanos. Além disso, pela definição de exótico invasor, também é sugerido que estes causem impacto sobre a fauna nativa e, como os impactos dos pombos parecem ser maiores no que diz respeito aos humanos e às cidades (doenças, sujeira, danos à saúde pública, à arquitetura, à economia), isto parece colocá-los na categoria de sinantrópico, e não na de invasor.

Ao avançarmos nesta IN, a ambiguidade em torno dos pombos aumenta, ao serem mencionados como exemplo de animais domésticos, conforme o item c do artigo 4º, §1º que estabelece uma diversidade de espécies que podem ter seu controle realizado sem a autorização do IBAMA:

- a) invertebrados de interesse epidemiológico, previstos em programas e ações de governo, tal como: insetos hematófagos, (hemípteros e dípteros), ácaros, helmintos e moluscos de interesse epidemiológico, artrópodes peçonhentos e invertebrados classificados como pragas agrícolas pelo Ministério da Agricultura;
- b) artrópodes nocivos: abelhas, cupins, formigas, pulgas, piolhos, mosquitos, moscas e demais espécies nocivas comuns ao ambiente antrópico, que impliquem transtornos sociais ambientais e econômicos significativos;
- c) animais domésticos ou de produção, bem como quando estes se encontram em situação de abandono ou alçados (e.g. Columba livia, Canis familiaris, Felis catus) e roedores sinantrópicos comensais (e.g. Rattus rattus, Rattus norvegicus e Mus musculus);
- d) quirópteros em áreas urbanas e peri-urbanas e quirópteros hematófagos da espécie *Desmodus rotundus* em regiões endêmicas para a raiva e em regiões consideradas de risco de ocorrência para a raiva, a serem caracterizadas e determinadas por órgãos de governo da Agricultura e da Saúde, de acordo com os respectivos planos e programas oficiais;
- e) espécies exóticas invasoras comprovadamente nocivas à agricultura, pecuária, saúde pública e ao meio ambiente.

Mesmo com essas várias possibilidades de itens e definições nos quais os pombos podem ser entendidos – fauna sinantrópica nociva, espécie exótica invasora, animais domésticos –, todas possibilitam o exercício do manejo e do controle sem a autorização do

⁵⁰ Segundo o ornitólogo Helmut Sick (2001: 135; 344), os pombos foram trazidos ao Brasil, pelos portugueses, no século XVI, como uma ave doméstica. Também o historiador Antônio Edmilson Rodrigues, em entrevista ao programa “*Como Será?*” da Rede Globo, em 22 de abril de 2017, conta que a introdução dos pombos no Brasil se deveu a sua associação com a religião católica e à Coroa Portuguesa, sendo, estas aves, consideradas um símbolo de proteção divina <<https://projeto colabora.com.br/cultura/herancas-de-portugal-no-brasil/>>.

IBAMA. Essa ambiguidade de definições dos pombos se faz um tanto similar ao caso dos javalis, que também poderiam ser entendidos sob mais do que uma dessas definições legislativas (SORDI, 2017:73). No entanto, existe uma legislação específica do IBAMA (IN 03/2013) para a realização do manejo dos mesmos. Já os pombos, que não possuem uma lei específica de manejo, podem exemplificar um “obstáculo jurídico para o estabelecimento de medidas de controle”, conforme exposto por Bevilaqua (2013:116), “uma vez que as leis ambientais tendem a proteger a fauna e a flora silvestres em termos genéricos, sem distinção entre espécies nativas e exóticas”. Embora tratemos de casos muito distintos, tendo em vista que pombos não são considerados fauna silvestre, a colocação de Bevilaqua (2016:379-380) sobre a presença dos animais no universo jurídico parece caber inteiramente, uma vez que “eles [os animais] se dão a conhecer diretamente por suas ações, em especial quando estas afetam a propriedade alheia ou a integridade física de seres humanos ou outros animais”. Isto é, a partir das ações dos pombos – no caso, sua capacidade de proporcionar riscos à economia e à saúde pública – é que eles serão, por exemplo, entendidos como FSN. Na seção que se segue descrevo de que maneira são conduzidas as inspeções realizadas pelos técnicos da GESET. Todavia, o que pude notar, ao acompanhá-las é que a FSN se resumia a três animais completamente distintos do ponto de vista biológico: mosquitos (insetos), pombos (aves) e ratos (mamíferos). Uma única sigla foi capaz de reunir classes distintas de animais que apresentam, entretanto, a sinantropia como algo em comum – do ponto de vista legal. Pouco importava se, de alguma forma, pombos pudessem ser animais domésticos ou exóticos invasores perante a lei, a categoria de fauna sinantrópica nociva é a que parece legitimar a necessidade do controle e do manejo de diversos, e tão distintos, animais.

1.4 As inspeções

Uma vez situado ao leitor no que consiste o programa de controle de FSN no Porto de Santos, explico agora como funcionam as inspeções realizadas pelos técnicos da GESET. No total, acompanhei seis inspeções, das quais descreverei os aspectos que se fizeram recorrentes e as características dos espaços percorridos pelos agentes do ambiente portuário – isto é, espaços percorridos por mim, pelos técnicos, pelos veículos, pelos pombos, pelos grãos. Embora a gerência tenha três técnicos, só acompanhei dois deles⁵¹: Maitê e Alonso.

⁵¹ Em minhas primeiras visitas ao porto, o terceiro técnico, Lázaro, encontrava-se de férias, o que não possibilitou meu contato com ele. No decorrer do tempo, contudo, eu sempre optava por acompanhar as

Com ambos tive a oportunidade de acompanhar inspeções em áreas da CODESP e em terminais. As inspeções em terminais foram determinantes para que eu pudesse notar certas tensões institucionais, de que tratarei no capítulo seguinte. Todavia, todas as inspeções que tive a oportunidade de acompanhar, e todas as outras ocasiões em que saí a campo, me permitiram ter um melhor entendimento do que é o porto, do que é o programa de controle de FSN, do que as pessoas pensam dos animais e do programa, e verificar onde estavam os pombos.

Minha primeira inspeção foi essencial para que eu entendesse que o conceito de porto, do qual já tratei anteriormente, é mais do que somente o cais. Fui com Maitê e Rodrigo⁵² até o chamado “Codespão”, um ginásio pertencente à CODESP. Chegando lá, havia vários homens sentados num banco, ao lado de fora da quadra, bebendo Coca-Cola, os quais tinham acabado de jogar uma partida de futsal – como era possível deduzir por suas vestes e pelo cansaço aparente. Maitê nos apresentou e logo lhes perguntou sobre presenças de mosquitos e pombos. A respeito dos primeiros, eles disseram haver bastante; já em relação aos pombos, as opiniões foram divididas. Alguns disseram não haver mais pombos ali (depois de o ginásio ter sido telado); outros, que havia apenas um, mas que suspeitavam haver algum buraco ou vão por onde ele tivesse entrado. Maitê anotou as informações e seguiu com a inspeção, buscando ralos, tanto na entrada no ginásio, quanto nos banheiros e vestiários, para despejar um larvicida. Esse era o procedimento padrão: observar áreas em que possam existir condições favoráveis para a proliferação ou permanência de mosquitos e, na existência de tais condições, realizar a aplicação de larvicida – sobretudo em poças d’água, ralos e tampos de bueiros – ou coletar amostras⁵³. Demais situações, como rompimentos nas telas de proteção ou danos nas edificações, são fotografadas e anotadas num *checklist* que os técnicos levam a campo. Também era verificado se as caixas “porta-isca” para ratos estavam dentro do prazo de validade. Ao término das inspeções, os técnicos retornam para a GESET onde elaboram relatórios que são entregues a Vicente ou Lívia.

Em outras ocasiões, tanto com Maitê quanto com Alonso, realizamos inspeções no cais, sobretudo nas regiões do Paquetá, Outeirinhos e Macuco – áreas que me interessavam pela maior presença de pombos. Pude, de fato, observar os pombos no cais, bem como a presença de outros animais e seus vestígios, como abelhas e ratos. No trajeto que fazíamos

inspeções com Alonso, por já estar mais familiarizada, conforme ficará claro ao longo do texto. Deste modo, e também devido às escalas de inspeções, nunca tive contato com Lázaro.

⁵² Estagiário de Veterinária.

⁵³ Em duas ocasiões presenciei Alonso e Maitê coletarem ao menos cinco larvas de mosquito para verificar se se tratava do *Aedes aegypti*.

geralmente, passávamos por terminais de celulose, açúcar, suco de laranja, adubo, sal, grãos e seus derivados. Pela variedade de cargas movimentadas, era possível notar, também, uma mudança na paisagem. No geral, o cais é todo de paralelepípedo e de terreno irregular, tanto em relação ao nivelamento do solo, quanto aos paralelepípedos em si. Alonso me explicou duas causas para isso. Em determinados locais, o cais apresenta rachaduras e elevações, as quais, segundo ele, são ocasionadas pelos ratos que, subterraneamente, ali habitam. Além disso, em muitos trechos os paralelepípedos apresentam um aspecto como se estivessem corroídos, e de fato estão, segundo Alonso, por conta dos derramamentos de açúcar e soja somados à água empoçada (Figura 15).



Figura 15 – Cais portuário em paralelepípedo com trechos corroídos. Fonte: acervo pessoal, junho de 2017.

Presenciei muitas vezes esse cenário no cais do porto. Uma vez que meu período em campo contou com diversos dias chuvosos em Santos, essas poças no cais eram corriqueiras. Geralmente, a água empoçada contava ainda com a presença de açúcar ou grãos de soja, e tinha uma cor ora esverdeada, ora acinzentada, e sempre turva (Figura 16). Tanto Alonso, quanto Maitê me aconselharam a nunca pisar nessas poças, pois o cheiro fétido permaneceria, as botas ficariam colantes e, por vezes, Alonso me dizia que muita gente jogava os sapatos fora depois de pisar nessas poças. O cheiro era variável, embora densamente fétido na soja – e principalmente no farelo de soja. No setor de açúcar, além dos derramamentos empoçados, algumas sacas e montes de açúcar espalhados por um canto do cais (Figuras 17 e 18) atraíam abelhas que os sobrevoavam. Alonso aproveitava o contexto para me contar que a CODESP tem uma espécie de vínculo com um apicultor da região, pois quando acontece de ter muita abelha, esse apicultor é chamado para retirá-las.



Figura 16 – Poça d’água turva com grãos de soja no cais portuário. Fonte: acervo pessoal, junho de 2017.



Figuras 17 e 18 – Acima, fronteira entre terminais de açúcar e soja, com sacas de açúcar e poças d'água turvas; abaixo, montes de açúcar espalhados no cais portuário. Fonte: acervo pessoal, junho de 2017.

Quando andávamos próximo aos terminais de grãos, Alonso me explicava o trajeto dos caminhões e trens, e dos grãos até o navio – foi quando passei a entender melhor esses trânsitos. Observava a movimentação das esteiras que, por sobre nossas cabeças, deixava derramar grãos nos desníveis de uma a outra, até chegar aos porões dos navios atracados no cais. Os trânsitos dos grãos ocorrem da seguinte maneira: os caminhões e trens chegam carregados no porto – por vezes víamos filas de caminhões esperando sua vez de acessar o cais – e se dirigem aos respectivos terminais, adentrando uma espécie de cabine onde há a

moega, um reservatório subterrâneo de grãos. Nesta cabine os caminhões estacionam e são elevados até certa altura, onde têm sua carroceria inclinada a fim de realizar o descarregamento dos grãos (Figura 19). A moega localiza-se no subsolo desta cabine, assim, esta área onde o caminhão despeja os grãos é toda gradeada, possibilitando a passagem dos grãos pelos vãos. No caso das cargas chegadas por meio de trens, vagão por vagão adentra numa cabine similar a essa. Os vagões são abertos por baixo, fazendo a descarga de grãos. No momento da descarga dos caminhões e trens a cabine é fechada, por uma espécie de cortina plástica, para evitar a dissipação da poeira dos grãos. Os operadores usam máscaras para também se proteger dessa poeira. Alonso quis me mostrar, numa ocasião, esse processo de descarregamento de grãos, e pudemos observar de perto até o momento em que o caminhão se elevou sobre a moega sendo, posteriormente, fechada para a descarga.

Depois de passar pela moega, os grãos são armazenados nos silos ou armazéns e, então, podem ser transportados para navios, ou ainda para algum dos moinhos que operam muito próximos do porto. Pelo que pude observar, esses dois trajetos possíveis são realizados por meio de várias esteiras aéreas, que se conectam, até chegarem ao destino. Não observei os trajetos até os moinhos, mas, no caso dos navios, existe um equipamento, o *shiploader*, responsável por despejar os grãos das esteiras nos porões dos navios. O trajeto inverso, proveniente da importação de grãos, ocorre da mesma maneira. Tanto nos trajetos de exportação, quanto de importação, ocorrem derramamentos de grãos no solo. Alonso me explicou que alguns motoristas não fecham as lonas das carrocerias de maneira adequada, o que faz com que, ao caminhão se movimentar, haja o derramamento. É, também, por causa de grãos que ficam presos à lona que na saída da carga e descarga de alguns terminais existem sinalizadores⁵⁴. Assim, ao passar por cima, automaticamente os grãos caíam da lona do caminhão, devido ao balanço. Ocorrendo esse derramamento ainda nas dependências do terminal, o mesmo já se responsabiliza pela limpeza do solo, conforme observei diversas vezes em que andava por ali. No caso de um terminal específico, por exemplo, eles contam com um maquinário que suga grãos e com funcionários que varrem o solo – procedimentos necessários, sobretudo, levando em conta que o solo do porto é todo composto por paralelepípedos, o que contribui para o acúmulo de grãos por entre os vãos.

⁵⁴ Objetos introduzidos na via a fim de produzir um relevo – semelhante às “tartarugas de trânsito” –, assim, quando os caminhões passam por cima destes, eles trepidam e o derramamento de grãos soltos na lona é feito ali dentro do próprio terminal, responsável pela limpeza posterior.



Figura 19 – Descarregamento de grãos via caminhão. Fonte: <http://www.aen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=93170&tit=Porto-de-Paranagua-tem-novo-sistema-de-agendamentos-para-descarga-de-caminhoes>.

A partir destas inspeções entendi que o porto é um local de grande variedade de sujeitos e agentes, desde pombos, ratos, abelhas, mosquitos, grãos e farelo de soja, açúcar, celulose, fertilizantes, suco de laranja, contêineres, maquinários diversos (de cargas, descargas, limpeza), trens, navios, silos, armazéns, paralelepípedos, poças d'água, esteiras, vias, linhas férreas, humanos, enfim, uma ecologia própria do porto. Pensando, então, que o porto tenha sua própria ecologia, abrigando esta diversidade de sujeitos, visualizamos suas relações e interações neste mundo possível. Como uma lona mal presa ao caminhão permite que um grão de soja seja derramado por entre os vãos dos paralelepípedos, que atrairá pombos, que mobilizarão uma política de controle de fauna sinantrópica nociva (a qual engloba animais tão distintos), a qual exige a limpeza do cais por parte dos terminais e envolve toda uma gerência portuária com veterinários, técnicos, engenheiros, empresas responsáveis por instalar telas, fios e demais barreiras contra os pombos, atuando e alterando o porto e, conseqüentemente, sua ecologia, ao não permitir que os pombos pousem, repousem, habitem este ambiente.

Este capítulo teve por objetivo tecer uma primeira linha de rumo tendo os pombos como ponto de partida e o Porto de Santos como ponto de chegada. Embora eu já indique,

neste primeiro capítulo, algumas linhas teóricas sobre as quais me debruço, o caráter descritivo prevalece. Meu intuito foi justamente o de transmitir as sensações de como é chegar e estar num porto, e explicitar no que o mesmo consiste. Embora a epígrafe de Pablo Neruda (2012) não diga respeito a pombos e ao Porto de Santos em específico, ela descreve e ilustra as aves e as sensações que se espera sentir e encontrar num ambiente portuário. Aves como gaivotas e albatrozes, por exemplo, e sensações como o aspecto da imundície, sugerido na poesia pelos caixotes quebrados, fruta falecida e águas sujas e oleaginosas, e constatado em meu campo durante as inspeções nos terminais e nos discursos de meus interlocutores na cidade a respeito da região portuária como suja e responsável por poluir as praias. A utilização de uma poesia para abrir o capítulo, nesse sentido, se refere a um aspecto mais ou menos lírico – de descrever, expressar e perceber sensações – do mesmo.

Como primeiro capítulo, além de situar o leitor ao campo etnográfico, ele evidencia as primeiras reflexões acerca das diversas formas de os pombos se fazerem presentes, mesmo que às vezes ausentes, no Porto de Santos. Num primeiro momento, os pombos se faziam, de fato, ausentes visualmente e foi preciso entendê-los e buscar vê-los juntamente do porto como um todo, sem que o porto fosse visto como um simples pano de fundo ou ambiente onde se desenrolavam as relações entre pessoas e pombos, mas também como um agente em constante transformação. Nesse sentido, propus uma percepção dos pombos e do porto em ressonância, embasando-me em Tim Ingold (2000), em contraposição à ideia de figura e fundo de Jean Paul Sartre (2007). Além disso, também propus a presença dos pombos a partir de seus vestígios – em especial suas fezes, que são seu vestígio mais visível e mais problemático, como se verá no capítulo que se segue – e de formas outras, sobretudo no que representam e movimentam no porto. Dentre estas formas, os pombos se faziam presentes nas políticas e medidas de controle, nas classificações em que são colocados junto de outros animais tão distintos – todos reduzidos à condição de sinantrópicos nocivos –, nas alterações que são feitas no ambiente, isto é, no manejo, e nos discursos das pessoas que sempre tinham algo a contar sobre os pombos – sugerindo, por fim, que o fato de eu estar ali, realizando minha pesquisa, fazia sentido às pessoas, já que sempre tinham algo a contar sobre pombos.

Esta presença, ou ausência, dos pombos abre algumas possibilidades de se pensar no “animal-agente” e “animal-signo”, isto é, em que contextos e de que formas meus interlocutores entendem os pombos como um animal que *age* no ambiente, ou como um animal (ausente fisicamente) que *representa* riscos, sujeira, doença ou mesmo, alternativamente, noções de paz e religiosidades, questão a que voltarei nos próximos capítulos. No capítulo que se segue, por sua vez, continuo a tecer essa mesma linha de rumo

dentro do Porto de Santos. A partir do diálogo com trabalhadores e de minhas idas às inspeções, evidencio os problemas que me foram apresentados sendo ocasionados pelos pombos e que, conseqüentemente, fazem destas aves uma presença incômoda, bem como outros agentes que podem vir a ser entendidos, também, como presenças incômodas no contexto portuário.

2. Capítulo II – Pombos no Porto de Santos II: presenças incômodas

Pombos são como ratos de asas, invadem e contaminam os ambientes com maior eficiência.

(Diário do Litoral, 06/11/2009)

"Eu não considero pragas urbanas, só são chamados assim porque acabamos mexendo no ecossistema e eles estão em abundância, por isso deveríamos aprender a lidar com os pombos como um atrativo turístico, assim como acontece em cidades da Europa".

(Jornal da Orla, 22/06/2013)

A proliferação de pombos está preocupando autoridades de Santos. A prova disso é que foi criada uma força-tarefa envolvendo prefeitura, Ministério Público, CODESP, ANVISA e ANTAQ para conter a proliferação dos pombos, principalmente, na área do porto.

(Metro Santos, 22/01/2015)

No capítulo anterior busquei situar meu leitor ao ambiente portuário de Santos, explicando como é, e como funciona, um porto, bem como de que forma os pombos, que tanto perturbavam esse cenário, se faziam presentes, seja por meio de sua (ausente) presença física ou de seus vestígios. Neste capítulo, por sua vez, trato dos incômodos sentidos por trabalhadores portuários em relação aos pombos. Conversei, majoritariamente, com técnicos portuários de fiscalização e guardas portuários – ambos trabalham diretamente no cais. A partir dessas conversas pude perceber certa nebulosidade quando o assunto era doença, muito diferente de quando me falavam sobre os incômodos e prejuízos causados pelas fezes dos pombos. Nesse sentido, ao longo do capítulo descrevo, por meio de relatos etnográficos, como se deram essas conversas e os principais incômodos apontados pelos trabalhadores. Sendo as fezes dos pombos, sobretudo em seu ato no infinitivo – o *cagar* –, o principal incômodo sentido no porto, inicio o capítulo com relatos e reflexões em torno disso. Isto é, as *cagadas* de pombos que atingiam os trabalhadores e seus carros. Além disso, as fezes também implicam numa relação com sujeira e com possíveis doenças, temas que comporão a primeira seção deste capítulo.

Na sequência, proponho uma breve reflexão a respeito da soja como uma presença incômoda no porto, conforme me foi sugerido por um dos guardas portuários. Esse incômodo com a soja se atrela tanto ao seu potencial de causar acidentes e/ou mortes, bem como no fato de ser a grande responsável pela presença dos pombos ali, o que será desenrolado na segunda seção.

Já a terceira seção deste capítulo se refere às autoridades e hierarquias dentro do Porto de Santos que, em alguma medida, também são vistas como uma presença incômoda – no que se refere ao exercício de fiscalização e à divisão de poderes e competências. Como minhas conversas com os trabalhadores foram guiadas a partir de um roteiro de questões, a última delas – conforme sugestão de Vicente – buscava saber a opinião dos trabalhadores a respeito do programa de controle de pombos da GESET. As respostas, talvez inesperadas por mim e por Vicente, fizeram-me refletir sobre esse assunto da autoridade e da hierarquia que, a princípio, parece fugir da temática dos pombos, mas que não deixaram de ser um rumo pelo qual os pombos me guiaram.

Por fim, proponho que, em alguns sentidos, o próprio porto possa ser uma presença incômoda à cidade de Santos, tendo em vista alguns registros passados de sua relação com epidemias, bem como sendo apontado por ser uma região perigosa, zona de prostituição, responsável por sujar as praias de Santos, e o, talvez maior, responsável pelo o aumento da população de pombos na cidade – embora também se faça evidente que, em termos

econômicos, por exemplo, o porto é de extrema importância para a cidade. Nesta última seção, abordando o porto como uma presença incômoda e um lugar liminar, busco refletir mais a fundo sobre os espaços destinados aos humanos e aos animais, tendo em vista que essa relação reflete a clássica dicotomia antropológica entre natureza e cultura.

Conforme já mencionado, meus principais interlocutores neste tópico foram os técnicos portuários de fiscalização e os guardas portuários. Com os primeiros tive a oportunidade de conversar em, ao menos, três ocasiões, em que acompanhava Maitê nas inspeções. Aproveitando que estávamos no cais, ela me levou a três UFOs (Unidade de Fiscalização Operacional), pois, segundo ela, seria interessante eu conversar com os trabalhadores desses locais. Já com os guardas, pude conversar com três deles num dia em que fui sozinha aos *gates* – aproveitando para também observar as telas instaladas pelo programa de controle de pombos. Descrevo, a seguir, como foi minha ida até os *gates* e, na medida em que os diálogos vão surgindo, introduzo complementos e contrapontos a partir das conversas nas UFOs, a fim de agrupar os principais incômodos apontados e torná-los melhor inteligíveis.

2.1 *Caçadas de pombos: o incômodo com a sujeira visível e as doenças que ninguém vê*

Era uma segunda-feira de outono, com as sensações mais estranhas e diversas, pois essa era a primeira vez que ia sozinha ao porto. Ao andar por aquela mesma rua, José do Patrocínio, rumo a GESET, o clima parecia diferente em todos os sentidos. Sempre que me aproximava da GESET, já observava a presença da caminhonete de Benjamin. Era sempre bom avistá-la e encontrá-lo na entrada da gerência, pois sempre conversávamos um bocado antes de eu tratar dos roteiros com Vicente. Naquele dia, no entanto, havia um caminhão parado que não me deixava avistar a presença, ou não, da caminhonete. Quando cheguei mais perto e vi que não havia qualquer sinal dela ou de Benjamin, já fiquei um tanto desapontada, pois imaginava que, em meio a minha insegurança naquela primeira ida sozinha ao porto, seria um tanto reconfortante trocar meia dúzia de palavras com Benjamin.

Chegando à gerência, conversei brevemente com Vicente, peguei o capacete e, sem perder mais tempo, rumei aos *gates*. O trajeto foi cheio de frustrações. Logo que me aproximava do *Gate* 12, o guarda saiu de prontidão, de forma um tanto intimidadora, questionando-me o que eu fazia ali e se tinha autorização. Expliquei-lhe que fazia uma pesquisa e mostrei-lhe minha autorização. Percebi que havia mais pessoas junto dele na guarita e, depois de ler minha autorização, ele pediu que eu voltasse depois, por estar em

reunião, e sugeri que eu fosse ao *Gate* 11 primeiro. Concordei e saí. Segui o trajeto pela Avenida Perimetral. Entre a Perimetral e a área dos *gates*, existe a linha férrea e uma rua, a qual não segui, pois passavam vários caminhões, alguns homens cortavam a grama e o mato dali, e não havia uma calçada bem delimitada para pedestres. O que não sabia, no entanto, é que não encontraria outro acesso ao porto adiante. Somente a partir de alguns pontos específicos é possível acessar o porto – cruzar essa rua e ferrovia – a partir da Perimetral (Figuras 20 e 21). Quando me dei conta, estava ao lado de um viaduto e vi que já havia passado desses pontos, transtornada com meus pensamentos frustrados e o som ensurdecedor daquele lugar. Caminhões atrás de caminhões à minha esquerda e, à minha direita, o trem e o som dos motores dos cortadores de grama. Fiquei me perguntando como o rapaz que dormia embaixo daquele viaduto o conseguia, com todo aquele barulho. Retornei até o ponto de acesso ao porto, cruzei rapidamente a ferrovia, pois o trem já começava a se movimentar, passei pelo terminal de passageiros, onde já avistava alguns pombos e, finalmente, cheguei ao *Gate* 11.





Figuras 20 e 21 – Acima, vista aérea da localização dos *gates* em relação à GESET com indicadores de acesso ao porto. Abaixo, vista do acesso ao *Gate 12*, a partir da Avenida Perimetral. Fonte: Google Earth, 2018.

Ao contrário do *Gate 12*, o guarda não saiu de prontidão. Bati na porta, fui recebida pelo guarda Hugo, a quem expliquei de minha pesquisa. Ele disse que poderíamos conversar, convidando-me para entrar e me sentar. A conversa foi produtiva e ele me apontou os seguintes problemas em relação aos pombos: fezes nos carros, fezes que sujaram o chão e o ambiente e, por fim, transmissão de doenças. Os primeiros problemas se faziam mais evidentes do que a questão de doença, a qual ele só mencionou ao concluir que “*se o problema fosse só visual tudo bem né... mas eles transmitem doença*”.

Esse apontamento sobre fezes e doenças também foi feito pelo guarda José Gabriel, do *Gate 12*, que me relatou problemas com as fezes dos pombos, sobretudo nos carros – inclusive que seu filho não queria que ele fosse trabalhar com o carro no porto! Os técnicos portuários de fiscalização, em outra ocasião, também reforçaram esse problema. Quando lhes perguntava o que achavam da presença dos pombos no porto e como eles afetam na rotina portuária e em seus trabalhos, eles me diziam coisas como: “*tenho raiva deles nos carros, não servem pra nada, só pra cagar em cima dos carros*”; “*essa presença [dos pombos] para a saúde é grave, transmite doenças*”; “*eu entrei [para trabalhar no porto] com 20 anos, [a presença dos pombos] não incomoda, apesar que eles falam que traz doenças... Mas é nós [trabalhadores] aqui, eles [pombos] lá*”; “*no nosso dia-a-dia não afeta, mas a saúde sabe-se lá... Pra entrar aqui [no cais] você tem que pôr a mão na máquina, vai saber se tem fezes lá*”; “*não afeta no dia-a-dia, mas a saúde...*”; “*acho que não afeta, mas afeta pelo motivo da sujeira: eles defecam*”. Embora muitos deles apontem uma preocupação com questões referentes à saúde e doença, esse não parecia ser o problema corriqueiro. Quando falavam das doenças, sempre pareciam sugerir como uma possibilidade de um risco futuro, porque nunca

tinham conhecido – ou ouvido falar de – alguém que tivesse contraído alguma doença transmitida pelos pombos. Ademais, ninguém sabia dizer ao certo que doenças os pombos são capazes de transmitir⁵⁵. Os problemas que eles me disseram já ter visto e experienciado eram, de fato, as fezes neles próprios ou em seus carros, bem como a sujeira decorrente das mesmas.

Essa associação direta entre animais e transmissão de doenças, sobretudo dos que são considerados sinantrópicos nocivos, é recorrente em diversos cenários, sendo estudada por diversos antropólogos, como são os casos dos mosquitos e a transmissão de dengue, zika, chikungunya, febre amarela, malária (MAIA, 2018; NADING, 2013; SEGATA, 2016; 2017; VANDER VELDEN, 2016), ou dos cães e a leishmaniose (LEWGOY, 2017; MASTRANGELO, 2017; PINTO; VARGAS, 2017). Cada um desses casos tem suas particularidades; no entanto, essa relação com as doenças promove, por um lado, políticas de saúde pública e, por outro, uma espécie de perseguição – por vezes mal entendida⁵⁶ – aos animais. Outro ponto para que chamo a atenção, ainda, é que em todos esses casos existe o conhecimento da doença, por exemplo, nos casos de controle de mosquitos, especificamente do *Aedes aegypti*, sabe-se da possibilidade deste transmitir, principalmente, a dengue. E sabe-se, ainda, de pessoas que contraíram a doença (SEGATA, 2017:28). Ainda em relação aos mosquitos, a ideia de extermínio também é muito recorrente, seja por meio de inseticidas (MAIA, 2018:135; BEISEL, 2015), ou pela ideia de que “a única coisa a se fazer com os mosquitos é matá-los” (KELLY, 2012:12, tradução minha). No caso dos cães com leishmaniose em Porto Alegre – RS, a eutanásia é autorizada como uma medida de controle da zoonose (PINTO; VARGAS, 2017). Isto é, mesmo com muitas controvérsias girando em torno de cada caso, a morte de animais como medida de controle, como precaução para não se alastrar uma doença – ou epidemia – aos humanos, pode ser plausível. Não é minha intenção aqui sugerir matanças como medidas de controle, apenas chamar atenção para o fato de que, em determinados cenários, sobretudo quando se conhece e se vê as doenças que podem ser transmitidas, essas matanças são consideradas uma alternativa. No caso dos pombos no Porto de Santos, a morte como medida de controle não é sequer cogitada pelas autoridades e instituições, pois, para eles, isso claramente configuraria um crime ambiental, tal como disposto pela Lei 9.605/1998. Já para alguns trabalhadores com quem conversei, suas opiniões pessoais eram, claramente, a de que os pombos não têm qualquer serventia – além de *cagar* – e poderiam ser matáveis –, algo talvez similar à ideia que existe sobre os mosquitos,

⁵⁵ Um exemplo disso é a respeito da transmissão de toxoplasmose a partir dos pombos, a qual só tem possibilidade de ocorrer caso a pessoa ingira carne de pombo crua ou mal passada.

⁵⁶ Como os casos de extermínio de macacos, justificado pelo surto de febre amarela (MAIA, 2018:136), e de cães, no caso da leishmaniose (LEWGOY, 2017).

conforme vimos acima (KELLY, 2012). Se as “doenças de pombos” – e suas vítimas – fossem amplamente conhecidas, ou se houvesse uma epidemia, é possível que se cogitasse a matança de pombos sob a máxima do controle e erradicação de uma (ou mais) doença(s). Isto é, como se, deste modo, houvesse a justificativa necessária para tal. Todavia, diferentemente dos casos dos mosquitos e dos cães, o problema principal em relação aos pombos é aquele que se faz visível: suas fezes – as quais remetem à, e significam a, sujeira.

O que me parece, diante disso, é, novamente, uma redução dos pombos aos seus restos e vestígios, tal como um monstro. Segundo Jeffrey Cohen (2000:27), o monstro sempre escapa, isto é, “vemos o estrago que o monstro causa, os restos materiais [...], mas o monstro em si torna-se imaterial e desaparece, para reaparecer em algum outro lugar”. Por conta disso, o corpo do monstro é simultaneamente corpóreo e incorpóreo. Se no Capítulo I os pombos estavam, de certo modo, ausentes fisicamente do porto, neste capítulo percebo que os pombos que aparecem na fala das pessoas são pombos, também de certo modo, monstruosos. Isso porque seu corpo e sua presença parecem ser incorpóreos, e tudo o que é visto, ou levado em conta, são seus excessos; o que escapa de seus corpos, que os excede e que causa estrago: suas fezes. Além do mais, ainda segundo Cohen (2000), o monstro é perigoso por atravessar fronteiras, por situar-se num limiar ontológico, que é, justamente, a posição que os pombos ocupam ao atravessar as fronteiras entre a natureza e a cultura, reproduzidas no espaço urbano uma vez que, supostamente, por serem animais, deveriam habitar os espaços que remetem à natureza – ou que funcionam como um simulacro de natureza dentro da cidade (OSÓRIO, 2013)⁵⁷ – como parques e demais áreas verdes; no entanto, estas aves estão em meio à cidade, lócus humano e da cultura por excelência.

Antes de avançar nessa questão, gostaria de refletir acerca das condições que levam ao controle, dialogando com o debate da biopolítica e da biossegurança, e com a ideia de risco. Para Stephen Collier et al (2004), seguindo a lógica de Luhmann (1993), tratar possíveis ameaças e danos futuros na condição de *riscos*, sugere que estas situações estão sob o controle dos humanos, e não ocorrerão de forma inesperada e acidental. É nesse sentido ainda que Sween Sebach (2016:12) entende que as epidemias aparecem como um risco contínuo, e que a biossegurança seria uma atuação preventiva desse biorrisco. Em suas palavras,

⁵⁷ No caso carioca de abandono e resgate de gatos, analisado por Andréa Osório (2013), os espaços escolhidos para se abandonar os gatos são sempre estes espaços “sem dono”, “não-lugares” (no sentido dado por AUGÉ, 2008) ou, simulacros de natureza, ou da própria cidade, dentro da cidade, isto é, “ambientes propícios à habitação não humana”, nas palavras da antropóloga.

O auge da biossegurança, como uma parte central das práticas atuais de governança, está perfeitamente refletido no incremento das práticas políticas institucionais nas quais a terminologia e *as lógicas de biossegurança aparecem como fatores essenciais pelo cuidado do futuro da sociedade, do humano e da vida individual*. Conforme destacado, a política da biossegurança não pode se limitar a um nível social geral, uma vez que deve entrar profundamente na sociedade *a fim de projetar e prevenir riscos*. (SEBACH, 2016:13, tradução e grifos meus).

Também Fortané & Keck (2015:a, tradução minha) definem a biossegurança como uma preparação “para uma catástrofe com a probabilidade do que é incalculável e a ocorrência do que é considerado iminente”. Assim, entendo que, em termos de doença, os pombos ilustram muito bem essa lógica, não apenas no contexto portuário santista, mas em todos os contextos em que os mesmos são vistos como potenciais ameaças e possíveis transmissores de doenças, sendo passíveis de controle. Mesmo que ninguém nunca tenha tomado ciência de algum caso de “doença de pombo”, e que não saibam ao certo que doenças sejam essas, o risco está iminente, tanto nas falas das pessoas – ao menos de meus interlocutores no Porto de Santos os quais me diziam que “*eles [os pombos] transmitem doenças*” ou “*falam que traz doenças*” – quanto na instituição de práticas de controle, que são justificadas⁵⁸ por riscos econômicos (danos às estruturas e superfícies, equipamentos, contaminação de cereais e silos) e riscos à saúde pública.

É justamente por essa não existência conhecida das doenças – que podem ser lidas, também, como presenças ausentes – que as fezes parecem ser o maior problema com os pombos no porto. Elas sujam, podem ser corrosivas e vir a ser contagiosas. Nesse momento, convido o leitor a algumas reflexões em torno do problema. Na ocasião em que conversei com Dona Paloma, funcionária da GESET e bióloga por formação, ela me explicou, brevemente, que o problema com as fezes dos pombos é o mesmo que se pode ter com as fezes de qualquer outro animal, pois, ao ficarem expostas, podem atrair bactérias. Ela ainda mencionou a pesquisa de um médico veterinário da cidade, Eduardo Filetti, que constatou que as fezes, no momento em que são expelidas, não apresentam presença dessas bactérias. Não pude confirmar essa informação a partir da pesquisa de Filetti, especificamente, por não encontrar qualquer publicação referente à mesma; todavia, pesquisadores do Centro Universitário de Votuporanga realizaram um procedimento de análise de fezes secas de pombos a fim de constatar a presença ou não de fungos responsáveis por pneumonia e meningite. O resultado obtido foi que, de 32 amostras de fezes secas, 10 apresentaram resultado positivo para a

⁵⁸ Conforme explicado pelo biólogo na palestra promovida pela empresa contratada pela CODESP para a realização do controle de pombos no porto.

presença dos fungos (REZENDE et al., 2009). Mesmo as amostras não sendo coletadas no momento em que são expelidas, conforme é proposto por Filetti, os resultados de Rezende e colaboradores (2009) já mostram que os fungos não estão presentes na totalidade das amostras. No site⁵⁹ de Filetti é possível localizar uma matéria a respeito da superpopulação de pombos na cidade de Santos e de algumas de suas pesquisas. Nesta matéria, o veterinário explica que “assim como fezes humanas, de cães ou gatos, as fezes das aves podem causar conjuntivites, otites e dermatites caso em contato com os olhos, ouvidos e pele, respectivamente”. Além disso, o veterinário detectou nas fezes dos pombos a presença de protozoários e helmintos que são comuns aos seres humanos, sugerindo que “estas aves tiveram, em sua maioria, contato com fezes humanas e/ou material contaminado por fezes, em sacos de lixo, aterros sanitários, cemitérios”.

De acordo com esses relatos de Filetti, podemos assumir que a possibilidade de transmissão de doenças a partir de fezes não é uma exclusividade dos pombos, mas de qualquer ser que defeque. Um segundo ponto, ainda, é a questão de os pombos se contaminarem a partir de fezes humanas. Deixemos esse segundo argumento de lado e voltemos ao primeiro. Se quaisquer fezes são capazes de transmitir doenças, mas só há preocupação com as dos pombos, podemos assumir que o problema vem de uma superpopulação – isto é, fezes em grandes quantidades –, o que nos faz pensar, novamente, numa questão numérica das aves ou, ainda, de uma associação de que pombo é sujeira.

Um pombo sozinho não parece ser uma ameaça, ou exigir preocupação, tendo em vista, sobretudo, as falas de meus interlocutores portuários de que “isso não é nada”, ao se referir a um pequeno bando. Nesse sentido, as ideias de multiplicidade, multidão, bando, de Deleuze & Guattari (1997) são interessantes para se pensar no funcionamento de uma multidão, ou bando (de pombos) como um coletivo de fato, sem o caráter da individualidade. A multidão é incômoda, perigosa, desmedida e fora de controle, ameaçando as leis e o Estado. Diante disso, o que me parece, sim, é que os pombos configuram uma potencial ameaça no porto quando num bando bastante numeroso, por, justamente, acionar essas concepções sobre a multidão. A meu ver, esta noção de Deleuze & Guattari (1997) sobre a multidão, também diz respeito a concepção de demofobia. Taís Aguiar (2009; 2011) se utiliza dessa ideia como importante para se pensar a democracia moderna, resgatando os pensamentos de vários autores sobre o medo – e seus derivados, como o desprezo, o asco, a repulsa – da multidão. Embora toda essa reflexão da ciência política trate de multidões humanas, interessa-me o

⁵⁹ <http://filetti.com.br/pombos-podem-transmitir-doencas-novas-pela-proximidade-com-os-seres-humanos-aponta-estudo-de-eduardo-filetti/>.

caráter político. Isto é, a multidão sempre foi vista como irracional, perigosa, selvagem (LEBON, 1980) e, portanto, avessa a qualquer ideia de civilidade. Penso que, se uma multidão humana foi compreendida por muito tempo, sobretudo pela “psicologia das massas” (conforme também LEBON, 1980), como uma aproximação com uma ideia de animalidade em todo seu sentido inferior, sendo necessário que, adiante, se reformulasse o termo “multidão” para “povo” – pelo fato de o primeiro ser atribuído ao perigo –, então uma multidão animal – seja um bando, uma matilha, um enxame – deva ser compreendida como ameaça, e da necessidade de controle e governo, numa proporção muito mais elevada.

Para Laura Borsellino (2015:84), os animais passam a ser considerados como pragas quando numa grande população. Enquanto espécie “é sua adaptação e capacidade de mobilidade que têm possibilitado os animais liminares a viver junto dos humanos” – argumenta Borsellino (2015:85, tradução minha) –, mas enquanto indivíduo “existem poucas chances de alternar entre diferentes territórios de caça e criação com sucesso”. Contudo, essa questão numérica não parece ser o único agravante no caso dos pombos, que pode dizer muito a respeito dos dualismos entre exótico e nativo, e entre natureza e cultura. Quanto ao primeiro dualismo, uma sugestão que poderia ser feita é a de que pombos, por serem exóticos, seriam, assim, invasores. Todavia, o fato de os pombos não serem nativos do Brasil não é um ponto levantado pelas pessoas como uma possível “xenofobia” e, deste modo, o problema parece ser, de fato, outro. Nesse sentido, debruço-me em alguns argumentos de Colin Jerolmak (2008) a respeito dos pombos em Nova Iorque, como estes “se tornaram” ratos e desafiam a fronteira entre natureza e cultura – segunda dualidade mencionada acima – na condição de “pragas”⁶⁰.

Jerolmak (2008) faz um levantamento de notícias de Nova Iorque, de 1851 a 2006, a fim de mostrar quando os pombos passaram a ser chamados de *ratos com asas*, e que embora tal alcunha se associe a uma possibilidade não confirmada de transmissão de doenças, ela desencadeia a ideia de um risco sempre iminente. “Quando instituições [...] designam oficialmente os pombos como “incômodos” ou “pragas” baseados em afirmações epidemiológicas, essa classificação habilita sua remoção, envenenamento e extermínio” (JEROLMAK, 2008: 14). O alarde fora feito e, agora, a imagem depreciativa é difícil de ser

⁶⁰ Insisto em frisar essa *condição de praga* para estabelecer uma diferenciação com Jerolmak. O sociólogo trata a respeito dos pombos em sua totalidade como espécie. Acredito que os argumentos apresentados por ele cabem para meu contexto etnográfico, contudo, como se verá no terceiro capítulo, não reduzo os pombos à espécie. O que proponho é pensá-los diante de seus afetos, tendo em vista a variedade de contextos e relações distintas que são estabelecidas, que vão muito além da noção de espécie. Deste modo, enfatizo que, embora em meu campo etnográfico e no caso nova-iorquino apresentado por Jerolmak, pombos sejam entendidos como uma praga urbana, esta não é uma condição a ser atribuída a toda a espécie *Columba livia*. Tratar como espécie faria perder algo da ambiguidade que caracteriza as relações com estas aves.

revogada, uma vez que metáforas nos fazem agir como se elas fossem verdades (JEROLMAK, 2008: 15). A metáfora dos pombos como ratos também apareceu no Porto de Santos, a partir de uma conversa que tive com um dos técnicos de fiscalização, que me disse que “*nas seis horas de trabalho eles estão aqui. À noite eles dormem, mas tem os ratos. [Os pombos estão] Em toda a área do cais, [onde tem] descarga de trigo, soja. Nos estacionamentos é cheio de sujeira nos carros*”. Ele ainda mencionou que os pombos só não eram piores que os ratos porque ele nunca tinha visto pombo atacar – tal como os roedores.

Retomando as ideias de Jerolmak (2008), além da metáfora com os ratos, uma das maiores problemáticas em torno dos pombos é a questão do espaço que acaba por implicar em noções de desordem, impureza e perigo (DOUGLAS, 1991). Isto é, quando algo se encontra num espaço em que supostamente não deveria estar, este algo é tido como uma desordem ou mesmo como algo que suja – como no exemplo dado por Mary Douglas (1991:30) sobre os sapatos. Deste modo, a cidade supostamente não deveria ser o espaço dos pombos – pois cidades não são lugares para animais livres ou soltos –, mas quando passam a habitá-la, são tidos como algo fora do lugar, que causa desordem. Segundo Jerolmak (2008), os pombos, além de se associarem aos ratos, também passam a ser uma espécie “sem lar” que invade o espaço humano. Também aposto na relação dos pombos com a estética do grotesco (BAKHTIN, 1987), embora Jerolmak não a postule. A estética do grotesco tem os orifícios do corpo (nariz, boca, ânus) como seus maiores símbolos, pois, é por meio destes orifícios que ocorre a expulsão de excrementos, o que sugere a ideia de exceder os limites do corpo e atravessar fronteiras. Sendo os pombos muito assimilados às suas fezes – um produto corporal que excede o corpo – eles seriam, então, esses animais liminares que atravessam as fronteiras da natureza e da cultura, do puro e do impuro, da ordem e da desordem, do selvagem e do civilizado.

Prossigo agora com a conversa que tive com o guarda Hugo. Ele me contou um pouco do trabalho dele que, ao ficar no *gate*, não tem contato direto com os pombos. Porém, eles (guardas portuários) têm de ir ao cais ou sair com o carro, e nesses lugares ocorre um contato direto. Antes da atuação do programa de controle da GESET, ele contou que, às vezes, ao sair da guarita, levava “*cagadas*” de pombo, mas que agora isso tinha melhorado. Ele ainda me apontou que o *Gate 12* era realmente o pior, por ser ao lado do terminal de grãos, e mencionou também o terminal de passageiros. Para ele, deveria ocorrer alguma instalação de barreiras para os pombos neste terminal, pois ainda havia muitos e “*ali é a propaganda da cidade, os turistas vêm pra cá e vão ver isso assim?*” – segundo ele, na época de temporada de cruzeiros os pombos são terríveis ali, sugerindo um aumento no número das

aves. Aproveitei a brecha e perguntei se tinha alguém do terminal com quem eu poderia conversar, pois tinha avistado algumas mulheres que pareciam ser responsáveis pela limpeza do terminal, e achei que seria interessante conversar com elas, justamente por serem da limpeza. Hugo me disse que as conversas deveriam ser agendadas pelo site do terminal, mas que eu poderia tentar conversar com a guarda.

De fato, ao falar com ela, o procedimento deveria ser esse agendamento. De qualquer forma, aproveitei para lhe perguntar sobre os pombos, se afetavam no serviço dela, ao que ela me respondeu negativamente porque ela só ficava dentro da guarita, mas para o pessoal que trabalha fora é que era o problema, e que não tinha jeito, porque *“mesmo se colocasse tela, os pombos iriam para cima do telhado”*, e me apontou para um armazém ao lado, em que os pombos estavam no telhado. Também observamos os pombos nas vigas do terminal, e a guarda sempre enfatizava que *“não tem jeito mesmo”*. Para os técnicos portuários de fiscalização, também parecia *“não ter jeito”*. Todos eles atribuíam a presença dos pombos aos grãos, dizendo que *“enquanto tiver comida, eles vêm”*, e que *“onde passa tem pombo. Aqui tem descarga de trigo, soja, granéis, por isso que tem pombo. Talvez na praia tenha menos, mas também tem comida lá”*.

Talvez não tenha jeito de se acabar com os pombos no porto, de fato. Isto é, eles permanecerão ali, pois, certamente, enquanto houver grãos em demasia, assim também será a presença dos pombos e, conseqüentemente, de suas fezes – que parecem ser, afinal, o grande problema. As fezes dos pombos parecem abarcar, assim como os pombos, um aspecto visível e outro invisível – ou, precisamente neste caso, são simultaneamente *“agentes”* e *“representações”*. Isto é, por um lado, as fezes dos pombos são visíveis por serem responsáveis por sujar: as pessoas, o chão, os carros; por outro lado, elas ocultam uma possibilidade de transmissão de doenças que ninguém vê, ninguém conhece, mas representam este risco iminente. Este parece ser o principal ponto levantado por meus interlocutores no porto e que expus nesta seção. Todavia, para além destas duas facetas das fezes dos pombos, também é preciso considerar a questão numérica, tanto das aves, quanto de suas fezes – que parecem ser diretamente proporcionais à quantidade de grãos movimentados no porto –, o que me fez refletir acerca das ideias de multidão e demofobia, e ainda à questão de os pombos serem animais, de certo modo, monstruosos e fora do lugar.

Depois de sempre ouvir enfática e incessantemente, tanto pela imprensa, quanto pelos próprios trabalhadores portuários, que a presença dos pombos no porto está diretamente atrelada aos grãos, tentei ampliar meu olhar para além dos pombos e investigar todo o cenário portuário. No capítulo anterior descrevi os trajetos dos grãos, mas até então não havia me

ocorrido o quanto a soja também poderia ser incômoda. Assim, faço alguns breves apontamentos a este respeito a seguir.



Figura 22 – Fezes de pombos amontoadas num armazém em obra. Fonte: acervo pessoal, junho de 2017.

2.2 Breves apontamentos dos incômodos causados pela soja

Numa ocasião em que voltei ao *Gate 12* e consegui conversar com o guarda José Gabriel, ele me contou algumas coisas que, até então, ninguém me dissera. Como ninguém sabia de casos de pessoas doentes por causa dos pombos, perguntei-lhe se os grãos poderiam ser infectados pelos pombos e/ou suas fezes e se existia algum tipo de sistema de análise dos grãos para detectar tal coisa. Ele me disse que não existia essa possibilidade, pois os grãos eram bem armazenados, e mencionou ainda que a soja recebia um tratamento com um produto⁶¹ para poder ser levada ao armazém e depois para o moinho⁶². Neste momento, o guarda me disse que via muitos pombos doentes por ali e que, para ele, os pombos ingeriam essa soja tratada em grande quantidade, e que esse era o motivo para que os pombos adoecessem e viessem a morrer. Em sua opinião, isso poderia acontecer devido (1) ao produto com que a soja é tratada, que poderia funcionar como um veneno para os pombos, ou (2) pela grande quantidade de soja que as aves ingeriam e que, uma vez em seu organismo, estufava e

⁶¹ Provavelmente trata-se do mesmo produto que Dona Paloma mencionou a mim, responsável por afastar as baratas da soja armazenada.

⁶² Para mais informações sobre tratamentos de soja, ver Goulart (1998) e Henning (2005).

causava-lhes essas doenças. Ao me dizer isso, ele apontou um pombo doente, pela janela da guarita, e outros empoleirados em alguma estrutura do terminal de grãos.

Esse caso remete ao descrito por Thom van Dooren (2011) sobre a extinção de certas espécies endêmicas de urubus, na Índia, que se alimentam de carcaças bovinas que ficam expostas a céu aberto. Por se alimentarem dessas carcaças, pode-se dizer que contribuem para uma manutenção de higiene na cidade. No entanto, o problema de extinção começou quando os bois passaram a ser tratados com diclofenaco (anti-inflamatório). Esse medicamento permanece na carcaça do boi após sua morte e, quando os urubus se alimentam dessa carcaça, o medicamento é também ingerido, ocasionando a morte em massa destes últimos, afetando toda uma cadeia de seres vivos, na qual os dependentes diretos de certas relações sentem mais as consequências do que outros – por exemplo, cães, que agora passaram a contrair, e transmitir, raiva por se alimentar das carcaças de que, outrora, os urubus se alimentavam. Desta forma, passa a ocorrer o que van Dooren chama de “morte dupla” (dos urubus e cães), e que, diferentemente da morte dos bovinos, esta morte dupla não é geradora de vida. Pensando nessa cadeia de agentes humanos e não humanos (urubus, bovinos, diclofenaco, cães) é que van Dooren (2011:56-57, tradução minha) traz à tona a ideia de “um vasto mundo multiespecífico”.

Tanto o caso dos urubus da Índia, quanto o caso dos pombos do porto, tornam evidente que existe uma série de agentes atuando em campo, e que uma alteração nessa cadeia pode comprometer a todos. Foi pensando nisso que comecei a pensar na soja como uma presença incômoda. Talvez seja forçoso falar em *agência* (ou agentividade) da soja, tal como se costuma dizer na antropologia (GELL, 1998; LATOUR, 1994; 2005). Isso porque me parece que, antes de se assumir uma possível agência deste grão, seria preciso olhar e pensá-lo para além do que “somente” um dos grãos mais produzidos e exportados pelo Brasil⁶³, uma vez que, em outras situações, a soja poderia ter, em sua combinação com produtos de tratamento, relação com uma possível causa de doença e morte de pombos no Porto de Santos – ou, ainda, num contexto completamente distinto, a soja pode ser compreendida como uma espécie companheira de dança, como sugerem Gallindo e colaboradores (2013), ao organizar um espetáculo de dança com grãos de soja transgênica a fim de abordar, por meio desta performance, as relações entre humanos e não humanos; grãos, fazendeiros, campos, mercados, formas de alimentação e, por fim, como uma leguminosa bailarina (idem:49).

⁶³ <http://www.agricultura.gov.br/noticias/soja-em-graos-bate-recorde-em-volume-exportado-para-os-meses-de-novembro>.

No exemplo indiano de van Dooren (2011), a influência do diclofenaco nos urubus é fato. O mesmo talvez não possa ser dito do caso portuário, pois, a primeira e única vez que tomei nota de tal possível associação entre soja e doença e morte de pombos foi pela conversa com José Gabriel. Provavelmente, ao ficar no *gate* em seu turno de trabalho ele faça um exercício de observação, tal como um antropólogo, e pôde constatar tal relação. Contudo, esse pareceu ser um assunto apenas de seu conhecimento. Outros trabalhadores portuários talvez sequer cogitem que os pombos, que se alimentam aos bandos de inúmeros grãos de soja, possam vir a adoecer, ou mesmo morrer, por conta dessa alimentação. Provavelmente, eles mesmo não se importem. Além disso, José Gabriel também mencionou dois tipos de acidentes que ocorrem tanto por conta de pombos, quanto por conta da soja. Sobre o primeiro, ele me disse que tem gente que não quer passar com o veículo por cima dos pombos quando os mesmo se encontram pousados ou se alimentando no meio da via por achar que eles não vão voar e, quando desviam, quase causam acidentes de trânsito, citando um exemplo de um caminhoneiro. Já em relação ao segundo tipo de acidente envolvendo a soja, ele me explicou que quando molhada pela chuva ela parece um sabão, ficando muito escorregadia e, além disso, o pavimento portuário é muito derrapante, sobretudo para os motoqueiros.

Um último aspecto que me faz questionar a presença da soja como um possível incômodo é a afirmação, quase que unânime, dos trabalhadores de que “não tem jeito” porque tem muita soja e muito grão no porto e, enquanto houver alimento disponível, também haverá pombos. É evidente que tamanha movimentação de grãos atraia as aves ao porto, e assim como os trabalhadores apontam incômodo com os pombos, eles também apontam que a “causa” das aves são os grãos, sobretudo a soja. Certamente, não havendo grãos, não haveria pombos, conforme pude constatar em minha visita a um terminal de contêineres, próximo a um terminal de combustíveis. Devido ao tipo de carga e ao tipo de armazenamento, não encontrei um pombo sequer neste terminal, o que ainda foi reafirmado para mim pela funcionária do mesmo, de que ali eu não os veria.

As estratégias adotadas por alguns para conter os pombos no porto é a limpeza imediata dos terminais. Presenciei mais do que uma vez esse procedimento com uma máquina que ajunta e suga os grãos. Além da limpeza, um funcionário me disse que, às vezes, quando um navio carregado de grãos atraca no cais portuário, revoadas de pombos se posicionam sobre os porões dos navios, o qual, por sua vez, emite uma buzina estrondosa para afugentá-los. Cientes de que a soja atrai os pombos, as medidas adotadas no porto não se restringem aos bloqueios de eventuais locais de pouso e abrigo, mas também à eliminação da fonte de alimento – a soja. Contudo, para o guarda José Gabriel, a limpeza dos terminais não resolve

muito a situação, uma vez que o chão de paralelepípedos acumula grãos em seus vãos. Já para o guarda Hugo, a presença dos pombos no porto não se deve somente à soja, mas à falta de medidas adotadas pelos terminais e à falta de cobrança da CODESP, que tem esse poder.

Essa afirmação, de que a CODESP tem o poder para cobrar dos terminais, me levou a perceber como os pombos e demais FSN passam a mobilizar as autoridades portuárias diante desse problema. A seguir, explico quais são essas autoridades, como elas constituem uma hierarquia e atuam dentro do porto e podem gerar um incômodo maior que o dos pombos ao terem o poder de autuar os terminais.

2.3 Incômodos institucionais: como a FSN mobiliza terminais portuários, CODESP e ANTAQ

Na primeira seção deste capítulo pudemos entender quais são os problemas e incômodos, na prática, trazidos pela presença dos pombos no porto. As responsabilidades, no entanto, dizem respeito a diversos agentes e instituições, o que pode ocasionar alguns conflitos. Isto é, são várias as autoridades que atuam no porto e, deste modo, cada setor tem sua gestão e sua maneira de lidar com os pombos. É dessas atuações e conflitos que tratarei nesta seção, percorrendo o itinerário dos pombos em Santos.

Em minhas conversas tanto com o guarda Hugo, quanto com José Gabriel, eles me disseram achar que alguém tinha pressionado a CODESP para adotar um programa de controle de pombos, porque esse programa tem um ou dois anos apenas, e eles não acreditam ter partido da CODESP simplesmente. Em 15 de dezembro 2015 foi publicada na 239ª edição do Diário Oficial da União (DOU) a notícia da contratação de uma empresa responsável pela “implantação de Plano de Controle e Manejo de Pombos” pela CODESP. Em 2016 foi publicada a Resolução do Diretor Presidente da CODESP, nº 237.2016, que “estabelece a obrigatoriedade da implantação do programa integrado de controle e monitoramento da fauna sinantrópica nociva em todas as arrendatárias, consignatárias e locatárias do Porto Organizado de Santos”. Não se sabe se, de fato, houve alguma pressão sobre a CODESP, apenas que, em 2014, a ANTAQ publicou a Resolução 3274/2014, que dispõe sobre a fiscalização da prestação dos serviços portuários e estabelece infrações administrativas e que, em seu Artigo 3º, estabelece:

A Autoridade Portuária, o arrendatário, o autorizatário e o operador portuário devem observar permanentemente, sem prejuízo de outras obrigações constantes da regulamentação aplicável e dos respectivos contratos, as seguintes condições mínimas:

[...]

VIII - higiene e limpeza, por meio de remoção, armazenagem e destinação adequada dos resíduos e demais materiais inservíveis, assim como controle de pragas e instalação de mecanismos de vedação à entrada de insetos e animais nocivos nos recintos de armazenagem ou destinados à movimentação de passageiros.

A fala do guarda Hugo apontava os terminais como responsáveis pela presença dos pombos. Em sua opinião, estes precisavam adotar medidas de controle, as quais poderiam ser cobradas pela CODESP por ter esse poder, conforme mencionei ao término da seção anterior. Quando Hugo me disse isso, lhe disse que a CODESP cobrava essas medidas dos terminais, citando, a título de exemplo, os serviços que acompanhei com os técnicos da GESET. Também mencionei que, em alguns lugares do porto, antes de realizar ou terminar as instalações de barreiras, era preciso fazer o reparo dos telhados. Ele me falou, então, dos armazéns que estão desativados na região do Valongo, explicando que a CODESP os aluga – arrenda áreas e armazéns – para os terminais. Ao vencer o contrato, não havendo renovação, os terminais devem entregá-los em boas condições para a CODESP, mas, segundo Hugo, isso nem sempre ocorre. Em suas palavras, “*a CODESP deveria derrubar aquilo e construir novo*”.

Quando iniciei minha pesquisa de campo, Vicente e Felícia explicaram-me que o programa de controle de pombos da CODESP não podia atuar nas áreas de terminais, porque estes, por serem empresas privadas, deveriam atuar com suas próprias medidas. No entanto, conforme percebi ao longo das inspeções com Maitê e Alonso, os terminais devem, de certo modo, prestar contas à CODESP, isto é, devem apresentar relatórios sobre as medidas tomadas e realizar as sugestões e reparos constatados pelos técnicos da GESET em inspeção. Isso ficou ainda mais claro para mim na ocasião em que fui com Dona Paloma procurar por seu pombal na área de um terminal⁶⁴. Nesse dia, conversamos com uma funcionária do terminal e, quando lhe contei de minha pesquisa e que estava com o pessoal da GESET, ela me disse que eu poderia conversar diretamente com Vicente sobre as medidas de controle adotadas pelo terminal, pois ela frequentemente lhe enviava relatórios.

A seguir, relato duas inspeções em terminais que acompanhei com Maitê e Alonso, respectivamente, muito contrastantes, a fim de mostrar os poderes que estão em jogo no porto.

Era maio. Meu terceiro mês em campo e, portanto, já estava habituada com as inspeções. Os técnicos trabalham em escalas de seis horas nos períodos da manhã (7h às 13h),

⁶⁴ Relato etnográfico de abertura desta dissertação.

tarde (13h às 19h) e noite (19h à 01h). Cheguei à GESET por volta de 13h e o prédio encontrava-se vazio, até chegar à sala dos técnicos, onde encontrei Lívia, Inácio⁶⁵ e Maitê. Cada qual em seu computador, almoçando ou conversando. Maitê me disse que esperaria Benjamin, um dos motoristas, chegar para que fôssemos até o terminal. Sentei numa cadeira, como de costume, enquanto organizava meu material. O clima na sala passou a ficar desconfortável quando percebi que o tempo passava e Benjamin não chegava, e tampouco as pessoas conversavam. Disse-lhes que me sentaria à mesa, do lado de fora da sala, para escrever, e segui com meu diário de campo até lá para fazer alguns registros. Depois de um tempo de escrita, Benjamin finalmente chegou. Guardei meu diário, vesti o reluzente colete laranja de sinalização e identificação, peguei minha prancheta, documentos e capacete. Partimos, eu, Maitê e Benjamin, rumo ao terminal de contêineres.

Foi a primeira e única vez que eu fui para áreas portuárias entre os bairros da Alemoa e Saboó. O percurso, no entanto, não mais me cativava à atenção. Já havia me acostumado com o intenso tráfego de caminhões, com as vias esburacadas, com a linha férrea por entre o trajeto, com os grãos de soja esparramados pelos cantos da Avenida Perimetral, onde os pombos se alimentavam aos bandos. Eis que um contraste se fez presente no momento em que adentramos ao terminal: um cenário muito diferente do cenário portuário com que estava acostumada. Benjamin parou a caminhonete, eu e Maitê descemos e rumamos à recepção. Lá, ela se apresentou enquanto CODESP para a inspeção e disse que eu a acompanharia para minha pesquisa, mas que eu “não era CODESP”. Apresentei-me com documentos, preenchi um cadastro, tirei uma foto e recebi um cartão de acesso às catracas. Aguardamos a funcionária que nos acompanharia, Cassandra.

Assim que ela chegou, cumprimentou-nos e passou a ser nossa guia pelo extenso terminal. Uma das primeiras coisas que ela nos contou era uma curiosidade a respeito do terminal: que o mesmo havia sido construído sobre o antigo, e pelo visto afamado, “lixão da Alemoa”. Seguimos conversando e disse-lhe do meu interesse pelos pombos, ao que Cassandra exclamou que eu não os veria ali, e explicou-me dois motivos para tal: pelo fato de se movimentarem poucos grãos a granel, e deste ser feito por meio de contêineres, o que torna o derramamento uma ocorrência rara, e, além disso, pelo fato de o terminal estar distante da linha férrea. Nesse sentido, embora numa ocasião Alonso tenha me dito que o transporte de grãos via trem gera menos derramamento que via caminhão, a linha férrea é muito apontada nas falas dos trabalhadores portuários como um local atrativo aos pombos.

⁶⁵ Engenheiro Sanitarista.

Seguimos caminhando. Ao longo do percurso, se existiam poças d'água ou tampas de bueiros, Cassandra aplicava larvicida em pastilha. Maitê fotografava o ato da aplicação e fazia anotações numa *checklist* que levava a campo. A maior parte do percurso foi feito no perímetro do terminal, onde andávamos por uma faixa demarcada no chão para o tráfego de pedestres. Todavia, também adentramos ao refeitório e a um armazém, onde Cassandra nos mostrou telas instaladas para evitar, de todo modo, a presença de pombos. Fizemos quase todo o perímetro do terminal a pé, avistando os contêineres empilhados no distante pátio central do terminal. Em duas extremidades, filas com cancelas para a entrada e saída dos caminhões; no lado oposto, o cais, onde tínhamos o acesso vetado⁶⁶.

De maneira geral, o terminal era muito bonito, limpo e dentro das regularidades⁶⁷ – embora, segundo Cassandra, várias cargas de contrabando, ou que não passam pela Alfândega, chegavam e ficavam retidas por ali. Ao término da inspeção pegamos um ônibus que percorre todo o terminal para voltarmos ao prédio pelo qual entramos. Antes de irmos embora, Cassandra nos levou até um saguão, oferecendo-nos água, café, cappuccino, ou qualquer outra bebida de que a máquina dispunha. Aceitei um café. Maitê chamou Benjamin pelo rádio, e enquanto o aguardávamos, ela terminava de preencher sua *checklist*.



Figura 23 – Vista aérea do terminal de contêineres. Fonte: www.btp.com.br.

⁶⁶ O acesso ao pátio de contêineres era também vetado, tendo em vista o risco que a área apresenta.

⁶⁷ Com regularidades quero dizer que o terminal não apresentou áreas que necessitavam de reparos para uma vistoria futura.

Passemos ao segundo relato. Era uma ensolarada quarta-feira de maio quando, pela primeira vez, acompanharia Alonso numa inspeção. Só tinha visto-o uma vez na GESET, quando Vicente me apresentara-o dizendo que também poderia acompanhá-lo. Naquele dia, Benjamin não apareceu. Alonso perguntou-me se eu gostava de andar, pois poderíamos ir a pé, já que era relativamente perto da GESET o terminal em que iríamos. Disse-lhe que sim, e que inclusive preferia que assim fosse, para que eu tivesse melhor noção do que era o porto. A meu ver, percorrer trajetos com Benjamin e a caminhonete da GESET tinha certa comodidade, no entanto, não me trazia uma percepção tão exata em relação a distâncias, espaços e sentidos.

Saímos, então, da GESET, atravessamos uma rua, em seguida, a Avenida Perimetral e, ainda, a linha férrea. Alonso disse para sempre ter cuidado por ali, sobretudo por conta do tráfego de caminhões e trens. O que mais me intrigava eram as passagens, que mais pareciam brechas nos muros e alambrados. Alonso explicava-me que podíamos passar por ali, inclusive se eu quisesse ir sozinha, poderia utilizar aquele acesso para “cortar caminho” e evitar uma volta extra.

O terminal para onde iríamos localizava-se no Outeirinhos. Para chegarmos lá, tínhamos de passar por um terminal de grãos, adentrar o cais, seguir pelo cais passando por um terminal de passageiros e diversos armazéns de açúcar, celulose, soja, e outras mercadorias. Alonso falava-me sobre tudo, e aos poucos deixava de me sentir leiga em termos de operações portuárias. Alonso andava depressa. Tentava acompanhar seu ritmo ao máximo, mas meu olhar se desviava o tempo todo para os arredores, o que, conseqüentemente, desacelerava meu passo, deixando-me um pouco atrás de Alonso. Seguimos caminho. Para adentrar ao cais era necessário passar por um *gate* de acesso. Entramos pelo *gate* 12. Para tanto, eu devia apresentar minha autorização da GESET para os guardas portuários liberarem meu acesso pela cancela de automóveis; já Alonso, passava por uma catraca de pedestres, acionada por um mecanismo que o liberava a partir da colocação de sua mão inteira num dispositivo.

Já no cais, passamos pelo terminal de passageiros, onde não tive a boa ventura de ver um navio cruzeiro atracado – a temporada já havia se findado. Alonso perguntou-me se eu já tinha entrado naquele terminal alguma vez, ao que respondi negativamente. Ele prosseguiu dizendo-me de como ali era bonito e “*tudo de primeiro mundo*” e que, por vezes, alugavam para a realização de algum show ou evento fora da época de temporada dos cruzeiros. Adiante, começavam os armazéns de cargas diversas: soja, farelo de soja, açúcar, sal, celulose, adubos e fertilizantes, e outros. O cheiro do açúcar, da soja e seu farelo

manifestavam-se fétidos. Ao passar pelo açúcar, recordei-me que já havia estado ali antes, porém com Maitê e Benjamin, dentro da caminhonete toda fechada, sem sentir odores externos. Embora na ocasião Maitê tivesse feito uma parada para descer, me aconselhando a evitar pisar nas poças d'água – pois se tratavam de água com açúcar, o que me traria um enorme incômodo –, não fui afetada da mesma forma que agora, com Alonso, ao percorrer todo o cais a pé.

Continuamos caminhando, agora sem a presença de derramamentos ou odores notórios. Provavelmente passávamos pela celulose, sal ou fertilizantes. Ali, minha atenção se voltava aos navios cargueiros atracados à minha direita. No entanto, ao olhar para o lado oposto, vejo uma área toda coberta por tapumes e um bando de pombos. Comento com Alonso, e ambos estranhamos a presença das aves, já que não estávamos mais passando pelos grãos. Coincidentemente, ou não, nossa inspeção era ali. Demos a volta, já que os tapumes bloqueavam o acesso, e fomos até a recepção do terminal. Lá, Alonso apresentou-se como CODESP para a inspeção e a recepcionista pediu-nos que tirássemos os capacetes e aguardássemos. Pegamos um copo d'água e sentamos em sofás opostos, um de frente ao outro. Logo chegou uma mulher, que saíra de uma sala ao lado, e parou para conversar com Alonso, ficando um tanto de costas para mim. Ela aparentava já o conhecer, a julgar pela maneira desinibida com que falava. Demorou a notar minha presença na sala e que eu acompanhava Alonso – talvez justamente porque nos sentamos em sofás opostos. Ela então lhe perguntou, ao se referir a mim:

– Ela é da ANTAQ?

A princípio, eu não entendera a pergunta, pois nunca tinha ouvido falar sobre a ANTAQ antes. Alonso respondeu negativamente, num tom um tanto enfático e vago ao mesmo tempo. Percebi que ele queria continuar e dizer quem eu era, mas não sabia muito bem como o fazer, pois também percebi que ele aparentava não querer explicar muito. Tomei a palavra e disse apenas que estava o acompanhando para minha pesquisa de mestrado. Sem nenhuma reação específica, continuaram conversando. Outra mulher chegou e pediu que Alonso a esperasse, que ela só iria colocar os EPIs e já sairia para a inspeção. Ao retornar, Alonso lhe disse que eu os acompanharia, mas ela também não demonstrou nenhuma reação. Ao contrário do terminal de contêineres que visitei com Maitê, nenhum documento me foi solicitado. Nada. Minha presença só havia sido notada sob a possibilidade de eu ser da ANTAQ. Mas afinal, o que era e que papel desempenhava nesse contexto? Foi o que vim saber ao longo da inspeção.

Saímos para uma área que, supostamente, estava em obras – justamente a área que se separava do cais por tapumes, onde eu e Alonso avistáramos os pombos. Ao chegarmos ali, o espaço estava tomado por sucata, restos de materiais como cordas, madeiras, tambores, peças metálicas, além de uma grande área de água empoçada e grãos com farelo de soja espalhados pelo chão. Nesse momento eu apenas observava e tentava acompanhar Alonso timidamente, já que ele ia para um lado, e a funcionária do terminal para outro. Os acessos eram dificultosos. A enorme poça d’água impedia a passagem para uma área levemente elevada em relação a onde estávamos. Alonso aproveitou uma chapa metálica, similar a uma telha, para atravessar, como uma ponte. Acompanhei-o. Mais soja, sucata, sujeira e o que fez Alonso me chamar à atenção, um pombo morto. Além dessa área, também percorremos outros espaços onde constatamos rompimentos de telas, que permitiam o acesso dos pombos, e um telhado quebrado, devido ao mau posicionamento de uma placa de sinalização sobre ele. Alonso sugeriu à funcionária que fossem feitos furos na placa, assim, na ocorrência de vento forte, esse passaria pelos furos da placa, e não a faria se chocar com o telhado novamente.

Por fim, Alonso preencheu uns papéis e disse à funcionária que se, naquele dia, fosse uma inspeção da ANTAQ (Agência Nacional de Transportes Aquaviários)⁶⁸, “*não teria nem conversa, seria multado na hora*”, e lhe entregou uma cópia. Demonstrando certo desgosto, ela mal se despediu de nós, e seguimos para outro setor desse terminal, onde Alonso sentou-se com um funcionário para preencher outros papéis. Observei o que acontecia ali, e Alonso também me explicou um pouco, depois, uma vez que eu ainda não compreendia muitas das coisas que eu presenciava nas inspeções. Como essa inspeção era num terminal, e não numa área da CODESP, era preciso que o próprio terminal sanasse as irregularidades. O trabalho dos técnicos da GESET é basicamente um trabalho de fiscalização, conforme deixei claro no Capítulo I. Na existência de irregularidades, como foi o caso desse terminal, os técnicos estabelecem um prazo para que o terminal as corrija. Após esse prazo, não havendo o cumprimento do trato por parte do terminal, a CODESP notifica a ANTAQ, que irá apurar o caso e aplicar sanções, se for necessário. Nesse sentido, entendi o que a ANTAQ significava ali. Uma autoridade portuária levada mais a sério, e mais temida, que a CODESP. Isso porque Alonso também me disse duas coisas que reforçaram essa sugestão. Uma, de que “*parece que todo mundo manda aqui [no porto], menos a CODESP*”, e que, depois que a ANTAQ passou a aplicar multas aos terminais, o pessoal passou a tratá-lo melhor, “*oferecendo um cafezinho, sendo educado, porque antes não era assim*”. Além disso, quando eu exclamei a Alonso que

⁶⁸ Optei por identificar a sigla neste momento do texto, uma vez que foi nesse instante em que eu descobri, em campo, o que a Agência significava. O intuito é causar a mesma percepção ao leitor.

havia, então, entendido porque aquela mulher me perguntou se eu era da ANTAQ, Alonso me respondeu:

– É verdade, devia ter dito que sim!



Figura 24 – Parte da área inspecionada do terminal ferroviário. Fonte: acervo pessoal, maio de 2017.

Essas duas situações etnográficas parecem contrastar inteiramente, desde a paisagem dos terminais até as formas de tratamento recebido pelas funcionárias dos mesmos, mas, mais do que isso, elas evidenciam a hierarquia dentro do porto. Não à toa, a impressão que tinha era a de que a ANTAQ era mais autoridade do que a CODESP. Ao ocupar o topo dessa hierarquia, a ANTAQ parecia ser mais temida e mais levada a sério pelos terminais do que a CODESP. As inspeções, por sua vez, eram as situações incômodas – como neste último terminal que descrevi – por possibilitarem autuações decorrentes da FSN, principalmente. Além das inspeções e dos pombos serem incômodos no porto, as autoridades e posições hierárquicas ocupadas também se mostravam como uma presença incômoda no que dizia respeito aos pombos e outros animais considerados sinantrópicos nocivos. Incômoda, no sentido de que, a todo tempo, as pessoas pareciam se sentir vigiadas por estas autoridades, o que ocorreu comigo mesma em duas situações. Primeiro, numa única ocasião em que consegui presenciar e fotografar uma enorme revoada de pombos, estava na companhia de Dona Paloma – nas dependências de um terminal de grãos buscando pelo pombal que outrora havia ali – que me disse para não tirar muitas fotos, ou não me fazer notar no ato, pois o pessoal do terminal poderia entender aquela situação como uma atitude comprometedora para

eles. Entendi que eu poderia ser vista como uma fiscal coletando provas de alguma situação irregular, o que incomodaria os terminais portuários. Noutra ocasião, fui orientada pela técnica Maitê a sempre deixar bem claro para meus interlocutores no porto que eu não era, de forma alguma, vinculada ao Ministério Público, pois os trabalhadores portuários poderiam entender que eu realizava uma pesquisa com pombos para justificar um possível adicional de insalubridade aos trabalhadores⁶⁹. Neste caso, o Ministério Público e este possível adicional de insalubridade seriam um incômodo aos cofres da CODESP.

Deste modo, busquei elucidar de que forma os pombos me conduziram para questões outras, que sequer imaginava encontrar. Foi seguindo os pombos que descobri as relações hierárquicas dentro do porto e conflitos de poderes, envolvendo instituições privadas, estaduais e federais. Relações estas que têm os pombos em seu cerne, talvez mais na maneira com que estas aves “acionam” as autoridades, do que se apresentam fisicamente, afinal, por vezes, os pombos se faziam presentes de outras formas que não sua presença física. Elucidasse, portanto, que a partir de uma etnografia das relações entre humanos e animais foi possível constatar e trazer à tona questões relativas aos poderes e hierarquias institucionais e os incômodos com os órgãos que veem os pombos também como incômodos.

2.4 Seria o próprio porto uma presença incômoda?

Nesta última seção, penso que o próprio porto, enfim, possa ser pensado como uma presença incômoda em alguma medida. Ouvi de várias pessoas da cidade que as praias de Santos eram feias devido aos navios e que, conseqüentemente, as áreas mais próximas ao porto eram as mais sujas; que suas imediações eram perigosas e habitadas por prostitutas. No entanto, economicamente, o porto parece ser muito favorável à cidade, elevando os índices de riqueza, arrecadação de impostos e o PIB, de acordo com o site⁷⁰ da prefeitura de Santos. Além das afirmações em tom negativo em relação ao porto, no mês de junho comemora-se o Dia do Meio-Ambiente, sendo que uma série de eventos é realizada tanto na cidade quanto no porto. Enquanto a prefeitura promoveu uma semana de palestras, o porto organizou uma programação com duração de um mês – o que me pareceu uma forma de ressaltar a preocupação ambiental por parte do porto, ou mesmo uma necessidade de sanar uma possível

⁶⁹ A sugestão que é feita por meu campo etnográfico neste momento é que, de algum modo, eu pudesse “provar” que pombos são sinônimos de sujeira e que proporcionam condições de trabalho insalubre. Na verdade, parece-me que fica cada vez mais e mais evidente que os trabalhadores portuários veem os pombos, simplesmente, como uma presença incômoda, suja e que pode trazer riscos.

⁷⁰ Prefeitura de Santos. <www.santos.sp.gov.br/?q=conheca-santos/dados-gerais/37292-economia>.

dívida ambiental com a cidade, tendo em vista que o porto é muito apontado como um agente que suja e polui.

Na mesma época em que ocorriam as comemorações ao Dia do Meio-Ambiente (05 de junho), em 2017, eu estava interessada em tentar localizar registros a fim de saber quando os pombos começaram a se tornar um problema – algo um tanto similar ao trabalho que Colin Jerolmak fez para Nova Iorque (2008). Para tanto, procurei alguns acervos documentais da cidade. Nessa busca, descobri que o Porto de Santos carregava um histórico não muito favorável à cidade, sendo diretamente associado ao caso de epidemia de febre amarela entre os séculos XIX e XX (LOPES, 1975), e recebendo, ainda, a alcunha de Porto Maldito (BLUME, 1999).

Minha primeira experiência se deu no jornal local *A Tribuna*, a qual não foi satisfatória. Quando entrei no acervo do jornal, deparei-me com cadernos e mais cadernos mensais do periódico desde o ano de 1921, não havendo a possibilidade de realizar uma busca digital prévia por palavras-chave e localizar, então, as edições em que constassem tais palavras previamente pesquisadas. Escolhi dois cadernos aleatoriamente: Janeiro de 1921 e Maio de 1930. Folheei-os inteiros e não encontrei notícias sobre pombos. Por outro lado, encontrei algumas notas sobre ataques de outros animais às pessoas, como cães (muitas vezes referidos como cães hidrófobos) e bois, incômodos gerados por mosquitos, notícias sobre os *amigos perigosos* (animais domésticos, como cães e gatos), notícias sobre a transmissão de febre amarela a partir de papagaios e, ainda, uma nota sobre os *indesejáveis*:

O Sr. chefe de polícia ordenou hoje à Polícia Marítima que haja todo o rigor na fiscalização feita por ocasião da chegada de navios estrangeiros, proibindo o desembarque de velhos de mais de 60 anos, aleijados, cegos e principalmente mulheres da vida fácil. (*A Tribuna*, janeiro de 1921).

Essas notícias, além de remeterem a um período de transição do rural para o urbano em Santos, começam a evidenciar ainda uma questão territorial *humanimal*. Andréa Osório (2013) e Nádía Farage (2011) tratam desta transição do rural ao urbano no Brasil e, nesse sentido, evoco algumas de suas ideias. Osório (2013) explica, seguindo Aprobato Filho (2006), como tal transição ficou marcada a partir das relações com os animais nas cidades, isto é, da retirada de animais do espaço urbano e da substituição de alguns por veículos automotores, por exemplo. Na São Paulo entre os séculos XIX e XX, os animais se associavam a alguma utilidade, como o consumo alimentar ou força de trabalho. Os cães, por sua vez, eram tidos como um problema, sendo perseguidos até a morte, sobretudo pela

carrocinha. Com a chegada da modernidade nas cidades, os animais, que agora remetiam ao rural, tinham de ser retirados:

Os animais se tornaram progressivamente marginais ao processo produtivo industrial. Uma nova visão emergente sobre seu bem-estar estaria fortemente relacionada à vida nas cidades e aos cidadãos, já apartados da esfera de produção agrícola, sobretudo os da elite. (OSÓRIO, 2013: 5-6).

Contudo, o que vemos é que não somente os animais tinham de ser retirados, mas também todos os sujeitos *indesejáveis*. Nesse sentido, Nádia Farage (2011) trata do controle do Estado sobre o corpo humano, no Rio de Janeiro desta mesma época transicional, o qual eliminava dos espaços urbanos os sujeitos indesejados – como os ratos e as pessoas pobres – sob a máxima de que seriam contagiosos e transmissores de doenças. A necessidade era de se fazer da cidade, do espaço urbano, um ambiente de limpeza e livre de doenças, pestes e epidemias, opondo o ambiente urbano moderno do rural atrasado. Para tanto, tais sujeitos como animais de tração e domésticos, parasitas, insetos, ratos, além dos humanos indesejados, tinham de ser removidos deste espaço em benefício da higiene cidadina e sua modernização. Isso fica bem evidente nos casos noticiados em Santos, sobretudo com a proibição de desembarque de alguns humanos *indesejáveis* e notícias e propagandas cujas manchetes diziam “A ameaça dos pântanos”, ao se referir a mosquitos e pernilongos, e “Amigos perigosos”, tratando-se de cães e gatos. Isso tudo diz respeito à questão territorial *humanimal*: as cidades podem não ter sido pensadas, ou projetadas, para abrigar os animais, os humanos e outros seres indesejados, no entanto, é lá que eles estão e permanecem.

Além desses dados, acabei por descobrir que o Porto de Santos – administrado pela CDS na época – ficou conhecido como O Porto Maldito. Essa descoberta se deu quando fui à Hemeroteca Municipal Roldão Mendes Rosa, que conta com um acervo separado por tópicos, facilitando minha pesquisa. Conforme folheava o caderno de notícias sobre o porto, notei que eram recorrentes as notícias que tratavam sobre cenários de insalubridade e epidemias, em meio aos grandes negócios com o café – que já registrava, em 1909, a exportação de 13 milhões de sacas. Do renomado “Porto do Café”, fui direcionada ao “Porto Maldito”, trabalhado também por Blume (1999) e Lopes (1975), que explicam as epidemias de febre amarela nos séculos XIX e XX muito atribuídas ao porto. Segundo o jornal Cidade de Santos, de 01 de julho de 1960:

Sem cais e sem meios de descarga, assolado pela febre amarela e pela varíola, com uma Alfândega desmantelada, que não possui guindaste, que

não possui armazéns para receber e acondicionar mercadorias, que não possui o pessoal suficiente para as conferir e despachar com a indispensável presteza, que não possui até os mais necessários utensílios, tendo a sua baía coalhada de navios que esperam há longos meses que lhes chegue a vez de descarregar, tendo as ruas e praças da cidade atulhadas de mercadorias de toda a espécie, expostas ao tempo e à rapinagem, vendo morrer diariamente a tripulação dos navios em estadia, dizimada pela febre amarela, tal é o triste espetáculo que hoje oferecem o porto e a cidade de Santos aos olhos do mundo inteiro. (Grifo meu).

Também segundo a imprensa, ilhas próximas ao porto funcionavam como um local de quarentena de tripulantes:

No final do século XIX, as seguidas epidemias matam muitos tripulantes, o que leva os navios a evitarem o Porto de Santos. Naquela época, alguns perceberam que as ilhas próximas eram poupadas das doenças, concluindo que o ar fresco era uma proteção natural (na verdade, o combate ao mosquito transmissor da febre amarela e a construção de uma rede sanitária acabaram com as doenças). Uma dessas ilhas, a das Palmas, foi comprada pela armadora e companhia de navegação alemã Hamburg Süd, em 1892, para proteger seus tripulantes, segundo estudos de 1937 de Francisco Martins Santos. (*A Tribuna*, 02 de fevereiro de 2012).

Considerando esses excertos e a conjuntura da época, o porto, como porta de entrada de migrantes indesejados e doenças, foi um incômodo à cidade. Por outro lado, foi justamente diante de tal situação que Saturnino de Britto, renomado engenheiro sanitarista do século XX, foi impulsionado a desenvolver seus projetos sanitaristas, que poriam fim às epidemias, como a construção dos canais na cidade (CARRIÇO, 2015; MAXIMINO, 2007).

Ao resgatar todo esse histórico, não busco uma explicação do presente pelo passado, mas chamar à atenção para os papéis que o porto desempenha na relação porto-cidade, uma relação que parece ser muito difícil de ser pensada de maneira desvinculada para os habitantes de Santos. O porto parece ser o grande responsável por uma série de fatores, dos mais diversos, na cidade: movimentação da economia, geração de empregos, poluição ambiental e visual das praias, aumento da população de pombos. Deste modo, não é possível dizer que o porto seja um incômodo tal como possa ter sido no passado⁷¹. O porto, assim como os pombos, parece abrigar uma multiplicidade ontológica que se faz visível na medida em que se rotaciona e se olha de diferentes ângulos – como as várias faces de um prisma. Contudo, essa dissertação não é sobre uma multiplicidade ontológica do porto, embora pareça que o porto tenha sua ecologia própria de sujeitos indesejados, sejam eles estrangeiros, prostitutas, enfermos, pombos, ratos e tantos outros – até mesmo, em alguns momentos, a soja. Ao

⁷¹ Embora no passado o porto também não pudesse ser reduzido a somente um incômodo, tendo em vista sua crucial importância para a exportação do café.

tomarmos duas dessas faces, a entrada de sujeitos indesejados em 1921 e o aumento da população de pombos, vemos um marcador de separação mais ou menos similar à oposição entre urbano e rural, apresentada por Osório (2013), no sentido em que os animais tinham de ser retirados do primeiro e podiam ser aceitos no segundo. No entanto, mesmo o porto sendo um dos responsáveis por essas presenças incômodas, nem mesmo ali elas podem ser aceitas! Ora, o porto não é nem rural, nem urbano; às margens da cidade e um local de trânsito, talvez se trate de um não lugar (AUGÉ, 2008), embora estando mais próximo de uma ideia de urbano. Pelo fato de se tratar, ainda, de um litoral, e pelo porto ser responsável por tantas entradas e saídas, certamente o porto se caracteriza como um lugar liminar, responsável por trânsitos externos e internos, estrangeiros e nacionais, indesejáveis e desejados.

Em diálogo com o que Mary Douglas (1991) diz sobre impureza – algo fora do lugar – podemos pensar que essas presenças incômodas – incluindo o porto em suas faces que contribuem para tais presenças, ou que constitui sua própria ecologia – são vistas como algo impuro, perigoso, sujo, pois não deveriam estar ali na cidade, um local que figura a modernidade e a limpeza associadas ao urbano. Esse é o mesmo argumento que vimos anteriormente com Jerolmak (2008) e Borsellino (2015) sobre pombos como seres fora de lugar e transgressores do espaço urbano humano. Afinal, segundo Lévi-Strauss (1957:126), a cidade é “a coisa humana por excelência”. No entanto, o maior desafio para essa pesquisa é que, além de eu lidar com um *animal liminar* como o pombo – que carece de outros estudos em antropologia e ciências sociais, sendo um dos poucos, senão único, o de Colin Jerolmak (2013) –, lido ainda com um *espaço liminar* para a presença de animais, isto é, nem uma cidade, nem um parque, nem um zoológico, nem um laboratório, nem um frigorífico – espaços, de certo modo, frequentes nas etnografias sobre humanos e animais e aceitos para a presença destes últimos. Ao entender que minha pesquisa trata tanto de um animal, quanto de um lugar, liminares, notei que, se de algum modo, espera-se que exista uma equação entre animais e lugares, isto é, que determinados animais pertençam a determinados lugares, e sejam aceitos nestes mesmos, este não é caso dos “liminares”. Se se espera encontrar animais selvagens numa selva, ou animais domesticados num domicílio, e estes assim são aceitos, mesmo que se espere encontrar animais liminares num lugar liminar – e, de fato, se encontre, tal como os pombos no porto – nem mesmo ali eles são aceitos. E se, por fim, é da ecologia do porto abarcar sujeitos indesejados, estes, por sua vez, também sequer são ali tolerados, sendo passíveis de quarentena, de proibições de aportação e de políticas de controle.

Neste capítulo meu intento foi o de tecer um pouco além a mesma linha que, dos pombos, me levou ao Porto de Santos. Tratei dos problemas e incômodos causados pelos pombos na prática, segundo meus interlocutores. A partir das conversas com eles, vimos o quanto os pombos podem ser reduzidos a suas fezes como sinônimo de sujeira, como um animal fora de lugar, liminar, que transgride as fronteiras entre natureza e cultura, bem como podem representar a iminência de um risco de doenças desconhecidas ou ignoradas, mobilizando práticas de controle. Propus, ainda, reflexões acerca de outras presenças incômodas, atreladas aos pombos (ou trazidas até mim enquanto os perseguia) no porto, como a soja, as autoridades fiscais ou mesmo o próprio porto como um lugar liminar.

Ao iniciar o capítulo com fragmentos de notícias santistas sobre os pombos, indico a transição de um capítulo descritivo e, por assim dizer, literário, para um capítulo em que evidencia o que está sendo dito sobre os pombos e quais seus problemas, já com o indicativo de várias autoridades em jogo diante do cenário de superpopulação das aves na cidade. Enquanto no capítulo anterior meu objetivo era o de situar o leitor ao ambiente portuário, neste capítulo a proposta foi a de compreendermos que, mesmo os pombos estando ora ausentes fisicamente no Capítulo I, eles agora se mostram presentes de outras formas e acionam uma série de outros sujeitos e órgãos. Eles são como guias que nos levam a pensar questões para além de si mesmos, mas, sobretudo, dos espaços ocupados.

Já no capítulo que se segue, meu objetivo é indicar outras linhas de rumo a que os pombos podem levar, e explicar, justamente a partir dessas tantas linhas, porque a ideia de espécie não auxilia a pensar os pombos antropológicamente. Pois, se “alguns animais são mais iguais que outros” (ORWELL, 2007:106), os pombos, certamente, são mais iguais a outros indesejados e não amados: (alguns) ratos (os sem asas) e humanos. Interessa-me, como capítulo conclusivo, amarrar as linhas tecidas nesta dissertação, mostrando como é possível pensar *os* pombos e *com* os pombos, e como a antropologia das relações entre humanos e animais (e outros não-humanos) tem muito o que dizer sobre nós mesmos, humanos e antropólogos, sobre nossas classificações e nossos espaços.

Afinal, o que são e o que podem os pombos?

3. Capítulo III – Para além do Porto de Santos: o que pode um (bando de) pombo(s)?

Não sabeis do que sois capazes, no bom como no mau, não sabeis antecipadamente o que pode um corpo ou uma alma, num encontro, num agenciamento, numa combinação.

(Gilles Deleuze)

Início este capítulo com um fragmento de Gilles Deleuze (2002), uma vez que minha proposição aqui dialoga com a ideia dos afetos de que pode um corpo. Deleuze (2002:130) faz uma aproximação da *Ética* de Espinosa com o campo da etologia; seu argumento, em suma, é de que “a etologia é, antes de tudo, o estudo das relações de velocidade e de lentidão, dos poderes de afetar e de ser afetado que caracterizam cada coisa. Para cada coisa, essas relações e esses poderes possuem uma amplitude, limiares (mínimo e máximo), variações ou transformações próprias”. O que me interessa é, justamente, explicitar os afetos do pombo e seus limiares, seja em sua condição de “animal-agente” ou “animal-signo”, tendo em vista que, até aqui, os pombos se apresentaram sob essas duas maneiras simultaneamente, assim como ocorre com todos os seres em relação com comunidades humanas.

Nesse sentido, antes de prosseguir, também gostaria de evocar a ideia de espécie. Se partirmos dessa ideia, temos que pombos são aves da família *Columbidae*, e os pombos urbanos, como são conhecidos, da espécie *Columba livia domestica*. Na língua inglesa, são dois os termos para se referir, em inglês, aos pombos: *pigeons* e *doves*. Os pombos urbanos são sempre referidos como *pigeons*, ao passo que *dove* é utilizado para se referir ao “pombo branco” símbolo de paz, amor, pureza e religiosidade (o Espírito Santo ou Divino Espírito Santo, usualmente representado como uma pombinha branca). De acordo com o Online Etymology Dictionary⁷², *dove* era antes empregado para todos os pombos e, atualmente, tem se restringido à *turtle dove*, ou pomba-rola ou rolinha (*Streptopelia turtur*). Pode-se dizer que, no português, *pigeon* seria equivalente a “pombo” e *dove* à “rola” ou “rolinha”. Entretanto, ainda segundo o dicionário, *dove* tem conotação bíblica, referindo-se ao Espírito Santo (e/ou pomba branca)⁷³. Já *pigeon* é atualmente utilizado para pombos de maneira geral e, especialmente, “pombos urbanos”⁷⁴.

Embora “pombos” e “pombos brancos” sejam a mesma espécie zoológica, *Columba livia domestica*, isto não os tornam animais iguais, em vários sentidos. Por isso entendo que a ideia, destacada por Lien & Law (2011), de práticas material-semióticas seja mais estratégica para se falar dos pombos antropológicamente. Essas práticas remetem à ideia de que os animais são simultaneamente agentes – por agirem no mundo material – e signos. No caso estudado por Lien e Law (2011:82, tradução minha), os autores explicam que “o que um

⁷² Com relação à etimologia das palavras, o dicionário diz que *dove* é, possivelmente, proveniente de *dive*, fazendo referência ao voo da ave que se assemelha a um mergulho, enquanto *pigeon* é proveniente do francês (e do latim) *pipionem*, *pipio*, que se aproxima de uma onomatopeia, de “piar” (*to peep*). Ver Online Etymology Dictionary <www.etymonline.com>. Acesso em 19 de fevereiro de 2015.

⁷³ Em português, o Espírito Santo é apenas referido como “pomba branca” ou “pomba da paz” – e não rolinha, que seria o equivalente a *dove*.

⁷⁴ Ao realizar uma busca de imagens em sites de navegação, os resultados para *pigeon* são também de “pombos urbanos”. Pombos brancos e representações do Espírito Santo aparecem quando se busca pelo termo *dove*.

salmão é em um lugar, será diferente do que ele é em outro”, pois não é o animal (partindo apenas do pressuposto de sua espécie) que determinará a relação *a priori*, isto é, não são os termos que definem as relações, mas as relações significam e ressignificam os agentes em relação a todo o tempo: as relações definem os termos. Esta é uma das ideias de Espinosa sobre os afetos que podem ser produzidos pelos corpos de forma diferente em cada encontro. Além disso, esta não é uma ideia nova na Antropologia; basta lembrarmos das “estruturas performativas” em contraposição às “prescritivas”, de que fala Marshall Sahlins (1990:12), que, em suas palavras, “se os amigos criam presentes, os presentes também criam amigos ou talvez como melhor diriam os esquimós, dádivas criam escravos – como os chicotes criam cachorros”. Assim, olhando para as relações que são estabelecidas no mundo material, e nos significados e representações dos pombos, ou seja, nas práticas material-semióticas com estas aves, é que entendo que será mais fácil de compreendermos o que pode (ser), afinal, um pombo.

A noção de espécie, por sua vez, pode auxiliar a pensar na relação com outros animais, ao seguirmos a linha de Descola (1995) e Singer (1989) para melhor compreendermos uma suposta escala de apreço dos humanos para com alguns animais a partir do “especismo”. Segundo os autores, a simpatia dos humanos por alguns animais se deve a aspectos comportamentais, fisiológicos e outros, desses seres; por isso, acredita-se que os “mamíferos são os mais bem aquinhoados nessa hierarquia do interesse” (DESCOLA, 1998:23). Contudo, lembremo-nos que ratos e morcegos também são mamíferos e, nem por isso, parecem ser bem quistos pelas pessoas. Já outros animais não mamíferos, como as tartarugas-marinhas, por exemplo, parecem cativar bem mais os humanos, no sentido em que existe, por parte desses, toda uma proteção às tartarugas, como o Projeto TAMAR⁷⁵. Esses exemplos apenas ilustram as muitas exceções existentes em relação às espécies que abrangem os “outros não amados” (ROSE & VAN DOOREN, 2011), bem como as situações em que esses mesmos se encontram. Pombos – ou “ratos de asas”, como são popularmente, e odiosamente, ditos –, portanto, podem ser não amados quando contextualizados sob a ordem do desprezo e da sujeira.

A seguir, demonstrarei os múltiplos afetos que pode um pombo nos encontros com os humanos – para utilizar os termos espinosistas e deleuzianos. Nesses encontros visualizaremos seus limiares, os quais podemos chamar, outrossim, controvérsias: uma

⁷⁵ Eliana Creado e colaboradores (2016:352) tratam, especificamente, sobre as tartarugas marinhas no TAMAR. Em seu texto, explicam como as tartarugas foram ressignificadas, pelo TAMAR, de um animal fonte de alimento para a população local, a um animal a ser conservado.

situação de desentendimento entre atores, humanos e/ou não humanos, que apenas se finda quando estes negociam uma vivência próxima – agora nos termos de Bruno Latour (2005) e Tommaso Venturini (2010). A exposição dessa controvérsia será feita a partir de algumas notícias veiculadas pela imprensa em escalas locais – da cidade de Santos –, nacionais e globais – referentes a outras cidades brasileiras e europeias. As notícias foram pesquisadas em acervos físicos em Santos, e a partir de sites de busca na internet, a fim de se verificar o que era e é dito a respeito dos pombos nestas escalas. Além destas notícias, ao longo do capítulo também analisarei um evento de observação de aves, do qual participei em Santos, e uma entrevista com Alyson Montrezol, docente e fotógrafo, que passou a publicar fotos de pombos em sua conta no Instagram. Foi a partir da variedade de relações, e de sua forma controversa, que passei a pensar na ideia de afetos (DELEUZE, 2002; ESPINOSA, 1973) e no que pode um pombo, seja na condição de um animal-agente ou animal-signo.

3.1 De aves e pragas

Em Santos – SP, o primeiro registro de uma controvérsia escancarada que encontrei em minhas buscas por notícias sobre o assunto é datado de 1994. Uma notícia do jornal *A Tribuna*⁷⁶, com o subtítulo “As aves, que simbolizam a paz e o amor, na verdade são transmissoras de doenças graves, que podem inclusive levar à morte”. Ao longo da notícia, estão expostos os depoimentos de uma bióloga e um veterinário, que alertam para medidas para se reduzir a população de pombos na cidade. Segundo a bióloga, é devido à carga simbólica de paz, amor e religião dos pombos que “fica difícil as pessoas entenderem e aceitarem qualquer tipo de ação que vise, por exemplo, matar os pombos”. Isto é, parece ser difícil de convencer as pessoas dos “perigos” dos pombos, com tanto simbolismo a eles atrelados – algo muito diferente de alguns registros mais recentes.

No geral, de 1992 a 2016, as notícias em Santos se dividem entre alertas à população sobre medidas de controle para reduzir a população de pombos, riscos de doenças, problemas com sujeira, problemas no cais do porto, sua “guerra contra os pombos”, e elogios às práticas de columbofilia: aos pombos-correios, columbófilos e competições. Só neste cenário santista, as opiniões acerca destas aves são divididas entre um símbolo religioso e amoroso que os pombos representam, os riscos de doenças (que também representam) e as práticas esportivas. Além desta primeira controvérsia, presenciei na prática uma controvérsia a respeito das

⁷⁶ *A TRIBUNA* (1994). “Pombos continuam proliferando e são perigosos”. 05 de agosto de 1994.

classificações (im)postas aos pombos. Quando fui à Hemeroteca Municipal Roldão Mendes Rosa pesquisar por notícias da cidade, pedi aos funcionários todo o material que tivessem a respeito dos pombos. O funcionário que me atendeu disse que os “pombos” estariam junto do assunto “zoonoses”, e já traria o respectivo caderno para mim. Contudo, ouvi que ele conversava com a outra funcionária, e logo se voltou a mim corrigindo-se: os “pombos” estavam no caderno sobre “aves”.

Entretanto, o que mais me surpreendeu foi pensar que, talvez, os pombos possam não ser nem uma coisa, nem outra. No mês de junho de 2017 frequentei o ciclo de palestras promovido pela Secretaria de Meio Ambiente da Prefeitura de Santos (SEMAM) na UNIP. Ao passo que eu imaginava que, a partir dessa programação, eu poderia conseguir algum contato com a prefeitura para ampliar a visão sobre os pombos, entendi que essas aves pareciam ser simplesmente esquecidas, sendo qualquer coisa outra que ave e/ou praga.

Duas palestras, específicas sobre aves, tratavam sobre a importância de preservação de aves silvestres. Uma das palestrantes, a bióloga e ornitóloga Sandra Pivelli, falou de seu projeto de observação de aves pela cidade. Sua fala, intrigante, demonstrava que quando ela perguntava para as pessoas que animais e aves eram possíveis de se observar na cidade, “*as pessoas não conhecem espécies, daí fica uma coisa genérica: urubu, pombos, baratas, ratos, gatos, cachorros*”, o que me remeteu tanto aos outros não amados que estão presentes em nosso dia-a-dia (ROSE & VAN DOOREN, 2011), quanto ao que Joanna Overing (1999) diz sobre o fascínio dos antropólogos – e que parece valer não apenas aos antropólogos – pelo exótico e o tédio diante do cotidiano. Sandra enfatizou que seu foco era na fauna silvestre; mesmo assim fui conversar com ela ao término da palestra. Contei que vinha pesquisando as relações entre pombos e humanos e perguntei-lhe como funcionaria uma observação, por exemplo, de pombos na cidade, uma vez que eles estão adaptados a esse ambiente e não exigem toda uma série de cuidados e procedimentos – por exemplo, a necessidade de ficar em silêncio para que as aves não se assustem – a que o observador deve se ater. Senti que minha pergunta a desestabilizou e instigou um tanto, pois ela disse que seria de fato interessante realizar uma observação de pombos. Pudemos conversar bastante sobre as aves nessa ocasião, conversa que teve de ser interrompida porque sua amiga precisava levá-la embora. No mês seguinte, Sandra me mandou um e-mail convidando-me para participar de uma observação de aves e árvores no Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos da PRCEU –

USP⁷⁷. Coincidentemente ou não, as espécies nesta ocasião eram a pomba asa branca (*Patagioenas picazuro*) – que acredito, de fato, ter sido escolhida após nossa conversa – e a mangueira (*Mangifera indica*), uma vez que no Monumento existe uma mangueira centenária e seria possível realizar a observação nesta/desta árvore.

Aceitei o convite de Sandra e, no dia 15 de julho, fui até o Engenho dos Erasmos para a observação de aves. A primeira parte do encontro era teórica e acontecia dentro de um auditório, onde Sandra apresentava algumas informações básicas sobre as aves e as árvores, no caso a pomba asa branca e a mangueira. Já na segunda parte do encontro, eram distribuídos alguns binóculos aos participantes e todos saíam para a área externa no Monumento (Figura 25) a fim de observar as aves e a centenária mangueira que existia ali. A experiência foi muito interessante, embora não tenhamos avistado nenhuma pomba asa branca. No entanto, durante a parte teórica do encontro, o que me intrigou foram as concepções levantadas pelos participantes sobre a ideia de praga. Isso surgiu quando Sandra falava que as árvores podem ser incômodas às pessoas – pela sujeira causada por suas folhas, por exemplo – e acabam por ser derrubadas. Nesse sentido, os participantes começaram a falar do problema de não se conhecer as árvores que se planta, em projetos municipais, por exemplo, e prontamente começaram a citar vários locais da cidade de Santos em que havia “árvores erradas”, sendo a principal delas o chapéu-de-praia (*Terminalia catappa*) que compõe toda a orla da praia de Santos.

Nenhuma palavra foi dita sobre pombos na condição de praga, e não posso afirmar se isso se deve à asa branca ser uma espécie distinta dos pombos urbanos – embora da mesma família *Columbidae*. Penso, ainda, que isso pouco importa, tendo em vista que o que estou chamando à atenção com esses relatos é para a possibilidade de, por um lado, ampliar as noções de aves e pragas e, por outro lado, perceber como os pombos transitam entre essas noções, e às vezes mesmo para fora delas. Quando o assunto são aves, a associação que se faz é às aves silvestres que necessitam proteção, como a experiência que tive ao frequentar as palestras promovidas pela SEMAM. Todavia, na antropologia também assim o é. Os estudos antropológicos sobre aves estão majoritariamente associados à extinção (VAN DOOREN, 2015), aos cantos das aves (FELD, 2012), ao comércio de penas e plumas (DUARTE, 2006; FRANÇOZO, 2009; VANDER VELDEN, 2012b), às espécies companheiras (VANDER VELDEN, 2012a; ANDERSON, 2003) e, em nenhuma dessas situações encontram-se os

⁷⁷ O Monumento é localizado entre as cidades de Santos e São Vicente, e pertence, atualmente, à USP. Sua construção é datada, aproximadamente, do ano de 1534 e foi um engenho de açúcar no período colonial brasileiro. Para mais informações sobre o Monumento, ver o site oficial www.engenho.prceu.usp.br.

pombos. Os únicos momentos, em campo, em que constatei os pombos como aves foram (1) no acervo da Hemeroteca, com certa pequena controvérsia (como vimos) e, (2) na preocupação legal com o exercício do controle no Porto de Santos, já que qualquer ato falho poderia acarretar num mau trato animal e, conseqüentemente, um crime ambiental – segundo o Artigo 29 da Lei 9.605/1998. Já no que concerne às pragas, essa relação parece ser, de certo modo, invertida, sendo que a todo o tempo os pombos são apontados como pragas. Apenas no contexto da observação de aves e árvores é que os pombos – mas agora o pombo asa branca, que é distinto, em vários sentidos, do pombo comum – deram o lugar esperado de praga para as espécies vegetais, as quais foram apontadas como incômodas, e mesmo aversivas, pelas pessoas. Todavia, o que se tem em comum entre pombos e árvores quando apontados como pragas é, de fato, a capacidade de sujar e sua condição de “fora do lugar”, como algo que não devesse estar ali, na cidade.



Figura 25 – Parte do Monumento Nacional Ruínas Engenho São Jorge dos Erasmos da PRCEU – USP. Fonte: acervo pessoal, julho de 2017.

Percebe-se, então, que não são as espécies que determinam uma relação, mas, de fato, as práticas material-semióticas, isto é, “as estruturas sociais [que] estão sendo geradas no mesmo instante que as formas científicas (ou outras) de classificação e conhecimento” (LIEN & LAW, 2011:68, tradução minha), e é neste ponto em que se situa a controvérsia. Para torná-la ainda mais evidente, e termos ideia da dimensão de possibilidades, trago os contextos em escalas nacional e global – em outras cidades brasileiras e mundo afora – das relações entre pessoas e pombos. Por um lado temos os pombos como um problema, seja devido à sujeira

atribuída a suas fezes, seja devido à possibilidade de transmitirem doenças ou contaminação. Diante disso, vários municípios já adotam leis que proíbem as pessoas de alimentarem pombos, sob pena de multa, a fim de conter a população de aves que passam a ser consideradas pragas urbanas. É o caso, por exemplo, de Caxias do Sul – RS⁷⁸, Guarulhos – SP⁷⁹ e Veneza (Itália)⁸⁰. No caso de Veneza, ainda existem alguns aspectos referentes ao turismo e à conservação patrimonial. Pode-se dizer que os pombos faziam parte do turismo veneziano – ao menos antes da proibição, por lei específica, de se alimentar as aves –, uma vez que a Praça de São Marcos recebe a visita de turistas diariamente, e que interagem de diversas formas com as aves, seja alimentando-as, tirando fotos, ou deixando-as empoleirarem em seus corpos. Além disso, a praça também contava com a presença de vendedores de grãos, que contribuía com a movimentação desse turismo e das práticas de alimentação por parte dos turistas. Com a proibição desta prática, em 2008, foi também proibido o comércio de grãos na praça, sob a justificativa de que as fezes dos pombos estavam deteriorando monumentos e que a limpeza e restauração dos mesmos custariam em torno de 200 euros por morador anualmente⁸¹. Ainda dentro dessa problemática em torno dos pombos, e de medidas para seu controle, são noticiadas, em Belo Horizonte – MG⁸² e Caxias do Sul⁸³, algumas atitudes criminosas de matança de pombos a partir de “chumbinho” e ração⁸⁴. Essas matanças são consideradas criminosas, tendo em vista, novamente, o Artigo 29 da Lei 9.605/1998, que considera crime contra a fauna “matar, perseguir, caçar, apanhar, utilizar espécimes da fauna

⁷⁸ *Pioneiro* (2013). “Câmara de Vereadores aprova projeto que proíbe alimentação de pombos em Caxias do Sul”, 28 de agosto. <<http://pioneiro.clicrbs.com.br/rs/geral/cidades/noticia/2013/08/camara-de-vereadores-aprova-projeto-que-proibe-alimentacao-de-pombos-em-caxias-do-sul-4250190.html>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2016.

⁷⁹ PORNE, Carolina (2015). “Guarulhos cria multa para quem alimentar pombos em locais públicos”, *Folha de São Paulo*, 31 de agosto. <<http://mural.blogfolha.uol.com.br/2015/08/31/guarulhos-cria-multa-para-quem-alimentar-pombos-em-locais-publicos/>>. Acesso em 24 de fevereiro de 2016.

⁸⁰ POVOLEDO, Elisabetta (2008). “Venice bans pigeon feeding in St. Mark's Square”, *The New York Times*, 8 de maio. <<http://www.nytimes.com/2008/05/08/world/europe/08iht-pigeon.4.12710015.html>>. Acesso em 26 de setembro de 2015. Acesso em 14 de dezembro de 2015.

⁸¹ STEWERT, Phil (2008). “Venice to fine tourists who feed pigeons”. *The Reuter*, 30 de abril. <<http://www.reuters.com/article/us-venice-pigeons-idUSL3070027920080430#mfPwC0cwMLkZbLTT.97>>. Acesso em 14 de dezembro de 2015.

⁸² COUTINHO, Jefferson (2014). “Extermínio de pombos na Savassi causa indignação e indiferença”, *Estado de Minas*, 11 de janeiro. <http://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2014/01/11/interna_gerais.486837/exterminio-de-pombos-na-savassi-causa-indignacao-e-indiferenca.shtml>. Acesso em 14 de dezembro de 2015.

⁸³ *GI* (2016). “Mais de 100 pombas são encontradas mortas na Serra do RS”. 14 de janeiro. <<http://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2016/01/mais-de-100-pombas-sao-encontradas-mortas-na-serra-do-rs.html>>. Acesso em 14 de setembro de 2016.

⁸⁴ Embora a notícia não esclareça do que se trata a composição dessa ração, é sugerido que ela tenha sido misturada com algum veneno, como o “chumbinho”. O “chumbinho”, como é popularmente conhecido, é um veneno altamente tóxico, o *aldicarb*, que não possui registro na ANVISA e é vendido ilegalmente. Para mais informações sobre a toxicidade do “chumbinho”, ver Xavier et. al (2007).

silvestre, nativos ou em rota migratória, sem a devida permissão, licença ou autorização da autoridade competente”.

Essas medidas criminosas sugerem o incômodo das pessoas em relação aos pombos, e estes como um problema. Se na Santos de 1994, conforme vimos, era difícil as pessoas aceitarem, por exemplo, que se matassem pombos, o mesmo não pode ser dito das cidades mineira e gaúcha de 2014 e 2016, ou mesmo da Santos atual. Também é válido frisar que a Lei 9.605/1998 de Crimes Ambientais data de 1998, ou seja, anos depois da sugestão da bióloga santista de reduzir a população de pombos por meio da morte dos mesmos.

Nessa mesma linha destaco um caso ocorrido em Londrina – PR, em 2014, onde um monsenhor fala sobre um abaixo assinado, organizado pelos moradores de lá, defendendo o abate de pombos, pois é a única solução. Para ele,

o abate das aves poderia melhorar a situação de quem frequenta a Catedral. Ambientalistas e algumas autoridades são contra a medida. Eles acreditam que o abate é uma solução muito cruel para os animais. O Monsenhor, porém, desafia quem não apoia a medida: “Se ambientalista quer saber, que venha aqui, que more aqui, que fique um dia, quando tem *esse cheiro*. Nós estamos *defendendo a saúde*. Estamos *defendendo a população*”, diz.⁸⁵

O incômodo com os pombos, a sujeira e o mau cheiro parecem ser tão assombrosos que é possível – a um religioso e aos assinantes do abaixo-assinado, ao menos – desconsiderar o fato de que, por trás de cada pombo a ser abatido, existe uma vida, além de um crime ambiental. Como o monsenhor declara, “estamos defendendo a população”, porém os pombos não se fazem defensáveis e parece não pertencerem a qualquer lugar. Aliás, o pombo branco na figuração do Espírito Santo pode (e deve) estar nas catedrais, elas são os lugares deste símbolo; mas os pombos cinzentos e marrons das ruas, das praças, dos portos, dos lugares sem dono e dos não lugares, esses, de fato, embora ocupem com resistência estes espaços, parecem não pertencer a nenhum lugar. A defesa à população que prega o Monsenhor no caso de Londrina pode nos remeter a Foucault (2005), uma vez que *é preciso defender a sociedade* de um indivíduo perigoso (os pombos). Já o incômodo com a sujeira e o mau cheiro pode remeter, novamente, à ideia de impureza, desordem e o grotesco (DOUGLAS, 1991; JEROLMAK, 2008; BAKHTIN, 1987) – as mesmas questões que vimos no caso portuário santista.

⁸⁵ GI (2014). “Igreja faz abaixo-assinado pelo abate de pombos em Londrina, no Paraná”, 26 de maio. <<http://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2014/05/igreja-faz-abaixo-assinado-pelo-abate-de-pombos-em-londrina-no-parana.html>>. Acesso em 25 de setembro de 2015, grifo meu.

3.2 Outros afetos

Por outro lado dos limiares do que pode um pombo, trago agora notícias referentes ao convívio pacífico, por assim dizer, entre pessoas e pombos, ou situações em que estes passam a ser queridos e/ou valorizados pelas pessoas. Isso ocorre, conforme já mencionado no caso de Veneza, quando as pessoas alimentam e deixam os pombos se empoleirarem em seus imóveis e em seus corpos, e ainda em Teresina – PI⁸⁶, que teve uma praça pública reabilitada por conta da interação das pessoas com os pombos: turistas iam ao local alimentar e tirar fotos com os pombos empoleirados em seus ombros, tornando tal prática comum naquele local.

Outra relação a ser considerada pode ser a de apreciação dos pombos como uma forma de arte. Em 2012, na Bienal de Arquitetura de Veneza, dois artistas fizeram um projeto intitulado “*Some pigeons are more equal than others*”, que consistia em colorir os pombos (Figuras 26 e 27) da Praça São Marcos de variadas cores (amarelo, azul, roxo, verde) com o objetivo de que os pássaros fossem mais bem aceitos pelas pessoas: “se você for capaz de mostrar isso [que cada pombo tem uma identidade própria] por meio de diferentes cores, os pombos serão mais aceitos pelas pessoas”, diz a notícia⁸⁷. Projetos artísticos que envolvem animais, como a chamada bioarte (KIRKSEY & HELMREICH, 2010)⁸⁸ – produzida a partir de alterações biológicas artificiais –, ou mesmo tais práticas como marcá-los com tinta, costumam gerar polêmicas. Como exemplo disso, pode-se citar o caso de um elefante que foi grafitado num zoológico da Filadélfia, um elefante que foi pintado, semelhante a um papel de parede, na Califórnia, e dois porcos tatuados na China. Os três casos tiveram uma repercussão crítica, sendo alguns considerados como abusos contra animais e atos ilegais⁸⁹. Embora não se saiba se o projeto com os pombos tenha causado uma repercussão similar, parece não haver uma grande comoção para com estes animais. Os artistas enfatizam que as tintas utilizadas para colori-los são “corantes naturais”, “não tóxicos” e “inofensivos para a saúde dos pombos”, mas o ponto mais repercutido é, obviamente, a proposta do projeto:

⁸⁶ RIBEIRO, Efrem (2015). “Garças e pombos reabilitam dois pontos turísticos de Teresina”, *Meio Norte*, 19 de janeiro. <<http://www.meionorte.com/blogs/efremribeiro/passaros-reabilitam-dois-pontos-turisticos-de-teresina-310403>>. Acesso em 14 de dezembro de 2015.

⁸⁷ SQUIRES, Nick (2012). “Venice's pigeons dyed red, blue and green”. *The Telegraphy*, 27 de agosto de 2012. <www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/italy/9501773/Venices-pigeons-dyed-red-blue-and-green.html>. Acesso em 26 de setembro de 2015 – minha tradução.

⁸⁸ Kirksey & Helmreich (2010) estabelecem uma comparação entre a bioarte e a biopolítica de Foucault, no que diz respeito a um poder de controle e disciplina sobre o corpo. Como exemplo de bioarte, os autores citam o caso de um coelho que foi modificado geneticamente recebendo genes de água-viva (*jellyfish*) para que apresentasse uma coloração verde reluzente (*glowed green*).

⁸⁹ VALENTINE, Ben (2012). “Painted Pigeons: Political Commentary or Pop Street Art?”. *Hyperallergic*, 25 de outubro. <<https://hyperallergic.com/58034/painted-pigeons-political-commentary-or-pop-street-art/>>.

Essa infusão de cores presta uma nova dimensão à experiência habitual de um encontro entre um humano e um animal reluzente. O pombo - considerado, na melhor das hipóteses, um portador de doenças ignorado e símbolo de mal-estar cultural urbano - subitamente torna-se um animal. A alteração de cor temporária e artificial na ave é suficiente para trazer de volta sua renaturalização.⁹⁰

Enquanto a tinta é inofensiva à saúde dos pombos, ela desestabiliza a certeza de nossas percepções no que se refere aos papéis da arte, instituições e animais urbanos - incluindo humanos - quando diferentes espécies interagem em espaços públicos, o espaço de seus direitos e de sua vida cotidiana. Pombos coloridos reinserem-se na esfera pública como uma nova espécie de classificações, desafiando aqueles com quem co-constituem a cidade a fim de reorientar suas percepções e renegociar os termos em que cada qual coabita.⁹¹

Se os artistas estiverem certos, os pombos se “tornariam animais” (e, ainda, sem problematizar aqui a questão de “renaturalização”) quando pintados. Assim, apenas depois de os pombos serem pintados é que, talvez, além de ganharem a atenção das pessoas que passavam pelas ruas, as aves pudessem receber alguma preocupação por parte de ativistas ou defensores dos animais, pois, por fim, teriam se tornado indivíduos, saindo do anonimato da multidão (ou bando).

⁹⁰ <http://juliusvonbismarck.com/bank/index.php?/projects/some-pigeons-are-more-equal-than-others/> - tradução minha.

⁹¹ <http://julian-charriere.net/projects/some-pigeons-are-more-equal-than-others> – tradução minha.





Figuras 26 e 27 – Pombos coloridos artificialmente em Veneza pelos artistas Julius Von Bismarck e Julian Charriere. Fonte: <http://juliusvonbismarck.com/bank/index.php?/projects/some-pigeons-are-more-equal-than-others/>.

Além deste projeto, o fotógrafo nova-iorquino, Andrew Garn, se propõe a fotografar pombos, muito dos quais provenientes de um centro de reabilitação de aves (*Wild Bird Fund's*), com a finalidade de, como ele diz, capturar a essência e a personalidade das aves (Figuras 28 e 29). Ele entende que a quantidade de pombos é problemática e um fator que

influencia na percepção das pessoas, uma vez que, se em menor quantidade, as pessoas os veriam de forma diferente. Ele compara a raridade às joias:

"O problema é que tem muitos pombos", diz Garn. "Se eles fossem raros, as pessoas os veriam de maneira diferente. Eu os vejo como joias." [...] "É fácil fotografar algo que já é considerado bonito, como uma flor no campo, mas é difícil focar em algo que é visto todos os dias", ele diz.⁹²



Figuras 28 e 29 – Fotografias de Andrew Garn. Fonte: <https://www.audubon.org/news/pigeon-portraits-reveal-city-birds-true-beauty>.

Pombos também podem ser atletas, no contexto da prática esportiva da columbofilia. Historicamente, pombos tiveram sua importância, sobretudo nas guerras, atuando como pombos-correios. Durante a Primeira Guerra Mundial um pombo-correio, que ficou conhecido pelo nome de Cher Ami, foi condecorado herói na França ao enviar uma mensagem aos soldados norte-americanos que estavam atacando sua própria tropa⁹³. Atualmente, pombos-correios são criados com um objetivo esportivo, a prática da columbofilia. Mesmo sendo mais popular em Portugal, por exemplo, a columbofilia também é praticada no Brasil. O esporte é, basicamente, uma competição de “pombos-correios”. Estas

⁹² SILBER, Emily (2015). “Pigeon Portraits Reveal the City Bird’s True Beauty”. *Audubon*, 15 de setembro de 2015. <<https://www.audubon.org/news/pigeon-portraits-reveal-city-birds-true-beauty>> – tradução minha. Acesso em 25 de setembro de 2015.

⁹³ A respeito do uso de pombos-correios na Primeira Guerra Mundial, em especial o caso de Cher Ami, ver: DUHAIME-ROSS, Arielle (2015). “The Verge Review of Animals: the pigeon”. *The Verge*, 13 de dezembro. <<http://www.theverge.com/2015/12/13/9878736/pigeon-review-animals>>.

aves, consideradas “atletas alados”⁹⁴, são diferenciadas dos “pombos urbanos”, diferenciação esta evidenciada na fala de um criador de pombos-correios que afirma que “os animais em questão [os pombos-correios] sofrem um forte preconceito por conta de um senso comum em relação às espécies encontradas nas ruas”. Nota-se claramente a diferenciação neste trecho, mas faz-se um tanto contraditório ao dizer, em seguida, que “[o]s pombos não transmitem doenças como se é veiculado [...] não existe doença exclusiva de pombo”⁹⁵. De uma maneira ou de outra, é sugerido que, devido aos cuidados específicos para com os pombos-correios, estes estão “imunes” à posição de vetores em que os “pombos urbanos” se encontram, isto é, não se trata de um problema da espécie *Columba livia*.

Estas notícias, portanto, mostram a controvérsia e a variedade e complexidade das relações materiais e simbólicas que podem ser entretidas entre humanos e pombos, os afetos de que estes últimos são capazes em seus encontros com os humanos, bem como outros rumos a que eles podem nos levar. Busquei evidenciar, nesta seção, o principal propósito deste capítulo: o que pode um pombo, de tantas maneiras. Além disso, ao demonstrar toda essa variedade do que é, e o que pode um pombo, fica mais fácil percebermos que, de fato, não são os agentes quem definem as relações a priori, mas os agentes se fazem em relação, pombos e humanos se co-constituem em relação, em seus limiares de afetos, em seus limiares do que podem. Antes de concluir este capítulo, e esta dissertação, gostaria de dedicar uma seção à entrevista que realizei com Alyson Montrezol, docente no Centro Universitário São Judas Tadeu (Unimonte) e fotógrafo, que muito agrega ao que foi discutido até aqui.

3.3 O instante decisivo da conexão entre o céu e a terra: os pombos, o invisível e o agora

Dedico esta seção inteira à entrevista que me foi concedida por Alyson Montrezol, docente do curso de Cinema e Áudio Visual do Centro Universitário São Judas Tadeu – Unimonte, fotógrafo e produtor de curtas metragens. Devido a alguns desencontros quando eu estava em Santos, e indisponibilidade em sua agenda, a entrevista só foi possível de ser realizada em meados do ano de 2018, já na reta final de minha pesquisa, por meio do Skype. A entrevista foi gravada por Alyson e seu assistente, Paulo, para que eu pudesse consultá-la posteriormente e analisar a fundo toda a conversa. Como guia desta entrevista, elaborei

⁹⁴ ABREU, Filomena (2015). “O eterno enigma dos pombos”. *Jornal de Notícias*, 26 de maio de 2015. <www.fpcolumbofilia.pt/FundoNacional2015/JornalDeNoticias.pdf>. Acesso em 03 de dezembro de 2015.

⁹⁵ R7 (2015). “No Distrito Federal, homem cria 176 pombos-correio”. 17 de maio. <www.noticias.r7.com/distrito-federal/no-distrito-federal-homem-cria-176-pombos-correio-17052015>. Acesso em 03 de dezembro de 2015.

algumas questões (Apêndice III) que me eram de interesse para pensar as relações dos pombos com a fotografia, bem como com as pessoas, a cidade e o porto.

Conheci Alyson ao acaso. Sempre que conhecia alguma pessoa na cidade de Santos lhe contava o motivo de estar na cidade: minha pesquisa de mestrado sobre as relações entre pessoas e pombos no porto. Numa dessas situações, em que conheci um aluno de Alyson, este me contou ter um professor que fotografava pombos. Intrigada, quis saber mais sobre o assunto. O aluno me passou o endereço do Instagram de Alyson para que eu visse algumas de suas fotos, ao que me parecia, todas espontâneas, capturando quase que o momento exato em que o pombo alça voo. Pedi, então, para que esse aluno me colocasse em contato com Alyson, se pudesse, pois gostaria muito de marcar uma conversa, ou entrevista, com ele. Logo, eu e Alyson estávamos em contato e, mesmo que um tanto tardiamente, marcamos a entrevista.

Alyson me contou, primeiramente, um pouco de sua trajetória acadêmica e profissional. É graduado em publicidade e propaganda e sempre gostou de escrever e criar narrativas imaginárias. A partir disso, ele percebeu que, por meio da fotografia e da luz, ele podia criar estas narrativas e dizer coisas que não conseguia dizer por meio das palavras. Alyson também contou que seu interesse sempre foi pela fotografia, mas acabou fazendo experimentos com vídeos, dos quais gostou da experiência de se colocar movimento na imagem e, em 2005, foi convidado para dar aulas no ensino superior. Embora, à época, não tivesse interesse em ser docente, ele contou que gostou da experiência e desde então é docente na Unimonte, em Santos.

Depois desta primeira apresentação e contextualização de quem é Alyson, passamos a falar dos pombos, e me interessava saber como estes entraram em suas fotografias, o porquê dos pombos e não outras aves, o que ele achava dos pombos e do porto enquanto morador de Santos, como as pessoas reagiam, tanto às suas fotos, quanto ao instante em que fotografava as aves, enfim, minha questão era tentar entender no que consistia essa relação entre pombos, ambiente (onde se fotografava e onde se publicava a foto), fotógrafo e fotografia. Alyson então me disse que talvez eu fosse ficar decepcionada com sua resposta, mas que tudo havia se iniciado como uma brincadeira. Ele queria brincar com três coisas: a foto mobile, a conexão entre a terra e o céu e o instante decisivo. E me explicou cada uma delas. A respeito da foto mobile, se trata, simplesmente, de fotografar com o celular e não precisar de toda a “parafernália de fotógrafo” – como ele mesmo chamou. Em seguida, me contou que gostava muito de uma frase do fotógrafo Roger Ballen, de que “*os pássaros são muito importantes, pois fazem a conexão entre a terra e o céu*”. Por fim, me falou dessa ideia de instante

decisivo, um conceito do fotógrafo Henri Cartier-Bresson que, para Alyson é “o momento que existe onde a pomba percebe que vai ser fotografada, e é o momento onde eu dou o click”.

Este instante decisivo, do click, que diz muito respeito ao agora, é também quando ocorre a conexão entre Alyson e o pombo. Em suas palavras:

Eu mexo mais no pombo do que nas regulagens do celular, só que, obviamente, o pombo não sabe disso. E eu brinco muito com isso, que o pombo tem um cinismo muito apurado, que ele também fica fingindo que não está fugindo de mim, e ao mesmo tempo eu dando passinhos curtos como ele também dá, e a gente cria uma conexão, que é uma conexão engraçada. Na verdade, é uma piada.

Ainda nesse sentido de existir uma conexão por meio da fotografia, Alyson também falou da *hashtag* que utiliza nas legendas de suas fotos no Instagram, a *#pomboterapia*. Ele me explicou que,

Como muitas terapias, é uma forma de eu me ouvir, de me conectar com alguma coisa. Mas não é com o pombo, e também não é com a fotografia, mas, de certa forma, com os desafios. Por mais que seja super simples, não dá pra pensar em outra coisa, na hora de fotografar um pombo, senão na fotografia do pombo, e isso acaba tendo um efeito terapêutico muito interessante porque, às vezes, eu fico quase uma hora perseguindo uma imagem, querendo que a foto fique daquele jeito, e isso acaba sendo terapêutico porque aquilo de certa forma vai criando uma estética.

O que ficou claro, ao longo da conversa com Alyson, foi que, embora tudo tenha começado como uma brincadeira, as relações e conexões estabelecidas entre Alyson, os pombos, as fotografias, o instante decisivo do click, a repercussão das fotografias nas redes sociais, pôde possibilitar uma série de reflexões sobre o assunto. Por exemplo, Alyson me contou que só consegue fazer a foto mobile com pombos devido à proximidade dessas aves com o ambiente urbano e os humanos. Ele me contou que, normalmente, quando se faz fotos de aves, é preciso todo o equipamento profissional do fotógrafo, já que as aves são ariscas é preciso capturar a foto a partir da distância. Além de conseguir chegar perto dos pombos e fotografar com o celular, Alyson também comentou que fotografar outras aves, como urubus, gaivotas e pequenos gaviões, não gera a mesma piada que fotografar pombos, “*parece sério demais*”. E complementou que já tentou “*fotos de garças, mas com o celular não é tão engraçado, não diz nada, não propõe nenhum diálogo. [...] Apesar de ter nascido de uma piada, me interessa pensar na imagem que se torna invisível na medida em que ela é muito apresentada*”.

Essa questão da invisibilidade do pombo parece, enfim, ser um ponto a que sempre se chega. Alyson estabeleceu alguns paralelos entre pombos, ratos e humanos para pensar que todos, em alguma medida, tornam-se sujeitos invisíveis, marginalizados e que atrapalham. Há uma série de argumentos, todos interligados, nas falas de Alyson, que conectam os pombos à invisibilidade, à questão da tensão entre o belo e o asqueroso, à distância e proximidade, e gostaria de tentar explicá-los, um a um, para que compreendamos no que implica isso tudo. Voltemos, então, ao invisível. Para Alyson, a imagem pode se tornar invisível ao ser muito apresentada. Além disso, para ele, “*peças também podem ser invisíveis, coisas bonitas podem ser invisíveis. Se eu vejo demais, e aquilo deixa de ser importante para mim, então será que a beleza também está associada a uma coisa que é rara?*”. De fato, parece que os pombos, por serem multidão, e frequentemente apresentados, se tornam invisíveis, algo similar ao desinteresse pelo cotidiano (OVERING, 1999) e ao *blasé* de Georg Simmel (2005:581), isto é, “a incapacidade, que assim se origina, de reagir aos novos estímulos com uma energia que lhes seja adequada é precisamente aquele caráter blasé”. E mais, “o significado e o valor da distinção das coisas e com isso das próprias coisas são sentidos como nulos. Elas aparecem ao blasé em uma tonalidade acinzentada e baça”. Assim também os pombos, acinzentados (como é mesmo o caso da plumagem de muitos indivíduos da espécie), deixam de causar estímulos às pessoas, sendo nulos ou, como bem colocado por Alyson, invisíveis. Todavia, Alyson deixa claro que, embora seja algo próprio dos fotógrafos querer dar um novo olhar às coisas por meio das fotografias, a intenção dele nunca foi, *a priori*, fotografar pombos para ampliar o olhar para estas aves. Sua motivação inicial sempre foi a brincadeira, a piada – mas uma brincadeira que possibilitou a reflexão sobre estas outras questões.

A invisibilidade dos pombos, essa anulação do sentir e perceber sua presença, foi constatada por mim em campo, no Porto de Santos. Se retomarmos a ideia principal proposta no primeiro capítulo desta dissertação, temos a presença ausente dos pombos (em sua forma física) e a importância primeira dos pombos quando em bando, multidão. Além de serem invisíveis, para serem vistos era preciso, ainda, que fossem muitos! Para Alyson, no entanto, é interessante também que os pombos estejam perto, o que diz respeito a outro fator interessante para se pensar nos pombos – que é a oposição entre o distanciamento e a proximidade.

Baseando-se no fotógrafo de guerra Robert Capa, Alyson destaca a importância da distância que é tomada do que irá ser fotografado. Parafraseando Capa, ele diz que “*se a foto não está suficientemente boa, é porque você não está suficientemente perto*”. Nesse sentido, para Alyson, os pombos só são interessantes quando perto – uma vez que, pelo fato de se

fotografar com o celular, o distanciamento não permitiria que os pombos fossem vistos na fotografia. Pelo fato de o celular demandar essa proximidade, Alyson também explicou que esse também era um motivo para ele ter escolhido os pombos e não outras aves, as quais ele considerou ariscas e não conseguia chegar perto com o celular. Sobre gaivotas ou águias, por exemplo, Alyson explicou que “*pela distância eu tenho uma relação diferente de afeto*”.

Há, de fato, uma relação diferente – não apenas de afeto – dos pombos em relação à outras aves. Uma diferenciação que não foi reconhecida apenas por mim, nesta pesquisa, ao notar que os pombos não apareciam nos eventos relativos a aves durante a Semana do Meio Ambiente, por exemplo; ou que eles eram antes entendidos como vetor e zoonose do que ave nos acervos documentais pesquisados. Essa diferenciação também foi notada por Alyson em suas fotos. Ao dialogar com a ideia de Ballen, de que os pássaros são a conexão entre a terra e o céu, ele entendeu que isso valia apenas para outras aves, não para os pombos – o que lhe foi desafiador ao tentar unir esta ideia às fotografias de pombos. Para além desta diferenciação diante da conexão entre terra e céu, Alyson também mencionou o caso das garças (quando lhe perguntei o que ele pensava a respeito, já que as garças, ao menos em Santos, estão presentes em parte do espaço urbano) que, a seu ver, “*são consideradas exóticas*”, enquanto “*o pombo está no lugar comum, e ele é demais [no sentido quantitativo, multidão], e às vezes eles se tornam invisíveis justamente por causa disso*”.

Paralelamente à questão de os pombos tornarem-se invisíveis por serem uma imagem muito apresentada, conforme sugeriu Alyson, e tornarem-se visíveis por meio de uma relação, conforme propus, é interessante pensarmos, ainda, no que Rane Willerslev (2006) diz a respeito do que é visível e invisível a partir da distância que se toma. Embasado na fenomenologia de Merleau-Ponty, Willerslev (2006) propõe uma revisão dos sentidos utilizados na pesquisa etnográfica, em especial a visão, que é soberana na antropologia. O principal argumento que Willerslev fundamenta, a partir de sua etnografia com os Yukaghir na Sibéria, é o de que, para se ver algo, é preciso que se tome uma distância deste algo, uma vez que a distância é uma pré-condição para tal, e não um obstáculo. É também a partir da distância que se toma que é possível estabelecer uma aproximação com o “objeto” em questão, e este é o principal ponto de Willerslev a que me atenho. Ao analisar o procedimento adotado pelo caçador yukaghir para capturar sua presa, além das percepções que estão em jogo, ocorre o que Willerslev chama de momento da “sedução” da caça. Este momento, em que o caçador quase se torna presa, soa muito similar ao instante decisivo entre Alyson e o pombo, sendo que ambos necessitam da distância exata entre humano e animal para a captura (da caça ou da fotografia). No entanto, se para Alyson os pombos são interessantes quando

perto, e um novo olhar pode ser dado a eles (que são invisíveis) pelo ângulo das fotografias, já para os Yukaghir o perto demais pode tornar-se invisível⁹⁶. Borrado, e então, invisível – perdido ao ser capturado por uma perspectiva outra. Por isso não se pode chegar perto demais.

Nestes exemplos, a invisibilidade diz respeito a uma frequência em que uma “imagem” é apresentada em abundância (quantidade num intervalo de tempo) e a uma questão de distância que se estabelece até a “imagem”. Estes fatores são, portanto, responsáveis por alterar a percepção visual das pessoas, e talvez do próprio animal. Embora Willerslev (2006) estabeleça um diálogo com a ideia do perspectivismo ameríndio (VIVEIROS DE CASTRO, 2002), não é esta minha intenção, muito menos o caso para se pensar numa possível perspectiva do ponto de vista do pombo – até porque, meus interlocutores sequer cogitaram algo deste gênero. O que me interessa, no entanto, é salientar de que forma as percepções são alteradas, ou revertíveis, à medida que se alteram, por exemplo, quantidades, frequências, distâncias, e o quanto esta percepção diz respeito não a uma composição entre figura e fundo, mas, como entendo, embasando-me em Ingold (2000), ressonância dos agentes com o mundo, e a uma conexão entre os próprios agentes – fotógrafo/pombo, caçador/presa. Isto é, quando Alyson se propõe a fotografar um pombo, ele conta que “*não é a foto da pomba. É a foto da pomba ali*”, e neste instante decisivo da captura da foto, neste tempo do agora, é que se estabelece a conexão, ora entre Alyson e o pombo – quando ele dá passos curtos, tal como o pombo, para fotografá-lo – ora entre Alyson e “outra coisa”, conforme ele explica que pode ser tanto consigo próprio, quanto com o diálogo possibilitado pelas fotografias.

A meu ver, a invisibilidade dos pombos parece ser quase que uma condição *a priori*. Em princípio, ninguém os nota; todavia, quando alguém passa a notá-los, seja uma antropóloga, seja um fotógrafo, a primeira reação das pessoas ao redor é pensar que se trata de uma loucura. Assim foi comigo, assim foi com Alyson – que conta que as pessoas, quando o viam se aproximar dos pombos, deviam pensar “o que este louco está fazendo”. Mas se pombos são, *a priori*, invisíveis, é no momento da relação que se tornam visíveis: por meio das fotografias de Alyson, por meio da etnografia feita por mim, por meio do programa de controle de fauna sinantrópica nociva da CODESP, por meio da alimentação a partir dos humanos, por meio de intervenções artísticas. Por meio de. Sempre, por meio de uma relação, os pombos aparecem, seja enquanto um animal-agente, seja enquanto um animal-signo.

⁹⁶ Willerslev (2006) utiliza a palavra “*blinded*”, que optei por traduzir como invisível (não visível, não visto). Todavia, também existe um duplo significado no sentido em que *blinded* também pode ser traduzido como enganado – caso o caçador se aproxime demais da presa, ele é quem pode ser seduzido/enganado e tornar-se presa.

Neste agora onde ocorrem as relações que trazem os pombos à vista, eles também passam a ser ressignificados, isto é, atribui-se um afeto a mais a eles a partir dessas relações. No meu caso, houve uma associação entre mim e os pombos, tanto no ambiente portuário quanto no acadêmico, e na minha vida social como um todo. Não foram poucas as pessoas que se dirigiram a mim para me contar alguma situação com pombos em que haviam se lembrado de mim e de minha pesquisa. No caso de Alyson, as pessoas viam pombos e logo lembravam-se dele, ou se propunham a fotografar pombos e mandar-lhe as respectivas fotos ou, ainda, ficavam na expectativa das próximas fotos de Alyson, sobretudo quando ele viajava para algum lugar, despertando a curiosidade de seus seguidores do Instagram em como seriam os pombos dos outros lugares. Neste momento, é pertinente a fala de Alyson, de que “*o engraçado é que a pomba é pomba em todo lugar, mas gera uma brincadeira dessa apropriação da imagem da pomba dentro daquele contexto, e isso me diverte*”. Esta fala é decerto muito poderosa, pois mostra justamente o que venho discutindo neste capítulo, isto é, “*a pomba é pomba em todo lugar*”, talvez do ponto de vista biológico, ancorado na noção de espécie. No entanto, esta “*apropriação da imagem da pomba dentro de um contexto*” gera a expectativa de que a pomba não seja, de fato, igual em todo lugar. Neste mesmo sentido, Alyson problematiza o que pode fazer do pombo uma praga, em paralelo aos ratos e (alguns) humanos, e diz:

O que torna o rato asqueroso? Não é a espécie, é o local onde ele vive. Chamar o pombo de “rato com asa” é diminuir o pombo, é uma praga. E o que tornou o pombo, ou o rato, uma praga, fui eu [humano]. E isso pode acontecer com qualquer um, pode acontecer com animal silvestre, e está acontecendo na sociedade. Na medida em que algumas pessoas são pragas, são marginais que atrapalham.

Esta fala de Alyson também diz muito a respeito de uma distinção entre natureza e cultura, uma vez que, para ele, a proliferação de pombos está diretamente associada ao homem que “*se apropria da natureza*” e agora “*os pombos também querem se apropriar deste espaço [humano, urbano]*”. Para Alyson, trata-se de uma tensão entre o uso do espaço por humanos e animais – o que, de fato, é o que venho demonstrando a partir da necessidade de se instituir programas de controle de pombos e outros animais no Porto de Santos, bem como em outras cidades do Brasil e do mundo.

A seguir, gostaria de propor as últimas reflexões de minha pesquisa no que diz respeito às práticas material-semióticas entre pessoas e pombos, voltando, sobretudo, a este ponto levantado por Alyson e seus seguidores do Instagram acerca dos pombos em diferentes

lugares e contextos: o que são e o que podem, como estão em ressonância com o mundo e como os humanos estão “*permanecendo com a encrenca*”.



Figura 30 – Fotografia de um pombo, tirada por Alyson Montrezol e extraída de sua conta no Instagram. Fonte: <https://www.instagram.com/alysonmontrezol/>.

3.4 Permanecendo com a encrenca: agentes, signos e classificações

Como última seção deste capítulo gostaria de retomar os principais assuntos aqui tratados, já a guisa de conclusão, para pensarmos nas práticas material-semióticas (LIEN & LAW, 2011) dos pombos, e que envolvem os pombos, enquanto animais-agentes e animais-signos, conforme venho propondo até aqui, e como se permanece com esta encrenca⁹⁷

⁹⁷ A tradução de *trouble* como “encrenca” é de Sandra Azerêdo, professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais.

(HARAWAY, 2016). Esta proposição parte, conforme já exposto na introdução desta dissertação, da discussão de Felipe Vander Velden (2015), em seu artigo de abertura ao dossiê *Animalidades Plurais* da R@U – Revista de Antropologia da UFSCar, sobre duas perspectivas de se pensar os animais antropologicamente: como agentes/atores/actantes e/ou como signos/representações/símbolos. Perspectivas estas, importante frisar, não excludentes. Como bem apontado por Vander Velden (2015), a chamada virada animalista parece ter empenhado um forte papel crítico à ideia de que animais podem ser bons para se pensar, para simbolizar e significar (e daí, também para xingar ou para proibir). No entanto, embora a crítica seja pertinente para assumir que os animais, de fato, agem no mundo (e não sejam lidos apenas como seres passivos e passíveis das ações, intelectuais e materiais, humanas), não é preciso descartar o, também fato, de que animais simbolizam, significam e representam uma série de ideias aos humanos. Como sugere Vander Velden, não é preciso escolher *entre* uma abordagem *ou* outra. E é isto que pretendi demonstrar com esta dissertação: como os pombos podem ser ora, e simultaneamente, agentes e signos; bons para pensar, embora não tão bons assim para se conviver – embora se conviva, mesmo que considerando-os animais que parecem sempre estar deslocados, fora de lugar; mas pombos, humanos, grãos, e tantas outras presenças incômodas no Porto de Santos, ou no mundo todo, vêm agindo conjuntamente em ressonância à suas próprias maneiras – independentemente se como agentes ou signos.

Nesse sentido, gostaria de destacar, primeiramente, o trabalho de Donna Haraway (2016) que demonstra de maneira admirável como os pombos são bons para se pensar nos seus esquemas de “cama-de-gato” (*string figure*) e demais SFs (*science fiction, speculative feminism, science fantasy, speculative fabulation, science fact, string figures*), uma vez que oferecem uma miríade de possibilidades de se relacionarem e devirem conjuntamente (*become with*) com humanos e tantos outros seres que existem no mundo – num mundo multiespecífico, ou *Terrapolis*⁹⁸. Não pretendo adentrar a fundo na obra de Haraway, tendo em vista a complexidade de seu argumento que envolve uma crítica aos modos de se olhar para o futuro – seja como um futuro salvador ou apocalíptico – e de se “permanecer com a encrenca” (*staying with the trouble*). No entanto, permanecer com a encrenca é uma ideia interessante de se pensar no tempo presente, no agora, e de “aprendermos maneiras de se viver e morrer”. Nas palavras de Haraway (2016:01, tradução minha):

De fato, permanecer com a encrenca requer o aprendizado de ser verdadeiramente presente, não como uma fuga entre um terrível ou edênico

⁹⁸ Termo cunhado por Haraway (2016:11) para designar um mundo multiespecífico de devires conjuntos, politemporal, e aberto para tantas possibilidades.

passado e um apocalíptico ou salvífico futuro, mas como criaturas mortais entrelaçadas numa miríade inacabada de configurações de lugares, tempos, matérias e significados.

Permanecer com a encrenca no caso dos pombos do Porto de Santos parece dizer muito respeito a uma disputa territorial entre tantos agentes em ressonância e constituição mútua ali. Não como sujeitos atuando sobre um ambiente, mas sujeitos e ambiente agindo conjuntamente, devindo junto, co-constituindo-se mutuamente. Entendendo que as “práticas material-semióticas” dizem respeito de um “tornar-se” na relação; isto é, os sujeitos não são *a priori*, mas co-constituídos simultaneamente quando em relação, quando em práticas – conforme vimos no início deste capítulo com Lien & Law (2011) e também com Sahlins (1990) –, e que estas práticas podem ser muitas e diversas, assim também serão estes sujeitos.

No Porto de Santos pude entender que meus interlocutores percebiam os pombos como agentes e signos, mesmo que talvez não tivessem à consciência de que assim os pombos podiam ser. Entendi que, em determinados momentos, os pombos estavam ali, presentes – e presentes fisicamente, com seus corpos – agindo com o ambiente: defecando nas pessoas, nos carros, nas estruturas; comendo os restos de soja esparramados pelo chão; sobrevoando pelos silos, pelas esteiras, pelos navios e trens; pousando nos prédios e nas estruturas portuárias, morrendo ao ingerir substâncias tóxicas ou grãos em excesso – e uma série de outros predicados precedidos de um verbo de ação. Noutros momentos os pombos não estavam presentes fisicamente em ação. Por vezes, eles sequer se apresentavam visualmente. Mas estavam em metáforas e metonímias, em significações e representações – ausência muito presente. Apresentavam-se de outras formas: na forma de suas fezes; na forma de um risco iminente; na forma de políticas de controle; na estruturação das hierarquias e dos conflitos entre instituições e seus funcionários; no modo como o próprio espaço da cidade de Santos se organiza, ora de costas para seu porto, ora orgulhosa dele. E se apresentavam, de fato, bons para se pensar.

Esta enormidade de temas e tópicos foi concluída por minha pesquisa nesta dissertação, em que abordei, primeiramente (no Capítulo I), a questão da “ausente presença” dos pombos e o quanto essa ausência possibilitou perceber o porto como um todo, com sua própria ecologia agindo conjuntamente e transformando-se em ressonância. Em seguida, ao descrever o Porto de Santos como campo etnográfico e de que forma me situei neste campo, isto é, via CODESP e via programa de controle de fauna sinantrópica nociva, também constatei as categorias legais em que os animais estão alocados neste programa, nas leis e instruções normativas, e o quanto estas categorias são utilitárias até certo ponto, a saber, o

controle de animais considerados nocivos (que podem trazer riscos econômicos ou de saúde pública) por meio do manejo do ambiente (sem lidar diretamente com os animais, mas alterar, ou transformar, o ambiente). Sob o título de “*presenças e vestígios*”, o primeiro capítulo consistiu em demonstrar de quais formas os pombos estão presentes no porto, como aves, como fezes, como políticas institucionais, e como não estão só, mas na companhia de tantos outros agentes que compõem e transformam o porto. A primeira descoberta, por assim dizer, é a de que para se ver os pombos, era preciso olhar mais do ou para o porto. Ao mesmo tempo em que ver os pombos, também significava ver algo a mais do porto.

Por conseguinte, sob o título de “*presenças incômodas*”, evidenciei, no segundo capítulo, o principal problema que as pessoas veem nos pombos no porto, suas fezes, mas mais do que isso, suas *cagadas*. Mesmo os pombos podendo ser reduzidos às suas fezes, que são tão emblemáticas quanto seus “autores” (os pombos), os discursos de meus interlocutores apontam para um incômodo, sobretudo, com o fato, ou possibilidade de “*tomar uma cagada*” de pombo. Todavia, a partir deste primeiro incômodo com as *cagadas*, surgem as reflexões acerca das fezes, de fato, como um sinônimo de sujeira visível e uma possibilidade de contaminação por doenças que ninguém parece ver ou conhecer. Além de apresentar seus lados visíveis e invisíveis, as fezes dos pombos também dizem respeito da questão do pombo como multidão e do pombo como um animal monstruoso, liminar, que não pertence a nenhum lugar, ao mesmo tempo em que está em todo lugar. Na sequência deste capítulo, se ver os pombos significa ver algo a mais do porto, também me ative a outras presenças incômodas, como a soja, as autoridades, e o próprio porto quando em relação à cidade.

Ao final, “*o que pode um pombo*”? Neste capítulo conclusivo expando as possibilidades de relações entre pessoas e pombos e as possibilidades do pombo ser. Ao sair do porto, onde “*não existe pombinha da paz*”, conforme me foi dito por um técnico portuário, vemos que os pombos são tão infinitos quanto suas práticas – e as práticas humanas relacionadas a eles –, materiais e simbólicas: símbolo religioso, de amor, paz, pureza, atleta alado, manifestação artística, praga, animal, ave, rato com asa, outro não amado, fotografias, mensageiros, companheiros, heróis. Cada um destes afetos aproxima ou distancia os pombos de alguma categoria já anteriormente posta a eles, isto é, às vezes pombos se aproximam de outras aves, ou de outras pragas, ou de outros signos, ou de outras encrências.

Os significados dos pombos no Porto de Santos dizem muito respeito, sobretudo, às disputas territoriais, aos conflitos e tensões hierárquicos que existem ali dentro. Dizem respeito não apenas às tensões institucionais e poderes que estão em jogo dentro do porto, mas, de certo modo, também fora dele, ao dizer sobre as categorias em que colocamos os

animais (e outros sujeitos) – juridicamente, institucionalmente, biologicamente – e como estas autorizam ou proíbem ações, práticas, existências. No entanto, é esta classificação *animal* que pode garantir, ainda, a existência dos pombos neste agora.

Tomando essa preocupação com a temporalidade, em especial com o agora, com as práticas material-semióticas e as categorizações que são atribuídas aos animais, e com a ideia de se permanecer com a encrenca, destaco uma importância ao caso dos pombos. Conforme vimos, as categorias biológicas (ou zoológicas) e jurídicas (im)postas aos pombos não lhes são suficientes, podendo ser várias, ou nenhuma dessas, simultaneamente: aves, zoonoses, animal exótico invasor, fauna sinantrópica nociva, animal doméstico. São muitas as formas de ser dos pombos. Mas se são mais as práticas e relações que definem os pombos – e os demais agentes em relação – do que as próprias classificações, como se negocia esta controvérsia? Parece-me, afinal, que as categorias são necessárias para, de algum modo, permanecer com a encrenca. Não é assumir que pombos sejam bons para se conviver, mas, se são tão odiados assim pelas pessoas, parece que a única garantia de as pessoas permanecerem com esta encrenca é, justamente, porque existe uma classificação de que o pombo é um *animal* e, portanto, existe também uma lei (Lei 9.605/1998, de crimes ambientais) que garante que os *animais* não sejam mortos legalmente, de forma descontrolada ou abusiva, sob uma classificação outra de que, tal prática, configura um *crime ambiental*. Algumas classificações e dualismos não deixam de existir só porque deixamos de falar neles (Pálsson *apud* Lien & Law, 2011:69), e tentar pensar no que é, e o que pode um pombo, não muda o fato de que as pessoas e as ciências utilizam estas categorias frequentemente atribuídas aos pombos para classificá-los, defini-los e, claro, para se relacionarem com eles. E diante deste tempo presente de incertezas, ameaças e extinções em que estamos vivendo, talvez nós, antropólogos, também devêssemos permanecer com esta encrenca, das classificações e instituições, como uma última garantia de vidas. Mesmo que sejam essas vidas que não amamos.

Considerações Finais

*La calle no es um buen lugar para vivir,
mucho menos para morir.*

(Fito Páez)

Bico calado, toma cuidado, que o homem vem aí.

(Chico Buarque)

Neste momento termino de tecer esta malha que principiei a partir dos pombos. Sendo cada capítulo uma (ou várias) linha(s) de rumo, posta(s) em movimento a partir dos pombos, demonstrei de que formas os pombos estão em relação com, e afetando, as pessoas e instituições ali no porto e na cidade de Santos, ontem e hoje. Pensá-los a partir da antropologia permite que ampliemos o olhar para além das categorias como *aves*, *espécies* e *pragas*, que são de grande interesse das ciências biológicas e que parecem, ao mesmo tempo, dominar e limitar os discursos comuns a respeito desses seres. Permite olhar para estas mesmas categorias de outras formas, desessencializando-as. Só no cenário portuário vimos que pombos podem ser suas fezes, um risco iminente – como uma bomba relógio que pode explodir a qualquer momento – de doenças, ou podem ser entendidos mesmo como animais, protegidos, de alguma maneira, por uma lei (Lei 9.605/1998). Podem também ser domésticos ou silvestres, nativos ou exóticos, e, fundamentalmente, podem estar em todos os lugares e, ao mesmo tempo, não estarem em – ou não pertencerem a, ou não terem direito a – lugar nenhum.

Pombos podem também nos dizer muitas coisas a respeito dos locais em que habitam e das pessoas e demais seres com quem se relacionam e devêm conjuntamente em suas formas agentivas e simbólicas, presentes e ausentes fisicamente. Para além do Porto de Santos as possibilidades do que pode ser um pombo se ampliam ainda mais, conforme demonstrei no terceiro capítulo, a partir de práticas esportivas, artísticas, como atrações turísticas, e mostrando como as categorias de *aves* e *pragas* não são suficientes para pensar e compreender os pombos em diversos contextos, seja em acervos, em ciclos de palestras, na observação de aves e árvores, nas fotografias. São muito mais as práticas material-semióticas que determinarão o que são e o que podem os pombos, do que as classificações postas *a priori*.

Para encerrar esta dissertação, gostaria de evocar uma breve situação ocorrida em campo para a qual, à época, não dei a devida atenção. Entretanto, ao revisitar meus materiais coletados em campo, especificamente as notícias que acessei e fotografei nos acervos da cidade, pude concluir – no sentido de encerrar e de se chegar a uma decisão – esta situação. Prestes a terminar meus trabalhos de campo, como já mencionei, dediquei um tempo a visitar acervos e bibliotecas em Santos. Visitei uma biblioteca que se localizava na orla da praia – um lugar um tanto inusitado para haver uma biblioteca! – em busca de algum material sobre a história da cidade. Ao conversar com a bibliotecária mencionei que minha pesquisa, na verdade, era sobre pombos, ao que ela me respondeu que se eu tivesse ido lá há algum tempo atrás eu veria um senhor que, sempre que ia à orla, os pombos já vinham até ele, pois sabiam

que seriam alimentados. Tratei o fato como mera curiosidade, registrando em meu diário de campo e deixando cair no esquecimento. Quando revisava meus arquivos de fotos no computador, todavia, percebi que este senhor aparecia em quatro das notícias que registrei. Duas delas apenas com fotos de sua pessoa alimentando os pombos, sem qualquer legenda, descrição ou menção no corpo do texto; outra, também com sua foto, mas desta vez com uma legenda: *“O Homem das Pombas”, José Gomes Filho com a pele coberta de micose, é vítima de seu próprio espetáculo.* E outra, por fim, que dizia:

Por volta das 11 horas e às 15 horas, um homem com aparente problema mental joga milho pela calçada e atrai dezenas de pombos. As pessoas que passam param para observar as estripulias que ele faz com as aves. Elas comem o milho da sua mão, ficam em cima de sua cabeça e o cercam até que o saco com a comida se esvazie.





Alguns munícipes colaboram com a alimentação dos pombos



Figuras 31, 32 e 33 – Fotos do senhor José nos jornais. Fonte: *A Tribuna*, 05 de outubro de 2000; *Diário Oficial de Santos*, 03 de fevereiro de 2000; *A Tribuna*, 08 de maio de 1998.

Recentemente, este excerto me remeteu ainda à “mulher dos pombos” do filme *Home Alone 2*⁹⁹, o qual também ilustra um bom exemplo dos pombos enquanto animais-agentes, em sua relação com a mulher que os alimenta na praça, bem como animais-signos, no pingente natalino de um par de pombos brancos dado a Kevin, protagonista do filme, com a recomendação de que se compartilhe com alguém querido, a ser lembrado – o qual, por fim, compartilha com a mulher dos pombos. No filme, os pombos são retratados tanto num sentido negativo, quanto positivo. Negativo, a princípio, na figura da “mulher dos pombos” que se mostra assustadora a Kevin; todavia, como é de praxe no cinema norte-americano com seus finais felizes, a “mulher dos pombos” e seus pombos passam a ser vistos como bondosos e queridos, tendo seu ápice na dádiva de Kevin com o pingente. Pombos brancos para a “mulher dos pombos”! A controvérsia dos pombos – *pigeons* e *doves* – é resolvida perante o espírito natalino norte-americano. No entanto, na vida real fora do universo fictício, pessoas como o “Homem das Pombas” de Santos – SP não tem o mesmo desfecho feliz que o dos estúdios de *Home Alone*, sendo vistas apenas como um incômodo, junto dos pombos.

Insisto, uma última vez, na recusa de se pensar antropológicamente sob os termos de espécie, justamente porque (alguns) pombos, ratos e humanos parecem ter muito mais em comum do que seus “outros amados” de “mesma espécie”: indesejados, marginais, sujos, invisíveis e, por fim, às vezes, espetacularizados. Não é possível equiparar os pombos das ruas com os pombos-correios, ou os ratos do subsolo com os ratos de laboratório ou de estimação, ou os humanos nas ruas com os humanos burgueses que vivem em casas confortáveis. Por vezes os pombos estiveram invisíveis para mim no porto, assim como José Gomes Filho, o “homem das pombas”, esteve invisível em meus materiais de campo até agora. E quantas vezes, pergunto-me, tantos pombos e tantos outros senhores Josés, estes sujeitos marginalizados, estiveram – e estão – invisíveis aos olhos de outros habitantes das cidades e suas instituições? Ou passam a ser visíveis na forma de uma espetacularização de seus corpos, de seus comportamentos e de suas práticas? – como os *freak shows* ou como o conhecido caso da Vênus Negra ou Vênus Hotentote¹⁰⁰. Pombos tornam-se atrações¹⁰¹ turísticas sendo alimentados e empoleirando em corpos humanos, remetendo a esta espetacularização dos corpos, de se tocar e interagir com o “exótico”, o “alheio”. O senhor José se torna fotografia jornalística ilustrando os problemas e perigos dos pombos, da sujeira

⁹⁹ HOME Alone 2: Lost in New York. Direção: Chris Columbus. Produção: Twentieth Century Fox. Estados Unidos, 1992. 120 min. No Brasil o filme foi traduzido como *Esqueceram de mim 2: perdido em Nova York*.

¹⁰⁰ Sobre o assunto, ver Citeli (2001).

¹⁰¹ Nesse sentido, ainda, as fotografias de Alyson, por exemplo, só geram uma piada porque são de pombos, sujeitos marginais, e não de outras aves que causam seriedade.

das ruas, e logo a imagem do senhor José é acoplada à dos pombos como sujeitos das ruas, à margem – tão à margem que até eu mesma, pesquisando o tema, pude, por algum tempo, esquecê-lo. Os pombos, contudo, me fizeram recordá-lo.

Esta pesquisa não trata apenas de pombos – afinal, os animais são bons para se pensar em muitas e muitas outras coisas –, mas, ainda, sobre uma disputa territorial, sobretudo, do espaço urbano, das cidades, das ruas. Segundo Donna Haraway (2016:15), os pombos são “animais do Império”, pois colonizaram o mundo juntamente dos homens brancos europeus, dominando e modificando espaços já habitados. E se os pombos assim acompanharam seus homens em suas embarcações por todo o planeta, também aportaram em “seus” espaços: as cidades. No entanto, o que os pombos talvez não soubessem é que as cidades foram projetadas por homens, para homens, afinal, é “a coisa humana por excelência”, como bem observou Lévi-Strauss (1957:126), por isso estão em constante disputa por estes espaços, juntamente de seus companheiros ratos e humanos.

A arquitetura citadina não é pensada para abrigar estes seres marginais e indesejados, estes outros não amados, mas é lá que eles estão! A esse respeito, a arquiteta Selena Savic e o designer Gordon Savicic realizaram um estudo de caso sobre a “arquitetura hostil” das cidades, dedicando uma parte ao que chamaram de “*unpleasant for pigeons*”¹⁰² – podendo ser traduzido como “desagradável aos pombos”. Neste estudo, a arquiteta e o designer registraram, por meio de fotografias de diversos locais, barreiras que impedem a presença de pombos, como espículas, telas e fios tensores. Contudo, a arquitetura citadina não é apenas hostil aos pombos, como bem observado por eles. As medidas anti-pombos dizem muito mais respeito de a quem é permitida a ocupação do espaço urbano. Para além de telas, espículas e fios tensores, outros exemplos que limitam os espaços são bancos projetados apenas para que se sente, e não se deite, ou pedras pontiagudas cravadas no solo abaixo de pontes e viadutos, desautorizando a permanência de alguns humanos – como o senhor José de Santos – SP. Géis e tintas repelentes e dispositivos magnéticos cumprem a mesma função hostilizante no porto de Santos.

E agora, José? Diante desta arquitetura hostil, esses sujeitos marginais, indesejados, sujos, liminares, fora do lugar, outros não amados e encrencas persistentes, pombos, ratos e tantos senhores Josés encontram nas ruas um refúgio. Para viver e para morrer. Ponho-me em concordância com Donna Haraway (2016) e não aprecio visões salvíficas ou apocalípticas sobre o futuro; todavia, vivemos tempos de luta. E permanecer com a encrenca, como uma

¹⁰² Ver <http://unpleasant.pravi.me/unpleasant-for-pigeons/> e <https://www.atlasobscura.com/articles/anti-pigeon-spikes-hostile-architecture>.

forma de, de fato, aprender a viver e morrer neste agora, pode ser uma maneira estratégica de luta. Mesmo com tantas ressalvas e tanto a ser aprimorado no que diz respeito aos humanos, aos animais e aos outros não humanos, no que diz respeito aos nossos órgãos políticos e instituições públicas, no que diz respeito às tantas classificações científicas, jurídicas, antropológicas em que colocamos (a)os seres do(s) mundo(s) multiespecífico(s), é preciso garantir a permanência daqueles que ainda estão permanecendo com a encrença, mesmo que à sua maneira – IBAMA, ICMBio, INCRA, FUNAI. Não se trata, claro, de reduzir todas as disputas territoriais a uma simples defesa de instituições, no entanto, diante do atual contexto político brasileiro de extinções, não poderia deixar de lembrar destas que, de algum modo, estão (ou estavam) nestas disputas.

Ao fim de tudo, se permanecer com a encrença requer um aprendizado de formas de se viver e morrer neste agora, que possamos, por meio da antropologia e dos pombos (e tantos outros não amados), aprender alguma dessas formas. É, então, pelo que pode um pombo – e a antropologia – que iniciei e agora finalizo essa dissertação com o excerto de Philippe Descola (2016:26-27), pois:

A antropologia nos mostra que o que nos parece eterno, este presente no qual estamos agora trancafiados, é apenas uma entre milhares de outras maneiras já descritas de se viver a condição humana. Assim, mesmo que a solução que queremos para o futuro – algum modo diferente de conviver entre humanos, bem como entre humanos e não humanos – ainda não exista, resta-nos ao menos a esperança de inventar maneiras originais de habitar a terra, uma vez que outras civilizações e outras sociedades já o fizeram antes de nós. A antropologia nos oferece o testemunho das múltiplas soluções encontradas para o problema da existência em comum. Uma vez que todas essas soluções foram imaginadas por homens, não é proibido pensar que nós também podemos imaginar formas novas, quem sabe até melhores, de viver juntos.

E, acrescento, de morrer neste agora.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Taís. Da importância da noção de “demofobia” para pensar a democracia moderna. Trabalho apresentado no 33º Encontro Anual da ANPOCS. Caxambu, 2009.

_____. A demofobia na democracia moderna. *Dados – Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 54, n. 4, 2011, pp. 609 a 650.

ANDERSON, K, Patricia. “A Bird in the House: An Anthropological Perspective on Companion Parrots”. *Society & Animals*, Leiden, v.11:4, p. 394-412, 2003.

APROBATO FILHO, N. O Couro e o Aço: sob a mira do moderno: a ‘aventura’ dos animais pelos ‘jardins’ da Paulicéia, final do século XIX/início do século XX. 2006. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo.

AUGÉ, Marc. *Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas: Papirus, 2008.

BAKHTIN, Mikhail. “A imagem grotesca do corpo em Rabelais e suas fontes”. In: *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1987.

BEISEL, Uli. “Blue Warriors: Ecology, Participation and Public Health in Malaria Control Experiments”. In: GEISSLER. *Para-States and Medical Science: Making African Global Health*. Duke University Press. Durham and London, 2015.

BEVILAQUA, Ciméa. Espécies invasoras e fronteiras nacionais: uma reflexão sobre os limites do Estado. *Anthropologicas*, v.24, n.1, p. 104-123, 2013.

_____. “Direito(s) e agências não-humanas: como julgar os atos de um animal?” In: BEVILAQUA, C. & VANDER VELDEN, F. (orgs.), *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*. Curitiba: Ed. UFPR; São Carlos: EdUFSCar, 2016.

BORSELLINO, Laura. Animales liminales en la urbe: Espacios, resistencia y convivencia. *Revista Latinoamericana de Estudios Críticos Animales*. Ano II, vol. I, 2015.

BLUME, Luís Henrique dos S. “O Porto Maldito: modernização, epidemias e moradia da população pobre em Santos no final do século XIX”. In: FENELON, Déa Ribeiro (org.). *Cidades*. vol. 1. São Paulo: Olho D'Água, 1999.

BRUINELLI, Tiago. Simbologia animal: a pomba e o corvo nos bestiários medievais. *Aedos*, v.2, n.2, p. 230-239, 2009.

CARRIÇO, José Marques. O Plano de Saneamento de Saturnino de Brito para Santos: construção e crise da cidade moderna. *Risco: revista de pesquisa em arquitetura e urbanismo da IAU/USP*, n.22, v.2, p. 30-46, 2015.

CITELI, M. T. “As desmedidas da Vênus Negra: gênero e raça na história da ciência”. *Novos Estudos CEBRAP*: São Paulo, n. 61, 2001.

COHEN, Jeffrey. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

COLLIER, Stephen; LAKOFF, Andrew; RABINOW, Paul. Biosecurity: towards an anthropology of the contemporary. *Anthropology Today*, v.20, n.5, p. 3-7, 2004.

COLLYER, Wesley. Água de lastro, bioinvasão e resposta internacional. *Revista Jurídica*, Brasília, v. 9, n. 84, p.145-160, abr./maio, 2007.

CREADO, Eliane; TORRES, Clara; TRINDADE DE FREITAS, Lukas. “Ambientalismo, tecnociência e espécies emblemáticas: algumas reflexões a partir de elefantes africanos e tartarugas marinhas”. In: BEVILAQUA, C. & VANDER VELDEN, F. (orgs.), *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*. Curitiba: Ed. UFPR; São Carlos: EdUFSCar, 2016.

DEL PRIORE, Mary. *Esquecidos por Deus: monstros no mundo europeu e ibero-americano*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DELEUZE, Gilles. *Espinoso: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*, vol. 4. São Paulo: Editora 34, 1997.

DESCOLA, Philippe. Estrutura ou sentimento: a relação com o animal na Amazônia. *Mana*, Rio de Janeiro, n.4, v. 1, p. 23-45, 1995.

_____. *Beyond nature and culture*. Chicago: The University of Chicago Press, 2013.

_____. *Outras naturezas, outras culturas*. São Paulo: Editora 34, 2016.

DESCOLA, Philippe; PÁLSSON, Gísli (Eds.). *Nature and society: anthropological perspectives*. London: Routledge, 1996.

DOUGLAS, Mary. *Pureza e perigo: ensaio sobre a noção de poluição e tabu*. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991.

DUARTE, H, Regina. “Pássaros e cientistas no Brasil: em busca de proteção, 1894-1938”. *Latin American Research Review*, vol. 41, n.1, p. 4-26, 2006.

ESPINOSA, Baruch. Ética. In: *Os pensadores*. São Paulo: Editora Abril, 1973.

EVANS-PRITCHARD, E. E. *Os Nuer*. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. “Fieldwork and the empirical tradition.” In: *Social Anthropology*. London: Routledge, 2004.

FADIGAS, Leonel de Sousa. *A natureza na cidade: uma perspectiva para a sua integração no tecido urbano*. 1993. Tese (Doutorado em Planeamento Urbanístico). Universidade Técnica de Lisboa.

FARAGE, Nádia. “De ratos e outros homens: resistência biopolítica no Brasil moderno”. In: LÉPINE, C; HOFBAUER, A; SCHWARCZ, L. M. (Org.) *Manuela Carneiro da Cunha: o lugar da cultura e o papel da Antropologia*. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011.

FEELEY-HARNIK, Gilian. “An Experiment on a Gigantic Scale’: Darwin and the Domestication of Pigeons”. In: CASSIDY, Rebecca. & MULLIN, Molly. (Editors). *Where the wild things are now: domestication reconsidered*. Oxford: Berg, 2007.

FELD, Steven. *Sound and sentiment: birds, weeping, poetics, and song in kaluli expression*. Durham & London: Duke University Press, 2012.

FRANÇOZO, Mariana de Campos. *De Olinda a Olanda: Johan Maurits van Nassau e a circulação de objetos e saberes no Atlântico holandês (século XVII)*. 2009. Tese (Doutorado em Ciências Sociais). Universidade Estadual de Campinas.

FORTANÉ, Nicolas; KECK, Frédéric. How biosecurity reframes animal surveillance. *Revue d’anthropologie des connaissances*, v.9, n.2, p. a-1, 2015.

FOUCAULT, Michel. *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes, 2005

GALLINDO, D.; MILIOLI, D.; MÉLLO, R. P. Dançando com grãos de soja, espécies companheiras na deriva pósconstrucionista. *Psicologia & Sociedade*, 25(1), p. 48-57, 2013.

GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

_____. *Obras e vidas: o antropólogo como autor*. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

GELL, Alfred. *Art and agency: an anthropological theory*, Oxford, Oxford University Press, 1998.

GIL, José. Metafenomenologia da monstruosidade: o devir-monstro. In: SILVA, Tomaz Tadeu da (org.). *Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GOULART, Augusto César Pereira. *Tratamento de sementes de soja com fungicidas: recomendações técnicas*. Dourados: EMBRAPA-CPAO, 1998.

HARAWAY, Donna. *Staying with the Trouble*. Durham and London: Duke University Press, 2016.

HATLEY, J. “Blood Intimacies and Biodicy: Keeping Faith with Ticks”. In: *Unloved Others: Death of the Disregarded in the Time of Extinctions*. *Australian Humanities Review*, issue 50, 2011.

HENNING, Ademir Assis. *Patologia e tratamento de sementes: noções gerais*. Londrina: EMBRAPA Soja, 2005

INGOLD, Tim. *The perception of the environment*. London: Routledge, 2000.

_____. *Lines: a brief history*. London: Routledge, 2007.

_____. *Being Alive*. London: Routledge, 2011.

_____. Trazendo as coisas de volta à vida: emaranhados criativos num mundo de materiais. *Horizontes Antropológicos*, ano 18, n. 37, p. 25-44, jan./jun. 2012.

JEROLMAK, Colin. How pigeons became rats: The Cultural-Spatial Logic of Problem Animals. *Social Problems*, vol. 55, n.1, p. 72–94, 2008.

_____. *The global pigeon*. Chicago: University of Chicago Press, 2013.

KELLY, Ann. “The experimental hut: hosting vectors”. *Journal of the Royal Anthropological Institute (N.S.)*, volume 18, Supplement S1: S145-S160, 2012.

KIRKSEY, S. Eben; HELMREICH, Stefan. The emergence of multispecies ethnography. *Cultural Anthropology*, v.25, issue 4, p. 545–576, 2010.

KOHN, Eduardo. How dogs dream: Amazonian natures and the politics of transspecies engagement. *American Ethnologist*, v. 34, n. 1, p. 3–24, 2007.

_____. *How forest think: toward an anthropology beyond the human*. Berkeley: University of California Press, 2013.

LATOUR, Bruno. *Jamais fomos modernos*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.

_____. *Reassembling the social: an introduction to actor-network-theory*. Oxford: Oxford University Press, 2005.

LEACH, Edmund. “Aspectos antropológicos da linguagem: categorias animais e insulto verbal”. In: DAMATTA, Roberto (org.), *Edmund Leach: Antropologia*. São Paulo: Ática, 1983.

LEBON, Gustave. *Psicologia das multidões*. Lisboa: Edições Roger Delraux, 1980.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *Tristes Trópicos*. São Paulo: Anhembi, 1957.

_____. *O pensamento selvagem*. Campinas: Papyrus, 1989.

_____. *Totemismo hoje*. Petrópolis: Vozes, 1975.

LEWGOY, Bernardo. Da domesticidade à biopolítica: agenciamentos e controvérsias multiespecíficas em torno da presença canina no Campus do Vale da UFRGS. In: Anais da VI Reunião de Antropologia da Ciência e Tecnologia. Campinas, 2017. v. 3. p. 02-11.

LIEN, M.; LAW, J. ‘Emergent Aliens’: On Salmon, Nature, and Their Enactment. *Ethnos*, 76:1, 65-87, 2011.

LOPES, Betralda. *O Porto de Santos e a febre-amarela*. 1975. Dissertação (Mestrado em História). Universidade de São Paulo.

LUHMANN, N. *Risk: A sociological theory*. New York: Aldine de Gruyter, 1993.

MAIA, Túllio. *Cada um com sua luta: uma etnografia da relação entre sertanejos e mosquitos no alto sertão sergipano*. 2018. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). Universidade Federal de São Carlos.

MARTÍNEZ, Ricardo Cerezo. *La cartografía náutica española em los siglos XIV, XV y XVI*. Madrid: CSIC, 1994.

MASTRANGELO, Andrea. Nombre y rostro, amistad y parentesco: dimensiones de la relación intersubjetiva humano – perro en un área con leishmaniasis visceral emergente. *Vivência – Revista de Antropologia*. n.49, p. 97-120, 2017.

MAXIMINO, Eliete P. B. O meio ambiente portuário e a arqueologia histórica industrial: o caso do Porto de Santos. *eGesta – Revista Eletrônica de Gestão de Negócios*. v.3, n.4, p. 1-18, 2007.

NADING, Alex. Humans, animals, and health: from ecology to entanglement. *Environment and Society: Advances in Research*. n. 4 p. 60-78, 2013.

NERUDA, Pablo. *Navegações e Regressos*. São Paulo: MEDIAFashion, 2012.

NUNES, Vânia de Fátima Plaza. Pombos urbanos: o desafio do controle. *Biológico*, São Paulo, v. 65, n. 1, p. 89-92, jan./dez., 2003. Disponível em <http://200.144.6.109/docs/bio/v65_1_2/nunes.pdf>. Acesso em 05 Out. 2015.

O'CONNOR, Terry. *Animals as neighbors: the past and present of commensal species*. East Lansing: Michigan State University Press, 2013.

ORWELL, George. *A revolução dos bichos*. Companhia das Letras: São Paulo, 2007.

OSÓRIO, Andréa. A cidade e os animais: expulsão, proteção e novas sensibilidades urbanas entre os séculos XIX e XXI. *Teoria e Sociedade*, Belo Horizonte, n. 21.1, jan./jun., 2013.

OVERING, Joanna. Elogio do cotidiano: a confiança e a arte da vida social em uma comunidade amazônica. *Mana*, Rio de Janeiro, n. 5(1), p. 81-107, 1999.

PARÉ, Ambroise. “De las causas de los monstruos”. In: *Monstruos y prodígios*. Madrid: Siruela, 2000.

PINTO, L.; VARGAS, E. “Leishmania” reflexões sobre o manejo do mundo em contextos de risco sanitário. *Vivência – Revista de Antropologia*. n.49, p. 121-134, 2017.

REZENDE, Cátia et al. Cryptococcus Neoformans: Primeiro Caso Relatado de Isolamento em Fezes de Pombos no Município de Votuporanga-São Paulo. *Revista Brasileira*

Multidisciplinar, [S.l.], v. 12, n. 2, p. 67-78, jan. 2009. Disponível em: <<http://www.revistarebram.com/index.php/revistauniara/article/view/158/129>>.

RIBEIRO, António Silva. Os navios e as técnicas náuticas atlânticas nos séculos xv e xvi: os pilares da estratégia 3C. *Revista Militar*, n. 2515/2516, agosto/setembro, 2011. Disponível em: < www.revistamilitar.pt/artigo/667>.

ROSE, Deborah Bird. “Flying Fox: Kin, Keystone, Kontaminant”. In: *Unloved Others: Death of the Disregarded in the Time of Extinctions*. *Australian Humanities Review*, issue 50, 2011.

ROSE, Deborah Bird; VAN DOOREN, Thom. *Unloved Others: Death of the Disregarded in the Time of Extinctions*. *Australian Humanities Review*, issue 50, 2011.

SAHLINS, Marshall. *Cultura e razão prática*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

_____. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

SANCHEZ, Gabriel. “A natureza deles é dentro da gaiola”: notas sobre percepções de mundos possíveis na prática da canaricultura. *Revista Florestan*, n.07, 2019 (no prelo).

SARTRE, Jean-Paul. *O ser e o nada: Ensaio de ontologia fenomenológica*. Petrópolis:Vozes, 2007.

SEBACH, Sween. Prefácio. In: MARASCHIN, C. & SERRANO, F. *Biossegurança e biopolítica no século XXI*. Porto Alegre: ABRAPSO, 2016.

SEGATA, Jean. A doença socialista e o mosquito dos pobres. *Iluminuras*, v.17, n.42, p. 372-389, 2016.

_____. O *Aedes Aegypti* e o digital. *Horizontes Antropológicos*, Porto Alegre, ano 23, n. 48, p. 19-48, 2017.

SICK, Helmut. *Ornitologia brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

SIMMEL, Georg. As grandes cidades e a vida do espírito (1903). *Mana*, Rio de Janeiro, v.11, n. 2, p. 577-591, 2005 .

SINGER, P. *Animal Liberation*. New York: Random House, 1989.

SORDI, Caetano. *Presenças ferais: invasão biológica, javalis asselvajados (Sus scrofa) e seus contextos no Brasil Meridional em perspectiva antropológica*. 2017. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

STRATHERN, Marilyn. “No nature, no culture: the Hagen case”. In: MacCORMACK, Carol P.; STRATHERN, Marilyn (Eds.). *Nature, Culture and Gender*. Cambridge: Cambridge University Press, 1980.

VAN DOOREN, Thom. A Day with crows: rarity, nativity and the violent-care of conservation. *Animal Studies Journal*, 4(2), p.1-28, 2015.

_____. Vultures and their People in India: Equity and Entanglement in a Time of Extinctions. In: *Unloved Others: Death of the Disregarded in the Time of Extinctions*. *Australian Humanities Review*, issue 50, p. 45-61, 2011.

VANDER VELDEN, Felipe. As galinhas incontáveis. Tupis, europeus e aves domésticas na conquista do Brasil. *Journal de la Société des Américanistes*, Paris, vol. 98-2, p. 97-140, 2012a.

_____. *Inquietas Companhias: sobre os animais de criação entre os Karitiana*. São Paulo: Alameda, 2012b.

_____. Apresentação ao dossiê: Animalidades plurais. *R@u*, v. 7, n. 1, p. 07-16, 2015.

_____. Pequenos espíritos vampiros: mosquitos, malária e índios em Rondônia. In: BEVILAQUA, C. & VANDER VELDEN, F. (orgs.), *Parentes, vítimas, sujeitos: perspectivas antropológicas sobre relações entre humanos e animais*. Curitiba: Ed. UFPR; São Carlos: EdUFSCar, 2016.

VÁSQUEZ-DÁVILA, Marco Antonio (ed.). *Aves, personas y cultura: estudios de etno-ornitologia*. Oaxaca: Carteles, 2014.

VENTURINI, Tommaso. Diving in magma: how to explore controversies with actor-network theory. *Public Understand of Science*, 19(3), p. 258–273, 2010.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. *A inconstância da alma selvagem e outros ensaios de antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

WILLERSLEV, Rane. "To have the World at a Distance: Rethinking the Significance of Vision for Social Anthropology". In: GRASSENI, C. (editors). *Skilled Visions: Between Apprenticeship and Standards*. New York and London: The EASA Series: Learning Fields, vol. 6, Berghan Books, 2006.

XAVIER, F. G.; RIGHI, D. A.; SPINOSA, H. S. Toxicologia do praguicida aldicarb ("chumbinho"): aspectos gerais, clínicos e terapêuticos em cães e gatos. *Ciência Rural*, Santa Maria, v.37, n.4, p.1206-1211, jul-ago, 2007.

Legislação:

ANTAQ. *Resolução 2.240, de 04 de outubro de 2011*: Aprova a norma que regula a exploração de áreas e instalações portuárias sob gestão das administrações portuárias no âmbito dos portos organizados.

ANVISA. *Resolução 72, de 29 de dezembro 2009*: Dispõe sobre o Regulamento Técnico que visa à promoção da saúde nos portos de controle sanitário instalados em território nacional, e embarcações que por eles transitam.

BRASIL. *Lei nº 5.197, de 03 de janeiro de 1967*: Dispõe sobre a proteção à fauna e dá outras providências.

_____. *Lei nº 8.630, de 25 de fevereiro de 1993*: Dispõe sobre o regime jurídico da exploração dos portos organizados e das instalações portuárias e dá outras providências. (Lei dos portos).

_____. *Lei nº 9.605, de 12 de fevereiro de 1998*: Dispõe sobre as sanções penais e administrativas derivadas de condutas e atividades lesivas ao meio ambiente, e dá outras providências. (Lei dos Crimes Ambientais).

_____. *Lei nº 12.815, de 05 de junho de 2013*: Dispõe sobre a exploração direta e indireta pela União de portos e instalações portuárias e sobre as atividades desempenhadas pelos operadores portuários.

_____. *Processo 577/15-52. Diário Oficial da União, Brasília, n.239, Seção 3, p. 3, 15 dez. 2015.*

CODESP. *Resolução DIPRE 237, de 22 de setembro 2016*: Estabelece a obrigatoriedade da implantação do programa integrado de controle e monitoramento da fauna sinantrópica nociva em todas as arrendatárias, consignatárias e locatárias do porto organizado de Santos.

IBAMA. *Instrução Normativa nº 141, de 19 de dezembro de 2006*: Regulamenta o controle e o manejo ambiental da fauna sinantrópica nociva.

Apêndice I: Questionário semiestruturado para pesquisa das relações entre pessoas e pombos urbanos no Porto de Santos

1. Qual o seu cargo/função no Porto de Santos?
2. Em seu trabalho no Porto, você tem algum tipo de contato e/ou interação com os pombos? Se sim, onde (ou de que forma) isso ocorre?
3. Qual sua percepção a respeito da presença dos pombos no Porto?
4. Você acha que essa presença afeta, de alguma forma, no seu trabalho em específico, e/ou na rotina portuária, de forma geral?
5. Você tem conhecimento do Programa de Controle de Pombos da CODESP? Qual a sua opinião a respeito? (por exemplo: para você, o programa tem sido eficiente em sua proposta; você tem notado mudanças depois da implantação do programa; se sim, elas afetaram, de alguma forma, o seu trabalho; você concorda com as medidas adotadas pelo programa). Teria alguma sugestão?

Apêndice II: Caracterização dos espaços portuários

Método: observação dos aspectos sensoriais (visuais, sonoros, olfativos, táteis*) dos espaços portuários combinada com a observação da presença, ou não, dos pombos.

Visuais:

1. Arquitetura; presenças fixas:

- Qual é a forma física e arquitetônica das edificações? (Ex.: armazéns curvados/angulosos; presenças de parapeitos, frestas, vãos, entalhes, ar condicionado);
- O que tem no entorno? (Ex.: pavimentos, árvores, demais tipos de estrutura);
- Como é o solo?;
- Como é a iluminação? (Ex.: focos de luz durante o dia, sombras);
- Tipo de barreira adotada para controle de pombos;

2. Trânsitos; presenças efêmeras, de passagem, constantes:**

- O que tem nas edificações e entorno? (Ex.: trânsito de pessoas, veículos, resíduos, animais, alimento, água, abrigo);
- Frequência média dessas presenças e trânsitos (marcar o tempo de observação, o que é alterado ou não);

Sonoros:

1. Existência de elementos sonoros fixos e transitórios:

- Existência de dispositivos (Ex.: sirenes, alarmes, ar condicionado);
- Equipamentos de trabalho;
- Que tipos de sonoridade existem no entorno?;
- Sonoridade de veículos? (Ex.: trens, caminhões, buzinas);
- Frequência média dos eventos sonoros instáveis/transitórios;

* Esse critério pode servir como complemento, ou em conjunto, dos visuais.

** A depender da frequência de trânsito (Ex.: podem ser pessoas, veículos, animais, resíduos distintos, mas o trânsito dos mesmos, constante).

Questões:

1. Conte um pouco sobre você, seu trabalho, sua carreira;
2. Como surgiu o interesse por fotografia?
3. O que a fotografia significa/representa/é para você?
4. Durante o tempo que se dedicou à fotografia, o que você costumava fotografar?
5. Tinha algum motivo específico?
6. Como surgiu o interesse, ou ideia, em fotografar os pombos?
7. O fato de você estar em Santos (uma cidade com muitos pombos) impulsionou, de certa forma, esse interesse?
8. Qual a sua opinião a respeito dessas aves?
9. Existem algumas teorias de que o aumento de pombos em Santos está diretamente relacionado à expansão das atividades portuárias. Como você vê essa relação?
10. Como é o trabalho de fotografar os pombos na prática? Você utiliza técnicas específicas, diferentes das que utiliza para outros tipos de fotografia?
11. Geralmente você fotografa os pombos em lugares públicos. Como as pessoas ao redor reagem no ato de fotografar?
12. Essas reações na prática são diferentes das reações e comentários no Instagram?
13. Se sim, como são as reações em cada espaço?
14. Como, ou por que, surgiu a hashtag #pomboterapia?

15. O fotógrafo norte americano, Andrew Garn, realizou um projeto fotográfico com pombos. Na opinião dele, o “problema” dos pombos é sua quantidade abundante, pois se fossem raros as pessoas passariam a apreciá-los, o que de certa forma também foi um fator de dificuldade a ele, na tentativa de capturar a beleza das aves. <http://www.audubon.org/news/pigeon-portraits-reveal-city-birds-true-beauty#7>
O que você acha desse projeto? Em alguma medida existem semelhanças com as suas fotografias?
16. Você gostaria de acrescentar mais alguma coisa sobre o assunto, a fim de complementar/sugerir/criticar?